



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE  
PROGRAMA DE ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA**

**MAZZILE TAVARES RODRIGUES**

**“AS GANGUES NÃO EXISTEM MAIS”: FORMAÇÃO E  
PRÁTICAS DE GRUPOS DE GANGUES NOS BAIROS MAPIRI E  
LIBERDADE EM SANTARÉM-PA NA DÉCADA DE 1990**

**Santarém  
2017**

**MAZZILE TAVARES RODRIGUES**

**“AS GANGUES NÃO EXISTEM MAIS”: FORMAÇÃO E  
PRÁTICAS DE GRUPOS DE GANGUES NOS BAIROS MAPIRI E  
LIBERDADE EM SANTARÉM-PA NA DÉCADA DE 1990**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao  
Programa de Antropologia e Arqueologia, para  
obtenção do grau de Bacharel em Antropologia;  
Universidade Federal do Oeste do Pará; Instituto de  
ciências da sociedade  
Orientador(a): Dra. Lucybeth Camargo de Arruda.

**Santarém  
2017**

**Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)  
Sistema Integrado de Bibliotecas - SIBI/UFOPA**

R696g Rodrigues, Mazzile Tavares  
"As gangues não existem mais": formação e práticas de grupos de gangues nos bairros Mapiri e Liberdade em Santarém - Pa na década de 1990./ Mazzile Tavares Rodrigues. Santarém, 2017.  
114fl.: il.  
Inclui referências bibliográficas.

Orientadora: Lucybeth Camargo de Arruda  
Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Antropologia ) – Universidade Federal do Oeste do Pará, Instituto de Ciências da Sociedade -ICS e Programa de Antropologia e Arqueologia – PAA.

1. Gangues. 2. Desvio comportamental 3. Censura e controle. 4. Reação social  
I. Arruda, Lucybeth Camargo de., *orient.* II. Título.

CDD: 23.ed. 364.106



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ - UFOPA  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE - ICS  
PROGRAMA DE ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA

**PARECER REFERENTE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DE ANTROPOLOGIA**

**Professora Orientadora:** Lucybeth Camargo de Arruda

**Autor:** Mazzile Tavares Rodrigues

**Título do Trabalho:** "AS GANGUES NÃO EXISTEM MAIS": FORMAÇÃO E PRÁTICAS DE GRUPOS DE GANGUES NOS BAIROS MAPIRI E LIBERDADE EM SANTARÉM-PA NA DÉCADA DE 1990.

**PARECER:**

No trigésimo dia do mês de agosto de dois mil e dezessete, o acadêmico **Mazzile Tavares Rodrigues**, fez a defesa de seu Trabalho de Conclusão de Curso intitulado "AS GANGUES NÃO EXISTEM MAIS": FORMAÇÃO E PRÁTICAS DE GRUPOS DE GANGUES NOS BAIROS MAPIRI E LIBERDADE EM SANTARÉM-PA NA DÉCADA DE 1990".  
Perante os membros da bancada examinadora, que atribuíram o parecer final:


Nota: 10,0

Local da Defesa: Universidade Federal do Oeste do Pará – Unidade Amazônia – Sala 301.

Data da Defesa: 30/08/2017.

  
**Ma. Raiana Mendes Ferrugem**  
Avaliadora

  
**Dr. Rubens Elias da Silva**  
Avaliador

  
**Dr. Lucybeth Camargo de Arruda**  
Orientadora (Presidente)

## AGRADECIMENTOS

Meus agradecimentos neste trabalho se dirigem a pessoas que direta e indiretamente tiveram importância capital. Primeiramente agradeço meus mestrxs e sua instrução: Ângela Garcia, Anne Rapp Py- Daniel, Florêncio Vaz, Luciana França, Pedro Leal, Raiana Ferrugem, Rubens Elias. Em especial a Lucybeth de Arruda (por ter me ajudado todos esses anos), Luciana Carvalho (uma pessoa incrível que conheci) e Carla Ramos (a qual inicialmente me orientou, mas que teve que se ausentar para dar continuidade a sua carreira).

A meus pais Luza e Pedro; E também a Lorry, Tonny e Narel (meus irmãxs) - obrigado por toda a ajuda que me deram, e meus sobrinhx: Victor, Verônica e Arthur. Aos amigxs (da graduação) pelo apoio para continuar, são elxs: Beatriz Moura, Osinaldo Filho, Anderson Lucas, Vanessa Carvalho, Diego Alano, Suellem Esquerdo, Aldo Lima, Aline Maia, Mourranbert Flexa, João Tapajós, Telma Bemerguy, Marla Reis, desejo sucesso pra vocês sempre; Os amigxs do dia-a-dia que me sinto tão feliz por ter conhecido: Daniele Barroso, Larissa Xavier, Wellyton Cavalcante, Lucas Haddad, Pedro Alcântara, Ingo Ian, Edu Silva, Eduardo Lima, Glawber Alfaia, Jonathan Rêgo, Thiago Magro, Jon Crestani, Jean Miranda, Michael Dany, Jeovane Freire, Felipe Ávila, Samir Santana, Hillne Machado, Lucas Henrique, Fábio Pena, Edson Luiz, Michael Nascimento, Luis Henrique Dias, Silvio “Juba”, Thaty Salomão, Neri Junior, Nycolas Mayer, Gabriele Lopes, Ingrid Brasil, Renan Luis, Andrei Moraes, Bruna Sousa e Lia malcher.

E por último, a “Marcos”, “Diogo” e “Tales” (meus interlocutores), sem eles esse trabalho não teria sido feito. Desejo sempre o melhor para os três, assim como para suas companheiras e filhos que eles possam crescer numa sociedade com mais oportunidades.

Agradeço a todos vocês!

“(...) não existem desviantes em si mesmos, mas uma relação entre atores (indivíduos e grupos) que acusam outros atores de estarem consciente ou inconscientemente quebrando, com seu comportamento, limites e valores de determinada situação sociocultural.”

VELHO, G. 1985.

## RESUMO

O trabalho de campo para esta pesquisa foi realizado no município de Santarém-PA, nos bairros Liberdade e Mapiri, junto a sujeitos de faixa etária entre 30 e 35 anos, ex-integrantes de grupos organizados conhecidos como “gangues”, que atuavam nestes bairros na década de 90 do século XX. A pergunta norteadora da pesquisa foi: como esses sujeitos levaram adiante a participação em grupos desviantes apesar dos constrangimentos dos controles externos? A partir do trabalho de campo e da observação foi possível fazer uma análise sobre suas práticas - nos anos 90, época do auge das gangues – além de obter questões e respostas sobre como eram constituídas as gangues e quais eram seus mecanismos de divisão e controle territorial. E para compor a análise utilizei de jornais da época para entender as categorizações dadas a esses sujeitos (e suas organizações) pelas instituições e outros grupos.

**Palavras-chave:** gangues, desvio comportamental, censura e controle, reação social.

## **ABSTRACT**

The fieldwork for this research was carried out in the city of Santarém-PA, in Liberdade and Mapiri neighborhoods, with some people aged between 30 and 35 years old, ex-members of organized groups known as "gangs", who worked in these neighborhoods in the 1990s of the twentieth century. The guiding question of the research was: how did these subjects carried out participation in deviant groups despite the constraints of external controls? From field work and observation, it was possible to make a review of their practices - in the 1990s, the time of the rise of gangs - in addition to obtaining questions and answers about how they were constituted as gangs and what are their mechanisms of territorial division and control. And to compose the analysis, I used the period's newspapers to understand the categories given to these people (and their organizations) by the institutions and another groups.

Keywords: gangs, behavioral deviation, censorship and control, social reaction.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Mapa de Santarém.....	16
Figura 2 - Mapa da expansão da área urbana de Santarém.....	17
Figura 3 - Localização dos bairros Liberdade e Mapiri.....	18
Figura 4 – Esquema demonstrando a rede formada por conhecidos (família, amigos e vizinhos) do acusado (ego 1) e do acusador (ego 2) .....	24
Figura 5 - localização da praia da SUDAM.....	45
Figura 6 - Foto da praia da SUDAM.....	46
Figura 7 - Inscrições numa porta e paredes em um estaleiro localizado no bairro da liberdade.....	46
Figura 8 - Inscrições numa parede em um estaleiro localizado no bairro da liberdade.....	47
Fluxograma 1 - esquema básico de uma hierarquia em uma gangue.....	51
Figura 9 - Mapa contendo a localização da “galera do beco”, uma das primeiras gangues de Santarém.....	53
Figura 10 - Mapa que assinala os lugares em que a “galera do beco” passou a ter domínio.....	54
Figura 11 - Mapa da expansão da “galera do beco” passando a ser chamada de “gangue da liberdade” .....	55
Figura 12 - Foto a partir de um plano de observação mais afastado do terreno baldio que antes era a “Casa do Forró” .....	56
Figura 13 - Mapa contendo o limite a oeste da gangue da liberdade assim como o território da gangue da Fronteira.....	58
Figura 14 - Enquadramento da sigla da Fronteira (FTR) na parede de um estaleiro naval localizado na rua Silvério Sirotheau localizada no bairro do Mapiri.....	58
Figura 15 - Enquadramento da sigla da fronteira e do nome de um membro de gangue.....	58
Figura 16 - Mapa contendo outros territórios após o esfacelamento da gangue da liberdade.....	59
Figura 17 - Uma das paredes do “matadouro” (localizado no bairro do Salé próximo ao campus tapajós da UFOPA) contendo nomes da gangue do K-bral e de integrantes dessa gangue e de outras.....	60

Figura 18 - Parede interna do “matadouro” contendo o símbolo da gangue do K-bral .....	60
Figura 19 - Enquadramento de uma parte das paredes internas ainda do "matadouro", é possível ver o nome da gangue "horta" .....	60
Figura 20 - Parede do “matadouro contendo o nome “barra suja” .....	61
Figura 21 - Monumento na praça da Liberdade, um dos espaços reivindicados pela gangue da Liberdade.....	61
Quadro 1 – “Números exatos de crimes praticados por delinquentes juvenis e adolescentes” no ano de 1991.....	64-65
Figura 22 - Verso encontrado na parede do “matadouro” .....	78
Fluxograma 2 - Esquema da representação “gangueiro quando quer prestar ou vai pra cadeia, igreja da paz ou Manaus”, nele foi adicionado o “cemitério” .....	85

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>11</b>
<b>CAPÍTULO 1: DELIMITAÇÃO DO CAMPO</b> .....	<b>14</b>
1.1 ELEMENTOS PARA A COMPREENSÃO DO MUNICÍPIO DE SANTARÉM E DOS BAIRROS INVESTIGADOS.....	15
1.2 INQUIETAÇÃO COM O TRABALHO.....	18
1.2.1 “Etnografia de bar, etnografia de beco” .....	19
1.2.2 Desvendando o social.....	25
1.1.3 Divergência e desvio na obra de Durkheim.....	30
1.1.4 A teoria da estruturação de Anthony Giddens.....	32
<b>CAPÍTULO 2: A ABORDAGEM TEÓRICA –METODOLÓGICA: DESVIO COMPORTAMENTAL E MÉTODO ETNOGRÁFICO</b> .....	<b>36</b>
2.1 O DESVIO NA ESTATÍSTICA, PSIQUIATRIA E NO SENSO COMUM.....	37
2.2 SOCIOLOGIA DO DESVIO.....	38
2.2.1 Framework .....	39
2.2.2. Quem faz as regras? .....	40
2.2.3 Os quatro tipos teóricos de desvio.....	41
2.3 O MÉTODO.....	42
2.4 “TORNANDO- SE UM “GANGUEIRO” .....	44
2.5 TERRITÓRIO: DIVISÃO E CONTROLE.....	52
2.5.1. A fronteira.....	57
2.6 CONTROLE, CENSURA, DESVIO, CONFLITO, REAÇÃO SOCIAL E PÂNICO MORAL: OS JORNAIS E O CRIME.....	62
<b>CAPÍTULO 3: “GANGUEIRO QUANDO QUER PRESTAR...” .....</b>	<b>77</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>86</b>

ANEXOS

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

## INTRODUÇÃO

O trabalho de campo para esta pesquisa foi realizado no município de Santarém-PA, nos bairros Liberdade e Mapiri junto a sujeitos de faixa etária entre 30 e 35 anos, ex-integrantes de associações conhecidas como *gangues*<sup>1</sup>. O direcionamento para essa pesquisa surgiu a partir de um exercício etnográfico proposto em sala de aula na disciplina de Teoria Antropológica I, e em visitas ao Instituto Boanerges Sena, em junho de 2012, quando fazia uma pesquisa documental sobre festas populares e turismo, o tema da violência apareceu nos jornais impressos apresentando, de forma muito específica, a criminalidade<sup>2</sup>.

Nas seções policiais jornalísticas é recorrente reportagens sobre assassinatos, prisões de quadrilhas, tráfico de drogas, crimes passionais, entre outras problemáticas selecionadas pela percepção social e pela mídia para representar os principais componentes da “violência urbana”, que são matérias que vendem e alimentam o imaginário sobre o crime na cidade. Esse jogo de escolha das informações leva a situar regiões criminosas, lugares de desordem, e a perpetuação do mito de que a violência só é a delinquência e a criminalidade. E a forma como as informações são passadas nos canais de comunicação faz supor, para um público menos especializado, que a única solução para esses problemas seja a voz de prisão, fechando a discussão como um assunto de interesse estritamente jurídico e policial. Para todos esses casos, é a maneira mais fácil de processar quem comete crimes, porém não é a melhor forma de entendê-los. Nesse processo, ideias como: “bandido bom é bandido morto”, “Tem nego que nasceu para a vida do crime”, “para eles só há dois caminhos, a cadeia e o cemitério!”, “agora vocês querem falar sobre direitos humanos” etc., são produzidas ajudando a compor um acervo de representações e rótulos. O senso comum, ao naturalizar o criminoso, dissolve questionamentos que para a análise socioantropológica são pertinentes.

---

<sup>1</sup> Esses são dois dos bairros em que as gangues pesquisadas atuavam. O trabalho não dará conta de cobrir muito sobre os bairros nem sobre todas as gangues que surgiram ali (pois foram muitas), só as evidenciadas nos dados e nas conversas com os interlocutores. Três são os meus interlocutores Marcos, Diogo e Tales, os nomes são fictícios para preservar suas identidades. Outros (mais ou menos cinco) com quem conversei não quiseram ser vinculados ao trabalho.

<sup>2</sup> – Boanerges Sena é uma instituição que se dedica ao registro de materiais produzidos na cidade como jornais, livros e funciona como uma biblioteca.

Cabe ressaltar que a situação hoje é inteiramente outra com o crescimento e a qualificação do que convencionou a ser chamado de “crime organizado” pela grande mídia televisiva, algo que muito provavelmente existia de longa data, e que ganha qualificação por associação ao tráfico<sup>3</sup>. Mas o interesse do trabalho é outro: como esses sujeitos levaram adiante a participação em grupos desviantes apesar dos constrangimentos dos controles externos. E mais especificamente, entender mais sobre suas organizações e seus mecanismos de divisão e controle territorial.

Com o objetivo de compreendermos o engajamento desses sujeitos em grupos desviantes, apresento uma série de informações sistematizadas a partir dos relatos de “Marcos”, “Diogo” e “Tales”, ex-integrantes de gangues, bem como de jornais da década de 1990, de observações em campo nos bairros Mapiri e Liberdade e por conta de um evento que ocorreu no hospital regional de Santarém em 2014, conversas no WhatsApp e informações de um blog também entraram como dados para a pesquisa<sup>4</sup>. Espero que o leitor perceba que o trabalho é entendido de forma processual: Como aconteceu o engajamento nas gangues por parte dos agentes entrevistados, como as instituições lidavam com elas e como seus integrantes explicavam o fim dessas associações.

Em relação a organização textual, dividi essa monografia em três capítulos, a saber: no capítulo 1 busco situar o leitor sobre a delimitação deste campo, assim como apresento a cidade de Santarém e os bairros investigados, já que eles serão o plano de fundo de atuação das gangues, e as ideias e preocupações que me levaram a querer estudar junto a esses atores sociais. Faço também uma breve explanação sobre teoria sociológica e antropológica, para poder assim dar conta de concatenar com as principais referências.

No capítulo 2 construo o arcabouço teórico e apresento a metodologia usada no do trabalho. A base teórica do trabalho é o desvio comportamental (Lemert, 1951; Becker, 1963), que ajudará a explicar o fenômeno desviante, de forma concisa, coerente e sistemática. Metodologicamente, me sirvo dos tipos de pesquisa: bibliográfica, pelo levantamento de referências já analisadas sobre a temática; etnográfica, ou seja, *in loco*, com a utilização de entrevistas abertas, para nos ajudar a compreender processualmente e polifonicamente as representações desses atores,

---

<sup>3</sup> Por participarem de um microcosmo propenso a ter mercados ilegais como o de drogas, pode ser que essa associação de membros ocorria. Não pesquisei a fundo para constatar essa informação, por isso não entrei nessa discussão.

<sup>4</sup> WhatsApp é um aplicativo de mensagens instantâneas.

além de que também faço uso da fotografia como parte do discurso antropológico; e a pesquisa documental, baseada em análise de jornais da década de 1990 e conversas do WhatsApp e informações de um blog. Neste capítulo, apresento os dados coletados em campo das perspectivas desses sujeitos sobre suas práticas, nos anos 90, época do auge das gangues, expondo suas versões de como se engajaram nesses grupos. Assim como os mapas elaborados junto com os interlocutores apresentando como controlavam e dividiam seus territórios. E apresento também uma análise que fiz dos jornais da época de como as gangues eram representadas pela mídia.

No capítulo 3, apresento a análise de uma expressão, referenciada as associações de gangues, apoiada nos trabalhos de Moscovici (1990) sobre representação social, e Latour (2012) para entender os movimentos e as associações que se estabelecem entre elementos heterogêneos (humanos e não humanos) presentes numa rede de relações. E, por último, as considerações finais.

Dito isto, Convido, então, o prezado leitor a primeiramente entender o recorte que fiz do campo e o que me levou a querer estudar junto a esses sujeitos.

## CAPÍTULO 1

### DELIMITAÇÃO DO CAMPO

Na introdução mencionei que as aulas de Teoria Antropológica e visitas ao Boanerges Sena me impulsionaram a querer saber mais sobre associações de gangues. Porém, para ser justo sobre a escolha desse assunto, também destaco a importância da minha memória afetiva que está intrinsecamente ligada ao trabalho. Por ter conhecido alguns atores dessa trama, quando era mais jovem, fazer uma pesquisa sobre essas associações foi a forma que escolhi para explanar essa discussão.

Após, então, me concentrar em um assunto (por enquanto, chamarei de estudos sobre gangues) e definir um “quase – grupo interativo” (meus interlocutores), e aqui é bom assinalar que 1.) quase-grupo interativo, na literatura antropológica, refere-se a um conjunto de indivíduos em interação, que podem vir ou não a constituir um grupo (Mayer, 1966); 2.) Grupos de gangues não são mais comuns na cidade de Santarém; 3.) O que há hoje em dia são pessoas que antes faziam partes de gangues, e hoje, esporadicamente, saem ou se juntam para conversar ou se divertir, podem até formar novos grupos, mas não no sentido de ainda se organizarem como “gangues”. A exemplo dos meus interlocutores, apesar de se conhecerem, não se organizavam como grupo. O passo seguinte era realizar leituras e buscar referenciais teóricos adequados à análise desse fenômeno. Fui orientado por professores a me contextualizar com as teorias gerais e de me concentrar no exercício etnográfico, assim como escolher métodos e planejar o cronograma da pesquisa. Resolvi então buscar referências bibliográficas sobre gangues esperando encontrar um material a esse respeito. Voltei ao instituto Boanerges Sena, fui nas bibliotecas da universidade e na internet onde imaginei que deveria se concentrar textos nos vários formatos (tese, dissertações, artigos e publicações em geral) sobre o tema. Constatei que era um assunto bastante estudado, mas não necessariamente aqui na cidade de Santarém, e a maioria das referências a esses estudos encontrava-se dispersa sob diferentes títulos como teorias da criminalidade, estigma social, delinquência juvenil, entre outros.

As referências sobre o lugar que eu pesquisava, a cidade de Santarém, se delimitava a páginas de jornais sobre a criminalidade na década de 1990, como esses jornais eram registros imediatos sobre o assunto, eles entraram no trabalho como dados primários por dois motivos: eram os principais divulgadores da discussão e por que é neles que se encontra grande parte dos dados da época.

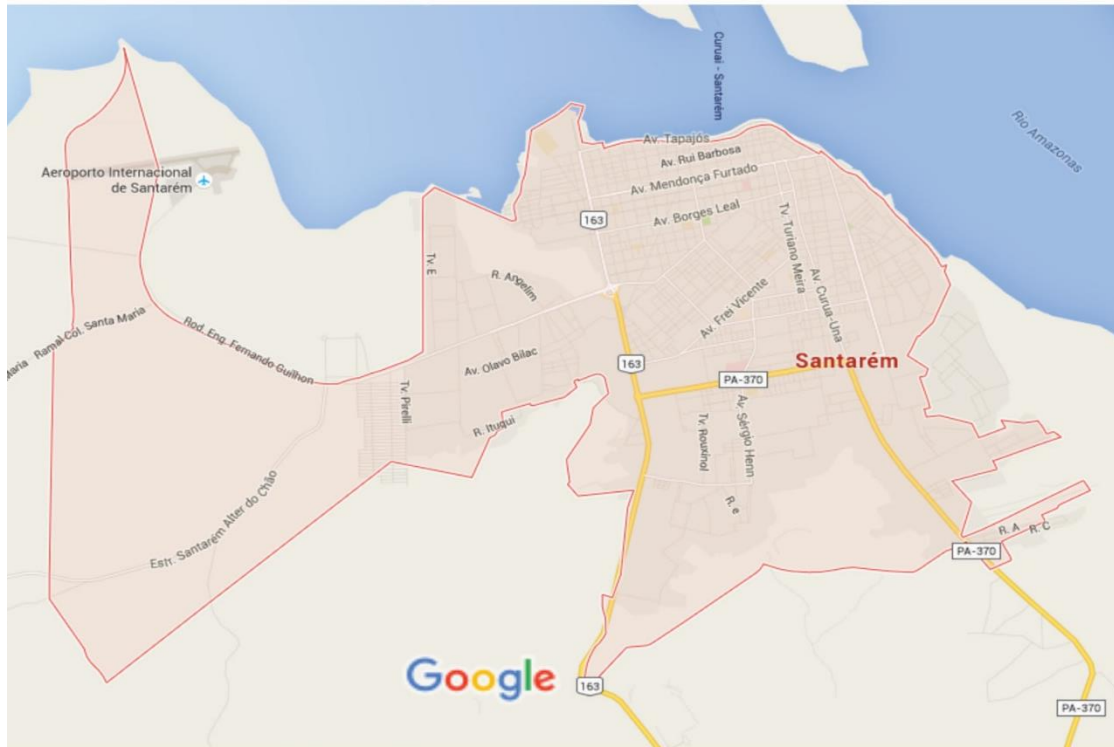
Para ser mais conciso busquei diminuir a escala do universo a ser investigado e passei a me focar em dois bairros: Liberdade e Mapiri. Saliento que o motivo da escolha desses bairros não foi arbitrário. A princípio, o assunto me chamou a atenção, pois os jornais e pessoas com quem conversei, ao menos oito, os destacavam como lugares “violentos”; e particularmente, remete-se a minha infância com as histórias que ouvia de amigos e me levou a escolhê-los por conta de certa “familiaridade” com esse lugar.

Mas faz-se necessário não só delimitar o “campo”, mas apresentar elementos sobre a cidade e os bairros já que eles foram o plano de fundo para a atuação das gangues. A seguir, uma breve explanação sobre a formação do município de Santarém.

## 1.1 ELEMENTOS PARA A COMPREENSÃO DO MUNICÍPIO DE SANTARÉM E DOS BAIROS INVESTIGADOS

O município de Santarém localiza-se à margem direita do rio Tapajós, confluente do Amazonas no oeste do Pará. Possui uma área de 17.898,388 km<sup>2</sup> com uma população de pelo menos 294.580 habitantes (IBGE, 2016). Apesar de sua história remontar mais de 300 anos, foi muito recentemente, a partir das décadas de 1960 e 1970 do século XX, com mais uma tentativa de “desenvolver” a Amazônia brasileira que o processo de urbanização pela abertura de rodovias foi se acentuando. Esse empreendimento teve como objetivo inserir a Amazônia à esfera capitalista usando núcleos urbanos como pontos estratégicos para uma efetiva ocupação de modo que esses núcleos e as cidades (e isso inclui Santarém) passaram a ser verdadeiros suporte de ocupação (Oliveira 2007).

Figura 1 - Mapa da cidade de Santarém- PA. Cidade onde foi realizada a pesquisa. Fonte: google maps (2014)



Na década de 1980, nesse município, houve um acelerado processo de expansão urbana, acompanhando a orientação dos eixos das rodovias Santarém-Curuá-Una, Cuiabá-Santarém e Av. Fernando Guilhon (Santarém-Aeroporto). Essa expansão assumiu grandes proporções estendendo sua periferia nas direções sul (Cuiabá-Santarém e Santarém-Curuá-Una) e sudoeste (Fernando Guilhon), e nesse processo de periferização surgiu numerosos e populosos bairros “ilegais” (Oliveira, 2008), isto é, subdivisões periféricas que não disponibiliza a maioria dos serviços de infraestrutura e caracterizado por, em um primeiro momento, barracos de concreto ou madeira (autoconstruções), e décadas depois, transformando-se em casas, urbanizando os bairros.

Para entendermos o processo de “periferização”, devemos entender primeiramente o que estou chamando de “periferia”. A noção de periferia não se refere somente ao espaço externo excluído do capitalismo em que as subclasses supostamente existem e resistem, em oposição ao espaço interno onde fica o “centro”. Há essa acepção que tornou-se popular até como um discurso homogeneizador para a ampla heterogeneidade das condições desses assentamentos afastados.

Sociologicamente, “periferia” e “centro”, referem-se as relações de dependência mútua – a produções sociais do espaço – onde as partes componentes definem-se por meio de mecanismos de dominação e resposta. Cada parte abarca elementos políticos, legais, sociais e de infraestruturas cujas inter-relações mudam e cujo uso discursivo as vezes se homogeneíza. Como consequência, assim como ambos os lugares (centro e periferia) e conceitos, os termos-chave “periferia”, “cidade” e “urbano” mudam de lugar e de significado com o tempo, da mesma forma que os contextos jurídicos e políticos que, de qualquer maneira, quase sempre se perdem na tradução (Holston 2013). Uma determinada área da cidade pode ter um processo de urbanização que com o tempo não será mais vista como uma periferia, outras ainda podem ter o destino contrário.

O mapa da expansão (imagem 2) ilustra em vermelho a localização desse centro assim como um padrão centrífugo que se intensificará nas décadas seguintes<sup>5</sup>. Baseada nos trabalhos de Amorim (1999) e Silva (2001), Oliveira (2008) nos diz que a expansão nas décadas seguintes (anos 50 aos anos 70) evidenciará dois grandes bairros: Prainha e Aldeia, indicado em verde.

Figura 2 - Mapa da expansão da área urbana de Santarém, de 1940- 1994. Fonte: Oliveira (2008), adaptado do google maps.



Esses dois grandes bairros se subdividiram, da Prainha na zona leste, formou-se os bairros do Santíssimo e Santana. A Aldeia, na zona oeste, se expandiu

<sup>5</sup> Centrífugo, aquilo que se afasta ou procura afastar-se do centro. (Novo Dicionário Eletrônico Aurélio versão 5.11<sup>a</sup>, 2004).



que tem ideias sobre o pesquisador e a pesquisa, além de quê, o pesquisador não é imparcial.

Como já mencionado, optei pelos bairros Mapiri e Liberdade pela “familiaridade”, porém, essa “familiaridade” não era um conhecimento versado sobre os sujeitos<sup>6</sup>. Como convivi uma parte da infância com filhos ou conhecidos de integrantes de gangues, e por eles me chegavam histórias sobre o “crime”, passei a acreditar que sabia algo sobre, porém ao começar a pesquisa entendi que pôr em perspectiva era importante para uma compreensão maior sobre o assunto. Mas como? Transformando o que me era “familiar” em “exótico”. O eminente antropólogo urbano Gilberto Velho dizia “que o que sempre vemos e encontramos pode ser familiar mas não é necessariamente conhecido e o que não vemos e encontramos pode ser exótico mas, até certo ponto, conhecido” (1981, pg. 126). “Esquecer”, de certa forma, o que sabia, para entender mais sobre o universo pesquisado implicava que deveria então participar desse universo, e manter uma relação com os interlocutores, nesse sentido, para saber mais a partir de suas perspectivas, a relação que passei a ter com meus interlocutores foi de fiabilidade. Duas experiências que tive no tempo da pesquisa pode demonstrar isso, mais do que isso, ofereceu-me subsídios para uma compreensão sobre a vida social. Esses dois relatos dramatizam bem situações que tive que enfrentar. A primeira foi com dois de meus interlocutores num bar, e a segundo com amigos da infância na véspera do natal do ano de 2013 na rua em que moramos. Esse drama será minha porta de entrada para uma crítica as formas de análise do social, e em decorrência dessa crítica aproveito para introduzir as bases teóricas do trabalho.

### **1.2.1 “Etnografia de bar, etnografia de beco”**

Nos anos de 2012, 2013 e 2014, durante a graduação, acabei me envolvendo em várias atividades da universidade como no diretório acadêmico, grupos de pesquisas sobre terreiro, estudos de comunidades, festas populares, assim como em questões que não eram da minha área, mas que me chamavam a atenção como cybercultura, filosofia analítica, epistemologias da ciência, assim como organizando

---

<sup>6</sup> Esses interlocutores não me eram totalmente estranhos, eram conhecidos, de certa forma, no bairro.

festas universitárias, passando horas na biblioteca, ou quando acabava a aula passava a tarde até a noite na companhia de amigos conversando sobre os mais diversos assuntos. Sempre fui alguém que falava “sim” sem pestanejar para qualquer coisa, hoje em dia vejo que isso é um problema, porém, não me arrependo se não fosse por isso não “abriria minha mente” para um mundo de descobertas. Nesse tempo sempre voltava à noite e a pé, as vezes de madrugada. Apesar da distância entre o *campus* e minha casa “tomava” sempre cuidado para os problemas que podiam ocorrer no caminho de volta.

Dentre essas idas e vindas, numa noite, quando chegava quase no perímetro onde moro, um carro parou ao meu lado. Fiquei apreensivo, era por volta das 23:00, e a única coisa que esperava naquele momento era o pior acontecer, porém o que aconteceu foi outra coisa. Alguém dentro do carro chamou meu nome. Olhei em direção ao carro e nele havia cinco pessoas e para minha surpresa dois dos meus interlocutores Marcos e Diogo. Quando me viram começaram a gritar meu nome me convidando para dar uma volta e ir num bar na Cuiabá<sup>7</sup>. Depois de uns segundos refletindo, disse sim ao convite e entrei no carro. Primeiramente não estava acreditando naquilo que estava acontecendo, depois fiquei imaginando várias coisas e por fim resolvi me concentrar e participar daquele momento. Reparem que já conheço os meus interlocutores, isso quer dizer que já havia tido interações anteriores com eles, mas essas interações se deram por conta da pesquisa, não os conhecia antes disso.

No começo decidi somente observar, e eventualmente falava ou perguntava algo. Era uma interação social que não necessariamente tinha haver com a pesquisa. Ora! Fui convidado para “dar uma volta”, só precisava participar. Fomos ao bar de um português na Cuiabá que estava lotado. Essa lotação se devia a duas coisas, 1º) O “litirão” naquele tempo era R\$ 3,50; 2º) Próximo ao bar funciona uma casa de show. O meu papel naquele lugar não era o “pesquisador Mazzile”, mas o “Mazzile, um chegado nosso”. Fui apresentado então por Marcos a vários outros “chegados”, todos homens, que tinham por volta de uns 35 a 40 anos. Imaginei que eles poderiam ser velhos conhecidos dos tempos das gangues. O que acabou se revelando como verdadeiro. Conheci algumas “personalidades” de antigamente, pessoas “consideradas” que tinham um respaldo grande naquele momento, naquele lugar, com

---

<sup>7</sup> Cuiabá se refere a rodovia federal Cuiabá-Santarém.

aquelas pessoas. Era como uma confraternização. Uma forma de sociabilidade completamente diferente da que eu estava acostumado. Muitos dos caras que estavam ali participaram em algum momento de gangues, ou conheciam pessoas que foram de gangues.

As pessoas que estavam comigo na mesa frequentemente saíam para conversar com alguém num lugar afastado. Não ficava especulando sobre o que conversavam com os outros por que achei que não iria me levar a lugar algum. Como ali era um ambiente que borbulhava informação resolvi me manter “ligado” no que acontecia. Eram sempre irrequietos. Olhavam sempre para os lados. Enchiam um copo, viravam e saíam da mesa falando alto quando viam alguém. Tentava acompanhar seus olhares para saber o que miravam. As vezes era alguma garota, as vezes alguém que conhecia. Até que determinado momento da noite percebi que estava acontecendo algo estranho. Alguém falava de forma alterada, enquanto que um dos caras da mesa onde eu estava cochichava com outro. De repente os que estavam na mesa, que eu estava, se levantaram! A única coisa que conseguia pensar era “me ferrei”, e sem pensar acabei me levantando da mesa também. Qual era a situação? Um dos caras do bar da frente tinha contas a acertar com um cara da minha mesa (que não era nenhum dos meus interlocutores), o problema era uma “treta” antiga<sup>8</sup>. O sujeito atravessou a Cuiabá acompanhado de mais alguns amigos segurando na mão um capacete, apontavam e se dirigiam em nossa direção. Na mesa, um dos sujeitos me tranquilizava dizendo que não ia acontecer nada naquela noite. Nesse movimento de atravessar a avenida, como havia muitas pessoas ali, que a propósito se conheciam, acabaram “tirando de tempo os caras” dali<sup>9</sup>. O sujeito foi levado para longe, falando alto, e a situação foi se acalmando. Depois desse momento de aflição, recuperado do susto, voltei para as conversas na mesa e passado algumas horas resolvemos que deveríamos partir.

Cheguei em casa, fiz algumas anotações e fui dormir. Apreendi nessa noite como os eventos passados ainda são bastante significativos para esses sujeitos. Eles “não esquecem”, em parte por conta dos ânimos inflamados pela ingestão do álcool, mas também porque problemas antigos ainda precisam ser resolvidos. E como todo e quaisquer grupos esse também possui um *ethos* (algo característico e próprio do indivíduo ou do grupo). Poderia sugerir aqui que seria formado a partir da violência

---

<sup>8</sup> Treta é um conflito.

<sup>9</sup> Tirar de tempo significa neutralizar uma situação.

(de certa forma exagerada, mas não fantasiosa) e de como devem resolver esses conflitos, resultado de várias escolhas.

A segunda situação aconteceu em dezembro do ano de 2013. Durante os meses de outubro a dezembro passei a me envolver novamente com meus amigos de infância. Minhas reais intenções para esse envolvimento não tinha nada haver, pelo menos conscientemente, com a pesquisa. O fato era, como estava passando por alguns problemas, queria “dar um tempo” da minha vida acadêmica e de pessoas. Não era que estava completamente alheio a pesquisa, tanto é que durante estar com meus amigos descobri coisas como: quem era que no bairro havia morrido e por qual motivo, quem havia sido preso, quem estava foragido, quem estava vendendo substâncias ilícitas, quem havia adquirido alguma arma de fogo, entre outras coisas. A maioria das conversas dos meus companheiros de infância giravam em torno dessas questões.

Os amigos de infância mais próximos eram dois, para preservar suas identidades, darei os nomes de Ricky e Guimi<sup>10</sup>. Os outros havia conhecido naquele ano, mas não era tão próximo quanto era desses dois. Foi um tempo de experiências. Costumávamos ir a shows de forró, sertanejo, pagode, estilos musicais que não estava habituado, porém, não tinha problema e sempre me agradava ir com eles nos mais diversos lugares.

No mês de dezembro resolvi aceitar um convite que me fizeram para ir com eles em um show que aconteceria na noite de 24 de dezembro, véspera de natal, num clube conhecido como Atlético Cearense, para vermos a banda manauara “Rabo de Vaca”<sup>11</sup>. O lugar estava altamente lotado, muito “empurra-empurra” e ameaças de brigas. O show não demorou para começar. Nesse tempo, havia uma música que fez bastante sucesso onde o vocalista quando dizia “eu joga o gelinho”, o público o “obedecia” e começavam a jogar gelo para cima com a intenção de acertar uns aos outros, nem a banda escapava. O auge dessa brincadeira de mau gosto era jogar latas cheias de cervejas e até baldes, o que acabava criando enormes confusões a ponto do vocalista ameaçar de não mais cantar se aquilo continuasse.

Éramos um quase-grupo interativo de dez pessoas, cinco rapazes e cinco moças: Mazzile, Ricky, Guimi, Roberto, Luan, Diane, Carol, Sandra, Renata e

---

<sup>10</sup> Com “eram” faço referência a esse ano e a esse dia de 2013. Hoje em dia sou mais próximo de um do que outro.

<sup>11</sup> Manauara ou manauense, De, ou pertencente ou relativo a Manaus, capital do Estado do Amazonas. (Novo Dicionário Eletrônico Aurélio versão 5.11<sup>a</sup>, 2004)

Fernanda<sup>12</sup>. Chamo de quase-grupo, pois estávamos centrados em um ego (Ricky), no sentido de que a existência, ou reunião, desse conjunto de atores depende(u) de um ator específico como foco organizador central (Mayer, 1966). Ricky era, no final das contas, alguém bastante articulado e conhecido por muitos. Em determinada hora do show, Luan começou a ficar altamente alcoolizado e estava atrás de confusão. Demos conta do sumiço dele e passamos a procurá-lo. Minutos depois soubemos que ele estava numa discussão no banheiro, ninguém soube explicar o porquê e ele muito menos por conta do estado que se encontrava. Ficamos sabendo por terceiros que havia alguém armado naquele lugar que queria “pegá-lo”. Como o clima começou a ficar “pesado” decidimos que era melhor sair dali para não causar mais confusão. Achávamos que o problema estava no Atlético Cearense, porém, não sabíamos que estava num lugar onde menos esperávamos.

Como cinco dessas dez pessoas moravam na rua da Salvação, no bairro da Liberdade, e eu fazia parte desses cinco, decidimos ir para lá para aproveitar o resto da noite. Dividimo-nos em dois conjuntos para caber em dois carros. No veículo que eu estava, o dono, que eu não conhecia, teve que ir para outro lugar e só nos deixou na rua da Salvação e foi embora. Enquanto Guimi que estava dirigindo o outro carro ficou. Paramos na frente da casa de Ricky, pois na frente, ou seja, no outro lado da rua, funcionava um bar e quando chegamos já haviam pessoas ali. Isso devia ser por volta das 2:00 da madrugada. Tudo começou quando Guimi resolveu comprar cigarros e para ser mais rápido optou por ir de moto e deixou seu carro com o som ligado. O que aconteceu a partir disso foi que Ricky aumentou o som de carro e no calor do momento acabou subindo nele (todos ali pareciam concordar que aquilo era uma falta de respeito) e quando resolveu sair acabou amassando a parte superior obstruindo a porta do motorista, um problema que só poderia ser resolvido por um profissional, nada nem ninguém naquela noite poderia resolver essa situação. O que aconteceu nos momentos seguintes foi: 1) a tentativa (fracassada) de Ricky resolver essa situação; 2) a volta de Guimi e 3) uma confusão com um cliente do bar e Ricky.

Quando Guimi viu a situação do carro, tentou também dar um jeito, mas um dos clientes do bar não parava de falar sobre o acontecido, o que acabou por

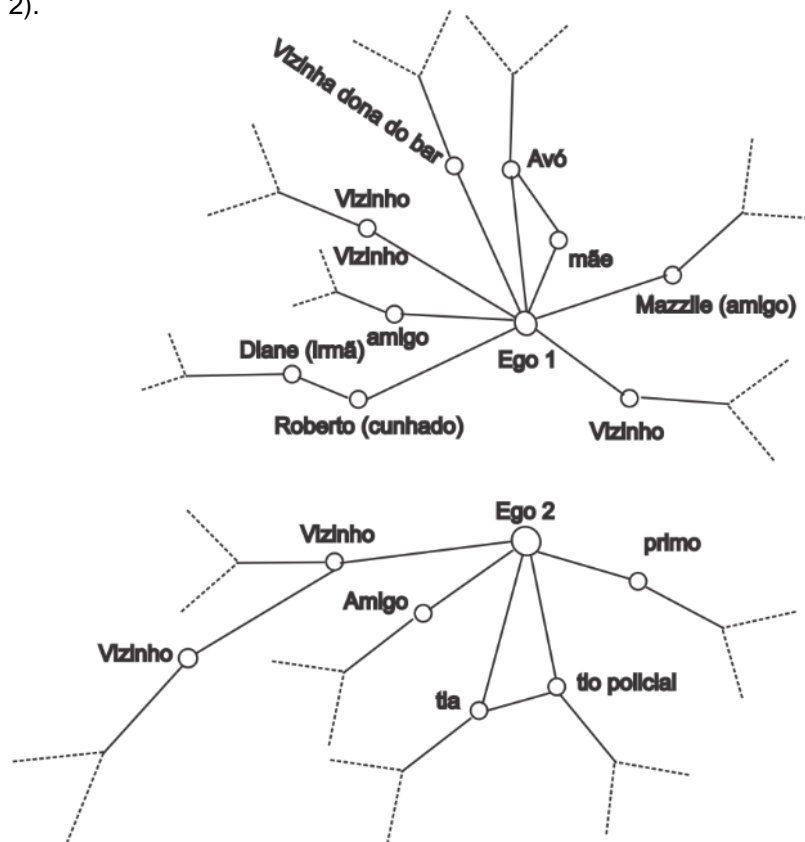
---

<sup>12</sup> O conceito de quase-grupo já apareceu no texto antes, usei para me referir aos meus interlocutores. Uso essa terminologia tanto para eles quanto para conjunto que formamos nesse dia (24 de dezembro) para não confundir com o conceito de grupo, que pode ser definido como um número determinado de membros que mantem alguma forma de interação esperada entre si - quando não em termos de direitos e obrigações. Grupo e/ou associação manifestam "uniformidade" nos critérios de associatividade que fundamentam a interação, sejam elas informais ou corporativas (Mayer, 1966).

aborrecê-lo resolvendo ir embora dali segurando a porta do carro pelo lado de fora. Enquanto isso, no bar, uma confusão começou com uma série de ofensas intermináveis, entre Ricky e o cliente, e o aparecimento de várias pessoas na frente de suas casas para saber o que acontecia.

Uma das minhas características é que não sou propenso a conflitos, por isso não sei muito o que fazer quando estou em um. Durante a confusão a única coisa que sabia fazer era parar e observar. Nada do que eu fizesse ia resolver a situação, pois ela estava tão nervosa e com tantas pessoas que eu só iria ser mais um tentando dar caminho para tudo aquilo. Minha “cabeça” de antropólogo começou a funcionar da seguinte forma: quem era as pessoas que estavam mais aprofundadas na confusão? Como conheço uma parte daquelas pessoas, entendi que estava lidando com parentes e conhecidos dos dois lados, do acusador (o cliente do bar) e do acusado (Ricky).

Figura 4 – Esquema demonstrando a rede formada conhecidos (família, amigos e vizinhos) do acusado (ego 1) e do acusador (ego 2).



Nos dois lados havia uma série de pessoas que estavam lhes defendendo verbalmente. A imagem (figura 4) de dois conjuntos finitos de interconexões (no caso

compostas por familiares, vizinhos, amigos, etc.), pode dar uma ideia do que estava “vendo” naquele momento. Um confronto que se estabelecia por conta de dois egos. Parei com os meus devaneios quando Ricky entrou em sua casa. Eu havia entrado na casa para tentar segurá-lo mais longe possível do seu acusador, mas Ricky acabou usando outra passagem e voltou para frente do bar com uma faca correndo para cima do seu oponente enquanto sua mãe junto com sua avó, aos gritos, corria para segurá-lo. No outro lado, o tio do acusador, que era policial, puxava uma “38” da cintura. O que aconteceu a partir dali foi uma série de choro de várias mulheres no local, gritaria por parte de vizinhos e amigos de ambos os lados segurando-os para que nada de pior acontecesse. Nesse momento “saí” pelo lado de Ricky tentando afastá-lo da confusão. Durante um tempo prestei atenção no que as pessoas falavam, eram questões voltados para o passado, acionado nesses momentos por frases como “pensa que eu me esqueci...”, “eu sei quem foi o teu pai...” (se referindo aos problemas com a geração anterior). O pai de Ricky havia sido de gangue. Um conflito antigo foi atualizado num conflito recente. Passados alguns minutos os ânimos se acalmaram, e as pessoas voltaram para as suas casas. Durante alguns meses ficou um clima desagradável entre as famílias e os vizinhos, provavelmente até hoje alguns não se falam.

### **1.2.2 Desvendando o social**

De tudo isso que aconteceu nesses dois fatídicos dias pude refletir sobre como é que as relações, ou antipatias, também podem ser produzidas? “Do nada” acontece situações imprevisíveis, formando-se teias com muitos significados. Surgem atores que nunca imaginamos estar interação com eles, mães de amigos, vizinhos que não nos cumprimentam, amigos de amigos, parentes, desconhecidos. Envolvemo-nos em brigas, fofocas, manipulações. Estas situações e processos podem ocorrer a qualquer momento na vida de qualquer pessoa, muitas vezes nos envolvendo profundamente neles, e eles constituem, basicamente, o material fundamental da vida social.

A partir dessas experiências acho complicado conformar o que aconteceu com modelos que tratam o social como um “todo coerente”, “em equilíbrio”, com grupos permanentes, com posições e papéis sociais definidos amparados por

sistemas de valores fixos. Na sociologia e na antropologia, deram o nome a essa perspectiva, respectivamente, de funcionalismo e de funcionalismo estrutural.

Na sociologia francesa o principal nome da corrente conhecida como funcionalismo foi Émile Durkheim. No livro “Da divisão social do trabalho” (1930, 1999), explica ele que a palavra “função”, conceito chave do funcionalismo, tem sido usada para: 1º) designar um sistema de movimentos vitais; 2º) exprimir uma relação de correspondência que existe entre esses movimentos e algumas necessidades do organismo. Segundo Durkheim, a segunda acepção é que importa para a sociologia. Diz ele: “Não podemos empregar o (termo) de objetivo ou de objeto e falar da divisão do trabalho porque seria supor que a divisão do trabalho existe *tendo em vista os resultados que vamos determinar*” (Durkheim, 1930, pg. 14). Os termos resultado e efeito, para o autor, também não o satisfazem, porque não desperta nenhuma ideia de correspondência. Já a palavra “função” ou “papel” tem a vantagem de pressupor, sem prejudicar quanto à questão de saber como essa correspondência se estabeleceu, se foi resultado de uma adaptação intencional e pré-concebida ou de um ajuste a posteriori, importa saber se ela existe e em que consiste (Durkheim, 1930). “Função” é entendida pois como necessidade social.

Outra forma de funcionalismo foi creditada a Malinowski. Adam Kuper, diz que Malinowski é o candidato ao título de fundador da disciplina de antropologia social na Grã-Bretanha, pois ele “estabeleceu o seu modo distinto de aprendizado: (pelo) intenso trabalho de campo numa comunidade exótica” (Kuper, 1978.pg. 11). No livro “Uma teoria científica da cultura”, Malinowski, refere-se a ela (cultura) como “o todo integral constituído por implementos e bens de consumo, por cartas constitucionais para os vários agrupamentos sociais, por ideias e ofícios, por crenças e costumes” (Malinowski, 1975, pg. 42). Par ele, tanto numa “cultura primitiva” quanto numa “complexa e desenvolvida” haverá aparatos humanos, materiais, espirituais que ajuda o homem a lidar com problemas concretos. E esses problemas surgem do fato de que o homem tem um corpo sujeito a várias necessidades orgânicas. Diz ainda Malinowski, “a teoria da cultura deve tomar sua posição baseada na cultura” (pg. 42). Para a análise que se fará da relação entre a realização cultural e uma necessidade humana básica, pode ser denominada de funcional. Função pode ser definida como “satisfação de uma necessidade por uma atividade na qual os seres humanos cooperam, usam artefatos e consomem bens” (Malinowski, 1975, pg. 44). Mas para a análise da cultura é necessário um método. Na antropologia esse método é a

etnografia (Malinowski, 1922; Park, 1925; Gluckman, 1959; Foote-White, 1943; Berreman, 1962; Blumer, 1966; Cicourel, 1969; Radcliffe-Brown, 1973; Da Matta, 1973; Zaluar, 1975; Geertz, 1989; Peirano, 1995; Oliveira, 1998)<sup>13</sup>.

Em “Argonautas do pacífico ocidental”, Malinowski (1922, 1975) diz que:

“Na etnografia, o autor é, ao mesmo tempo, o seu próprio cronista e historiador, ao passo que as suas fontes são (...) facilmente acessíveis, mas também extremamente evasivas e complexas: não se encontram incorporadas em documentos escritos, materiais, mas no comportamento e memória dos homens vivos”. (Malinowski, 1975, pg. 40).

Voltarei ao ponto da etnografia mais adiante, por hora continuarei analisando as perspectivas funcionalistas.

Concomitantemente à teoria funcionalista malinowskiana, a corrente funcionalista-estrutural, também britânica, cujo um dos principais nomes foi Radcliffe-Brown (1952), seguia mais ou menos a mesma perspectiva, mas com conceitos próprios tais como: processo, sistema, função, estrutura. Esse último, pode ser entendido como espécie de ajuste ordenado das partes ou dos componentes. Os componentes ou unidades da estrutura social são *peessoas*, que não são considerados organismos, mas como ocupando posição numa estrutura social (Radcliffe-Brown, 1973). Por essa perspectiva, entende-se a sociedade como um sistema de grupos estáveis compostos por status e papéis sociais definidos que se apoiam em valores fixos que operam para a manutenção do equilíbrio do sistema (Boissevain, 1974). Diz-nos Boissevain que foi Hobbes quem formulou uma questão primordial para os estudos sociológicos e antropológicos com os quais os participantes dessas duas disciplinas debateram por praticamente todo o século XX: se o homem é um ser que visa seus próprios interesses, o que possibilita a ordem social? Tal questão possibilitou a formulação de dois modelos básicos de sociedade: do "consenso" e do "conflito"<sup>14</sup>. O primeiro, atribui ao sistema social características como de solidariedade,

<sup>13</sup> Nessa seleção de autores, adicionei Park, 1925; Blumer, 1966, pois paralelamente aos trabalhos da antropologia social britânica, nos Estados Unidos, surgia a pesquisa qualitativa com métodos muito parecidos com a da etnografia proposto por Malinowski (1922).

<sup>14</sup> Jeremy Boissevain é antropólogo e crítico do modelo funcionalista-estrutural. Em “apresentando amigos de amigos: redes sociais, manipuladores e coalizões” (1974), dizia ele, “ficou claro, não só para mim como também para outros, que o modelo do funcionalismo-estrutural não é adequado à análise relativa ao nível em que as

coesão, consenso, reciprocidade, cooperação, etc. E o segundo, as características de divisão, discórdia, conflito mudança, e etc.

Sobre isso, há uma crítica dirigida aos antropólogos que aprovaram o modelo de consenso, ou seja, o modelo do funcionalismo-estrutural. Diz-se, e é possível constatar analisando esses trabalhos, que a maioria das pesquisas antropológicas foram realizadas em territórios coloniais e financiadas por forças colonialistas. E muito provavelmente ficavam satisfeitos de saber que as populações nativas aceitavam "voluntariamente" a ordem social imposta, e o conflito era exceção (Boissevain, 1974). Essa perspectiva, acarretou um número enorme de monografias que muitas delas denotavam uma espécie de sociedade notadamente uniforme. O pesquisador se impõe a tarefa de descrever a estrutura social, um agrupamento de pessoas com relações sociais institucionalmente controladas ou definidas, como os de chefe e subordinado, ou as de irmão e irmã, as relações entre grupos de pessoas dentro de outros sistemas de grupos. Muitas das monografias apresentadas descrevem detalhadamente o que é a estrutura social, como esta é mantida, e como as várias instituições se inter-relacionam formando um sistema de relações sociais. Com isso, nos é confirmado como o sistema de valores serve de apoio a esta estrutura. Todos os fatos isolados são habilmente emoldurados: o comportamento que não está de acordo com a imagem normativa apresentada ou é ignorado ou é analisado como "desvio" ou "exceção" (Boissevain, 1974). Desvio, esse é um conceito importante para o trabalho. Retomarei mais adiante o desenvolvimento da ideia de desvio, mas vamos continuar analisando as perspectivas consensuais e suas implicações.

Perspectivas assim não se limitaram somente ao funcionalismo (durkheimiano), ao funcionalismo (malinowskiano) e ao funcionalismo-estrutural (Radcliffe-browniano), na sociologia norte americana, uma das ideias em voga era a desorganização social, formulada por Thomas e Znaniecki (1918), que pode ser entendida da seguinte forma: há uma continuidade que vai da organização a desorganização e a reorganização, conceitos que segundo Thomas e Znaniecki são tipos ideias que não existem na sociedade. Organização é um conjunto de convenções, atitudes e valores que se impõem sobre os interesses individuais; desorganização, é o declínio da influência dos grupos sociais sobre os indivíduos; e reorganização é quando a ordem é restaurada.

---

peças interagem" (Boissevain, 1974, pg. 199). Esses outros (antropólogos) que ele se refere são: Barth (1967); Elias (1970); Gouldner (1970); Harris (1968); Jarvie (1964); e Leach (1954).

A desorganização social é consequência de mudanças extremamente rápidas nas sociedades, ou ainda pode ser ocasionada pela condensação populacional urbana, desertificação, mudanças tecnológicas, catástrofes, crises econômicas, políticas ou pessoais (Coulon, 1995). Esse conceito permite entender de que modo, em determinadas situações, as regras sociais parecem perder a eficácia. Porém, a crítica que recai sobre a teoria da desorganização social é que em seu cerne há um inegável compromisso com o arcabouço teórico funcionalista e com uma noção consensual da ordem e uma forma homogênea de organização (Zaluar, 2004).

A partir disso, já assinalo o que esse trabalho é e não é: ele não é um trabalho voltado para a perspectiva consensual, ao estilo funcionalista-estrutural, pelo motivo de que “somos apresentados a um modelo de como o antropólogo pensa (...) que o sistema *deveria* funcionar” (Boussevais, 1974, pg. 205). Nem ao estilo da ideia da desorganização social, por conta da sua ideia homogênea de organização, aliás essa última, chegou a ser o conceito principal usada por toda uma geração de pesquisadores norte-americanos, que tiveram como o “campo” a cidade, a exemplo de Thrasher (1927, 1963) e seu estudo sobre o fenômeno das gangues na cidade de Chicago, e Foote White com “sociedade de Esquina” (1943, 2005), em que mostrou que a comunidade italiana de “Cornerville” (nome fictício) em Boston, era “desorganizada” se analisada em relação às instituições da sociedade em geral e dos padrões americanos ditos “normais”, mas de certa ótica se tratava de uma sociedade com sua própria organização, complexa, estruturada, hierarquizada fundadas em um sistema de obrigações recíprocas (Foote White, 2005). Era, pois, uma organização social diferente, e não falta de organização.

Este trabalho que realizei, é de certa forma voltado para a perspectiva Malinowskiana, não necessariamente, por conta da análise funcional. Como vimos, Malinowski estabeleceu o seu modo distinto de aprendizado: intenso trabalho de campo numa comunidade (as ilhas trobriand). A ideia da etnografia e do trabalho de campo, como método na antropologia proposta pelo autor, é que interessa nessa pesquisa.

Não é também pela perspectiva Durkheimiana que quero lidar ao falar sobre as associações de gangues, porque parecerá que irei falar sobre crime, porém, seria insensato não considerar a importância de Durkheim para aquilo que veio a ser conhecido como sociologia do desvio, que é o conceito chave desse trabalho. Voltarei rapidamente a discussão teórica do funcionalismo durkheimiano sobre a questão do

crime, e como decorrência a questão do desvio, e que deu margem para a discussão interacionista, desenvolvida principalmente, por Howard Becker (1963, 2008) sobre desvio comportamental.

### **1.1.3 Divergência e desvio na obra de Durkheim**

Em “As Regras do método sociológico” (1895, 1980), Durkheim estabeleceu a clássica distinção entre normal e patológico. Para que a sociologia fosse considerada uma ciência das coisas, generalizar fenômenos foi utilizado como critério de normalidade. No entanto, o resultado a que se chegou a respeito dos fenômenos, a exemplo dos criminais, passou ser então entendido como parte de uma condição normal da sociedade. Segundo essa ideia, o crime é então normal porque uma sociedade isenta dele é completamente impossível, seu excesso é patológico.

A função do crime, então, é permitir que o grupo reforce os seus sentimentos coletivos, fortificar as suas percepções concernentes aos imperativos morais, uni-lo contra o transgressor, em suma, manter a coesão social. O crime por constituir um atentado aos estados fortes e definidos da consciência coletiva, obriga a comunidade a reagir e a defender-se através dos mecanismos de controle. Se não o fizer, o aumento do crime, para além de certo limite, poderá implicar a redução da capacidade de resposta do grupo e colocar em risco a coesão social. Porém, se forças de controle forem excessivas acabarão por bloquear e esmagar a liberdade e a iniciativa individual colocando a sociedade num processo de estagnação e degenerescência, minando a mudança social, não garantindo que expressões de originalidade individuais se manifestem. Essa originalidade se expressa através de divergências variadas, algumas aceitas, no caso das diferenças individuais, porém, outras poderão passar por expressões que ferem sentimentos coletivos, segundo Ferreira (1999), estas últimas divergências que integram a categoria de desvio.

Estatisticamente, o desvio que pode ser entendido como distância em relação a um valor médio, abrangendo toda a divergência. Sociologicamente, o termo é mais restritivo. Não podendo ser definido em relação a qualquer tipo de dissidência (Ferreira, 1999). Uns poderão assumir caráter criminal, outros serão inócuos, outros objetos de censura social. Distinguindo assim Durkheim, diferenças de grau entre divergências, discriminando significativamente entre crime, censura e diferença.

Como dá de notar, para Durkheim a divergência nem sempre é desvio. Diferenças culturais, poderão ser vistos como algo insólito, mas não irão ocasionar uma repulsa imediata e generalizada. Já a divergência normativa, poderá transformar-se em desvio quando, em virtude das ofensas aos sentimentos coletivos, a sociedade reage, quer através de recriminações ou censuras sociais ou pela condenação e repressões legais (Ferreira, 1999). Se caso não o fizer, a ofensa não passará de uma divergência moralizante.

Um ponto crucial se coloca com esta perspectiva: a que fica a dever-se o grau de tolerância em relação a divergência, à natureza intrínseca dos atos ou a natureza dos sentimentos feridos? A resposta de Durkheim é: o que confere caráter criminoso à divergência não "é a sua importância intrínseca, mas o que lhe atribui a consciência comum" (Durkheim, 1895, pg. 89 apud, Ferreira, 1999, pg. 637). Sessenta e cinco anos antes de Becker ter escrito *Outsiders*, Durkheim já dizia que o crime e o desvio são uma construção social resultante da moral coletiva, e não um tipo particular de comportamento que possa ser positivamente avaliado (Ferreira, 1999). A interpretação que Durkheim legou foi uma concepção de desvio que engloba divergências consideradas crimes e as que ele chamou de erros morais, ou seja, atos que suscitam reprovação moral e censura pública. Nesse sentido, "infração" e "censura" passam a constituir duas dimensões inseparáveis do conceito de desvio.

Durkheim dá, pois, subsídios para duas linhas principais de investigação que a sociologia do desvio conheceu. Uma que decorre diretamente do pensamento durkheimiano que é o desvio como sintoma, ou desvio como infração, e a segunda que é o desvio como reação. Na primeira acepção, o principal problema começa quando a sociedade deixa de poder regular o desvio que necessita. Crescimento excessivo ou diminuição drástica de infrações constituem sinais disfuncionais, ou seja, traços que rompem a estabilidade. Como a infração é em certa medida, e em determinadas condições, disfuncional, a abordagem que sempre privilegiou a explicação da violação das normas sociais representa o desvio como sintoma (como algo que vai mal na sociedade). Nesta abordagem, a mudança normativa não é o centro das atenções, ainda que admita que as normas variam e mudam. As normas, nessa perspectiva, são consideradas referências a partir do qual os comportamentos passam a ser considerados desviante ou não. A questão que exploram os que seguem essa linha é a de saber as razões que levaram as pessoas a transgredir ou a sociedade a manifestar determinadas intensidades de transgressões.

Já na acepção do desvio como reação, ele é, pois, entendido como construção social e o reconhecimento deste fato abriu caminho para questões que giram em torno da matéria que vem a ser classificado como desvio. Atentando-se para a emergência e a mudança das normas sociais e das categorias através das quais se descrevem as infrações normativas, e buscando pensar as pessoas que são socialmente consideradas infratoras. Interrogando as condições em que as categorias que descrevem as infrações são aplicadas e as consequências a que essas categorias são aplicadas. Nos dois casos o desvio apresenta-se como uma reação, quer por parte dos que são olhados como desviantes (no caso os “ex-integrantes” de gangues), quer dos que detêm o poder de “moralizar” e de “normalizar”. Esta acepção interessa ao trabalho.

Já delineando questões importantes para o trabalho, como a problemática do que seria desvio para Durkheim e que por conta disso foi inaugurado uma linha de investigação que entende o desvio como uma reação social, e desde já gostaria de deixar marcado isso. Pretendo, ainda, “resolver” as críticas destacadas anteriormente, sobre o funcionalismo e o estruturalismo-funcional, que podem ser apreendidas da seguinte forma: a estrutura social determina (ou condiciona) os indivíduos? Os indivíduos têm papéis definidos na sociedade? O que pensar dos modelos que emolduram perfeitamente os indivíduos na estrutura social? Acho importante respondê-las, pois fazendo isso, terei subsídios para até mesmo explorar novas modalidades de entender o social, o próximo tópico se destina a isso.

#### **1.1.4 A teoria da estruturação de Anthony Giddens**

Gostaria de aqui salientar que acato a noção dinâmica do social, aquilo que Giddens (1989) chamou de dualidade da estrutura, para dar conta da questão: o social é uma totalidade que transcende a seus membros e possui propriedades que não tem raízes em atributos de seus membros ou o social nada mais é que uma coleção de indivíduos, e qualquer propriedade da mesma é apenas uma resultante ou agregação de atributos de seus membros?<sup>15</sup> Tais perguntas acabaram desembocando em rótulos, ou perspectivas, conhecidas como globalismo teórico, holismo, objetivismo,

---

<sup>15</sup> Não que as teorias anteriores sejam “imobilistas”, longe disso, todas, ao que parece, sempre frisaram a questão da mudança.

macrossociologia, individualismo, subjetivismo, microssociologia (Geertz, 1985, 2001; Giddens, 1989; Boudon, 1991; Joseph, 1998; Bunge, 2002)<sup>16</sup>. Aqui assinalo essa discussão, pois em outro momento da produção do trabalho acabei por dar ênfase a uma perspectiva em detrimento de outra, ou seja, mantive-me estagnado na ideia de que os indivíduos não são condicionados pela estrutura, isto é, são quase que excepcionalmente “livres” (individualismo, microssocial). Mas como esse autor afirma, “tal divisão de trabalho (macro ou micro) leva a consequência que, na melhor das hipóteses, são sumamente enganosas” (Giddens, 1989, pg.164). Porém, quando colocadas nos termos de dualidade da estrutura e não como um dilema dualista, acaba-se por adquirir outro significado: acolhe-se com essa ideia que nem em termos causais, nem em um sentido metodológico, a estrutura tem prioridade sobre a ação, e nem a ação e o sentido adquirem primado sobre a estrutura (Carneiro, 2006). A ideia é romper com essa polaridade para buscar abarcar a complexidade dos processos sociais.

Giddens deu o nome para essa ideia de estruturação, que pode ser entendida como um processo ordenador que inclui os elementos de ação (motivação, intencionalidade, racionalidade), como os fatores associados aos sistemas sociais (Carneiro, 2006). Sistema social é um conceito bastante referido na antropologia e sociologia, por autores como Parsons (1930, 1984), Radcliffe-Brown (1973); Leach (1954), Giddens (1989), entre outros. Radcliffe-Brown, na introdução do livro “Estrutura e função na sociedade primitiva” (1973), diz que foi Montesquieu, no século XVIII, que lançou os fundamentos da sociologia comparada e dessa forma formulou e empregou uma concepção que pode ser designada como sistema social. A teoria que levou o nome de “a primeira lei da estática social”, afirmava que em determinada forma de vida social existem relações de interconexão e interdependência, ou como diria Comte, relações de solidariedade entre os vários aspectos (Radcliffe-Brown, 1973). Parsons, por sua vez, no texto “o conceito de sistema social” diz que “por sistema social (entende-se) o sistema constituído pela interação direta ou indireta de seres humanos entre si” (Parsons, 1984, pg. 49). E Leach, ao lidar com sistemas políticos, diz que quando o antropólogo tenta descrever o sistema social, ele descreve apenas

---

<sup>16</sup> A propósito de Geertz, ele tece uma crítica a ideia de “holismo” como um lema na antropologia. Sobre essa disciplina, diz ele: “Desde sempre comprometida com uma visão global da vida humana- social, cultural, biológica e histórica ao mesmo tempo -, (...) sempre recaindo em suas partes, queixando-se desse fato e tentando desesperadamente (...) projetar algum tipo de nova unidade para substituir a que imagina ter tido”. (Geertz, 2001, pg. 93). Fora isso, os outros termos e autores falam exclusivamente da sociologia.

o modelo da realidade social, e esse modelo, representa a “hipótese do antropólogo sobre “o modo como o sistema social opera” (Leach, 1954, pg. 71). Com isso esse autor alude ao fato de que quando o pesquisador fala em sistema social, entende diferentes partes que formam um todo, portanto, um todo coerente. Contudo, isso não implica dizer que “a realidade social é um todo coerente; ao contrário, a situação real é na maioria das vezes cheias de incongruências” (Leach, 1954, pg. 71). Giddens diz que é necessário ter cuidado com o conceito de "sistema social" e a noção associada de "sociedade". Esse segundo termo tem um útil significado duplo que descreve um sistema limitado e a associação social em geral. Porém, a ênfase sobre a noção de regionalização ajuda a lembrar que o grau de "sistemidade" raramente tem fronteiras facilmente especificáveis (Giddens, 1989)<sup>17</sup>. O funcionalismo e o naturalismo tendem a encorajar a aceitação irreflexiva das sociedades como entidades visivelmente delimitadas e dos sistemas sociais como unidades dotadas de elevada consistência interna. Porém, mesmo quando rejeitam metáforas orgânicas diretas, essas perspectivas, tendem a ser íntimas aliadas de conceitos biológicos. Como as "sociedades" não são necessariamente isso (entidades visivelmente delimitadas dotadas de evidente unidade interna), esse autor propõe a expressão "sistemas intersociais" em referência a diferentes aspectos de regionalização que atravessam sistemas sociais reconhecidamente distintos como sociedades (Giddens, 1989).

Mas voltando ao conceito de dualidade da estrutura, ele distingue-se dos outros conceitos por abarcar tanto a coerção e facilitação da ação, mas também a imposição de regras e disponibilidades de recursos, assim como pela recursividade das práticas sociais. Estes componentes da estrutura se manifestam na concreta presença de normas, poder e significados. O aspecto habilitador e seu reconhecimento não implicam desconhecer os efeitos constitutivos, dado que o termo de estrutura remete às regras e recursos implícitos na produção e reprodução dos sistemas sociais. (Giddens, 1979). A forma das modalidades que adquire a reprodução das estruturas e os meios, através dos quais se concretizam, está em função das relações de poder, da moralidade e da criação de significado, considerados como aspectos básicos da interação.

---

<sup>17</sup> Segundo Giddens, regionalização é a “diferenciação temporal, espacial ou espaço-temporal de regiões dentro de ou entre locais; a regionalização é uma importante noção para contrabalançar a suposição de que as sociedades são sempre sistemas homogêneos, unificados (Giddens, 1989, pg. 444).

Os sistemas sociais apresentam, pois, propriedades estruturais que organizam as práticas sociais repetidamente. Nesse sentido, as regras e os recursos que entram em contato com as instituições são os aspectos mais importantes da estrutura. Os sistemas reproduzem as relações entre atores ou coletividades organizadas como práticas regulares. As instituições são as propriedades estruturais dos sistemas sociais (Carneiro, 2006).

Assim, o que fica de toda essa discussão é: enquanto perspectiva de análise da realidade social, privilegio o ponto de vista de Giddens por considerar as possibilidades de se analisar o social sem cair num dilema dualista, onde é necessário escolher perspectivas que tendem a escolher uma ou outra percepção sobre o social que ao invés de somar, acaba por subtrair. Por isso, uso-o para me ajudar a pensar o social. Mas ele só é uma parte do trabalho. Deixei dois pontos soltos nesse capítulo, propositalmente, porque eles é que me ajudarão a desenvolver o trabalho: a noção de desvio e o método etnográfico. Serão o tema do próximo capítulo.

## CAPÍTULO 2

### ABORDAGEM TEÓRICA –METODOLÓGICA: DESVIO COMPORTAMENTAL E MÉTODO ETNOGRÁFICO

No primeiro capítulo busquei dar conta de coisas como: tentativas de escolha do assunto, a delimitação do campo, elementos para compreender da cidade e dos bairros investigados, assim como questionamentos que me deram subsídios para as referências teóricas. Comecei o capítulo anterior delineando ideias como função, normal, patológico, equilíbrio, crime, organização, desorganização, estrutura, cultura, justamente, para me decidir sobre o que escrever sobre o fenômeno das gangues. Como visto, deixei dois pontos soltos, propositalmente, um deles foi a ideia de desvio, que faz uma mudança significativa e ampliam o foco para um problema mais geral do que a questão, somente, de quem comete crime. Com crime quero dizer a manifestação do desvio na forma de infração, onde são desrespeitadas as normas que organizam e consolidam a ordem social, minando a coesão a partir do interior da sociedade (Ferreira, 1999), como assinalo no tópico “Divergência e desvio na obra de Durkheim” (pg.).

As discussões sobre o desvio datam o fim do século XIX e início do século XX. Discutidas por disciplinas como estatística, psiquiatria, psicologia e a sociologia. Por essa última foram abordadas a partir de perspectivas conhecidas como teorias da criminalidade, delinquência juvenil, Patologia social, sub-culturas, entre outras, e desenvolvidas por autores como: Émile Durkheim (1895), Thorsten Sellin (1938), R. Clifford Shaw e Henry D. McKay (1942), Robert Merton (1949), E. M. Lemert (1951), George B. Vold (1958), H. Becker (1963), S. Cohen (1960, 1971), David Matza, (1964), D. Downes (1966), R. Cloward e L. E. Ohlin (1960), S. Briar e I. Piliavin (1965), Travis Hirschi (1969), Gilberto Velho (1974), E. H. Sutherland (1978), P. Rock (1988), Nachman Ben-Yehuda (1992), Robert J. Sampson e John H. Laub (1992), Christopher Birkbeck e Gary LaFree (1993), Colin Summer (1994).

Descreverei de forma breve duas perspectivas que não são sociológicas ou antropológicas, e uma terceira que não advém da discussão científica, mas tem um peso grande na forma como se trata o desvio.

## 2.1 O DESVIO NA ESTATÍSTICA, PSIQUIATRIA E NO SENSO COMUM

Como a matemática oferece métodos para a investigação de padrões, muitos pesquisadores usaram-na para entender o mundo social pelas suas regularidades. Um ramo da matemática conhecida como estatística foi então desenvolvida para analisar dados sobre as populações. Média, variância e desvio padrão são alguns dos conceitos utilizados por essa ciência. Esse último, (desvio) que dá nome para a temática, pode ser entendido como: distância em relação a um valor médio. Por exemplo, se um estatístico analisa um experimento agrícola, de feijões, ele descreverá, por exemplo, o pé excepcionalmente alto e o baixo como desvios da média. Passando então o desviante a ser percebido como o que varia excessivamente com relação à média, ou ainda, passa a ser qualquer coisa que difere do que é comum. Esse método que tem por finalidade representar tendências características limites seja do qual for o fenômeno de massa, acaba deixando de lado muitas questões de valor que são imprescindíveis para o entendimento do desvio.

Outra forma de conhecimento sobre o desvio repousou numa concepção clínica que identificava o desvio como algo essencialmente patológico, ou seja, uma “doença”. Se funciona de modo eficiente o organismo é considerado “saudável”, quando não, é “doente”. Tal ponto de vista é objetivo demais e deixa pouca discordância sobre o que é ou não um estado saudável do organismo, porém, há muito menos concordância quando se usa essa noção de patologia, analogamente, para descrever tipos de comportamentos vistos como desviantes, exemplo disso é a não unanimidade entre os psiquiatras sobre o que é ou não um comportamento saudável. Essa analogia passou a ser de uso corriqueiro (não só no mundo médico mas, também no senso comum) e antes de ser concebida de maneira mais estrita, o desvio passou a ser visto como produto de doença mental. Passou-se a chamar de “doença mental” tudo que detectavam como mau funcionamento. Por exemplo, a incapacidade e o sofrimento passaram a ser novos critérios de seleção. Histeria, depressão, hipocondria, entre outros, foram adicionadas a categoria de doença.

No senso comum, que apesar de não ser ciência, mas digamos é o lugar onde são produzidas muitas representações sobre o desvio, o problema dos desviantes, é também remetida a uma explicação patológica, só que bem mais

simples que o da psiquiatria. A partir das representações sobre desviantes, foi possível organizar um raciocínio que pode ser postulado da seguinte forma: “há algo qualitativamente distinto nos atos que infringem, ou parecem infringir, regras sociais” (BECKER, 2008, pg. 17). Tal premissa serviu de base para responder perguntas sobre os desviantes como: por que agem dessa forma? Como explicamos suas transgressões? Que se passa com eles para fazer coisas proibidas? Sobre a última pergunta os pesquisadores aceitaram o pressuposto de senso comum que o ato desviante surge porque alguma característica da pessoa que o comete torna inevitável que ela o cometa. Porém, o não questionamento desses pesquisadores sobre o rótulo “desviante” (quando aplicado a atos ou pessoas particulares) envia-se pelos valores do grupo que está formulando o julgamento, por essa perspectiva, assume-se que o desvio é inerente de quem o comete.

As duas primeiras perspectivas têm pontos fracos e fortes, longe de critica-las completamente prefiro pensar que o surgimento delas foi importante para o desenvolvimento desse campo de estudo dentro dos estudos sociológicos e antropológicos. A terceira perspectiva, que digamos, é o próprio material de estudo, o senso comum, pode nos dá, dados importantes para a discussão de acordo com cada contexto. Mas voltemos a sociologia para entender mais sobre o desvio.

## 2.2 SOCIOLOGIA DO DESVIO

Na sociologia, como vimos, Durkheim é um dos principais nomes para entender a raiz desse assunto, ou seja, por ter dividido as divergências em três tipos de desvio (infração, diferença e censura) e ao esquematizar esses tipos de desvio deu elementos para o desenvolvimento de duas linhas de investigação: desvio como infração e desvio como reação. O crédito para a segunda linha de investigação pode ser dado a Becker (1963, 2008), que descreveu uma forma simples de entender o fenômeno do desvio pela abordagem do problema da censura e da reação social que buscou explicar o processo da rotulação dos indivíduos, ou os “atos de recensear, julgar e condenar publicamente” (Ferreira, 1999, pg. 660). Esse será a moldura de trabalho (*framework*) para analisar as organizações de gangues. Mesmo que esses grupos “não existam mais”, o que teremos serão versões do passado, reconstruídas, lembradas de ex-integrantes das gangues. Neste trabalho, também buscarei

analisar seus deslocamentos dentro de sistemas intersociais criados por eles e as instituições aí imbricadas, e as posições alcançadas por esses sujeitos, que possuíam certo poder de atuação dentro das “gangues”, mas em outros espaços dentro e fora do bairro que moravam e atuavam, podiam ser rotulados como desviantes – “aquele que se desvia das regras do grupo” (Becker, 2008, pg. 17). Mas vamos entender um pouco mais sobre essa teoria.

### 2.2.1 *Framework*

Em *Outsiders*, Becker (1963) postulou a tese de que “os grupos sociais criam desvio ao fazer as regras cuja infração constitui desvio e ao aplicar essas regras a pessoas particulares as rotulam como desviantes” (Becker, 2008, pg. 21-22), essa ideia, produziu um forte impacto nas interpretações posteriores nas ciências sociais, que mudou o foco das explicações pautadas somente na infração, mas não a desconsiderando totalmente, e teceu uma interpretação pelo ponto de vista da reação e da censura social, ou seja, deixando de ver o desvio menos como um sintoma de uma patologia social, como acreditam os funcionalistas, e passando a considerá-lo como uma reação fruto de vários conflitos existentes nos diversos sistemas socioculturais<sup>18</sup>.

Contudo, trocar o foco do problema para a sociedade ou a cultura não resolve magicamente a situação<sup>19</sup>. Precisamos entender como ele ocorre, nesse sentido vamos entender o processo de como o desvio surge entre os grupos.

---

<sup>18</sup> Coser (1997), diz que para Georg Simmel (Sociólogo alemão, um dos precursores do interacionismo, e principal referência para estudos sobre o conflito na vida moderna), “o conflito é a maior essência da vida, um componente impossível de radicalizar da vida social. O conflito e a ordem são correlativos e constituem uma eterna dialética da vida social” (Coser, 1997 apud Carvalho 2007, pg. 154).

<sup>19</sup> Foi no século XIX que começaram as primeiras tentativas de explicar a natureza do crime e do criminoso de forma científica. “Acreditava-se na época que os atos humanos eram conduzidos por uma vontade interior e única (...) o livre arbítrio. Posteriormente, acreditaram que os atos eram determinados (...) por motivos internos e externos ao indivíduo” (Araújo, 2007, pg. 99), motivos biológicos. Os cientistas do século XIX produziram certos “conhecimentos” de como se identificavam os criminosos, muitos deles ligaram ao conceito de raça, criando configurações das características fisionômicas que partiam do interior do indivíduo e determinavam a figura do “criminoso”, do “degenerado”. De forma processual, o crime foi categorizado como fruto do pecado; no século seguinte, acabou-se por ser concebida como uma patologia individual; e depois como uma patologia social. Hoje em dia essas ideias são vistas como pseudociência (a exemplo do racismo), porém ainda resistem no imaginário popular.

### 2.2.2. Quem faz as regras?

O desvio, enquanto abordagem sociológica, teve pela análise funcionalista um papel chave na explicação dos problemas sociais. Baseados nos modelos médicos de saúde e doença questionavam se há na sociedade, ou em parte dela, processos que tendem a diminuir sua estabilidade, e, por conseguinte, findar sua existência. Rotularam esses processos como desviantes ou os identificavam como sintomas de desorganização social. Através da polaridade funcional (traços que promovem estabilidade) e disfuncional (traços que rompem a estabilidade) essa concepção teve a possibilidade de apontar para áreas de possível perturbação numa sociedade de que as pessoas poderiam não estar cientes. Porém, na prática como se especifica o que é funcional e disfuncional nos grupos sociais?

Becker nos fala que a função ou organização do grupo não é dada na natureza da organização, “e a questão de qual é o objetivo ou meta (...) de um grupo e, conseqüentemente, de que coisas vão ajudar ou atrapalhar a realização desse objetivo é muitas vezes política” (Becker, 2008, pg. 20). O autor introduz a noção de política para sua teoria, assinalando que tanto as regras (que devem ser impostas), que os comportamentos desviantes e pessoas desviantes devem ser encarados, sobretudo, como políticas. Não se preocupar com esse aspecto, a concepção funcional do desvio limita a compreensão do fenômeno.

A proposta de Becker para a compreensão do desvio parte da ideia de que ele é criado no meio social por seus integrantes. O desvio é criado quando os grupos sociais ao fazer as regras, cuja infração constitui desvio, ao aplicá-las rotulam pessoas ou grupos como desviantes<sup>20</sup>. Ou seja, o desvio é uma consequência da aplicação por outros de regras e sanções a um infrator, e não uma qualidade do ato que a pessoa comete. Ajudará a compreender mais o desvio se analisá-lo como um “produto de uma transação que tem lugar entre algum grupo social e alguém que é visto por esse grupo como infrator de uma regra” (Becker 2008, p. 22). Importa aqui saber sobre o processo pelo qual passaram a ser considerados desviantes e quais foram as reações a esse julgamento.

---

<sup>20</sup> No original, *outsider*.

### 2.2.3 Os quatro tipos teóricos de desvio

Antecipo aqui os quatro tipos teóricos de desvio proposto por Becker, pois dois deles serão evocados novamente no trabalho mais tarde. Friso que não é somente os atos considerados desviantes por outros que são “realmente” desviantes. Porém, essa é uma dimensão importante que deve ser levada em consideração quando se analisa comportamentos desviantes.

Becker (2008) propôs um modelo cruzando “tipos de comportamento” e de “reações evocadas”, onde distingue fenômenos que difere em aspectos, mas são usualmente considerados semelhantes. É importante atentar-se para a diferença desses aspectos para não errar ao explicar vários tipos de coisas da mesma maneira e ignorar a possibilidade que exijam variadas explicações.

Ao cruzar “tipos de comportamento” e de “reações evocadas”, surgirá quatro categorias do qual duas demandam pouca explicação que são: “apropriado” e “desviante puro”. O primeiro refere-se ao comportamento de quem obedece as regras e os outros o percebem como tal; e o segundo (seu extremo) é o comportamento de quem desobedece as regras e é percebido como tal.

As outras duas possibilidades são o “desviante secreto” e o “falsamente acusado”. O desviante secreto é quando um ato impróprio é cometido, mas ninguém percebe ou reage a ele como uma violação das regras. Enquanto que o “falsamente acusado” diz respeito a pessoa que é vista pelos outros como se tivesse cometido uma ação imprópria embora de fato não tenha o feito, ou seja, acusação sem base em evidências. Por exemplo, imagine que um garoto se encontra com alguns rapazes em uma esquina e dá uma volta com o grupo, digamos que nessa noite ele seja preso com eles como suspeito, ele aparecerá nos “números (oficiais) dos crimes” praticados por “delinquentes juvenis e adolescentes”; aparecerá nas estatísticas oficiais tanto quanto aqueles que estavam realmente envolvidos em delitos. Nesse sentido, os responsáveis pelo controle social, polícia entre outros órgãos, buscarão explicar sua presença nos registros da mesma maneira que se esforçam para explicar os outros, porém, são casos diferentes que exigem explicações diferentes<sup>21</sup>. Dito isso, resta-nos agora saber sobre o método.

---

<sup>21</sup> Esse exemplo não é arbitrário, como veremos mais adiante, com a explicação dos meus interlocutores ao se engajarem em gangues.

## 2.3 O MÉTODO

Para entender o que se passa em lugares que a própria percepção comum reifica, ou seja, qualquer espaço social onde só vemos o que é aparente, os pesquisadores têm como função penetrar nesses espaços e entender o que os agentes sociais pensam de si e como vêem o mundo. Contudo, não basta dar razão a cada um dos pontos de vista separados, “é necessário confrontá-los como eles o são na realidade, para fazer aparecer, pelo simples efeito da justaposição, o que resulta do confronto de visões de mundo diferentes” (BOURDIEU, 1993, pg 11). Substituindo as imagens simplistas e parciais por uma representação complexa e múltipla, fundada na expressão das mesmas realidades em discursos diferentes. Atendo-se a pluralidade desses discursos que correspondem à pluralidade dos pontos de vista coexistentes muitas vezes concorrentes.

Tal pluralidade pode dar margem a uma interpretação relativista, mas na verdade essa visão está fundada na própria realidade do mundo social e contribui para explicar grande parte do que acontece nele como o sofrimento advindo dos conflitos, do interesse ou da diferença entre estilos de vida. Esse trabalho busca se referir a essa ideia como mecanismo de investigação renunciando o óbvio e empenhando-se em chegar a questões um pouco mais interessantes. Neste tópico falarei sobre a metodologia utilizada.

Fiz o esforço, como mencionei no primeiro capítulo, de transformar o familiar em exótico (da Matta, 1978; Velho, 1981), ou seja, buscar “esquecer” sobre gangues para saber mais sobre elas. Primeiramente, decidi sair e perguntar para pessoas (conhecidas e desconhecidas) se elas sabiam algo a respeito e se ainda existia gangues em Santarém<sup>22</sup>. Dos relatos colhidos, alguns me informaram que elas (as gangues) “não existem mais”, que essas organizações se desfizeram com o passar do tempo e até a segunda metade da década de 2000 não havia mais confronto nos bairros, outras me falaram que havia em áreas mais periféricas, mas que não eram tão expressivas<sup>23</sup>

---

<sup>22</sup> Pelo menos 12 pessoas.

<sup>23</sup> A partir dessa resposta dada por pessoas para quem perguntava sobre a existência de gangues, por sugestão de uma professora que lecionou a disciplina TCC, Luciana França, resolvi utilizar “as gangues não existem mais” como título do trabalho para marcar que grupos de gangues não são mais recorrentes em Santarém (pelo menos, não nos termos que estamos pesquisando), e para não deixar parecer que nesses últimos anos trabalhei com grupos de gangues em si, mas com ex-integrantes delas.

Como esses sujeitos falaram que não havia mais gangues no final dos anos 2000, deduzi que a década anterior, os anos de 1990, seria o recorte mais expressivo sobre a atuação das organizações de gangues na cidade. Decidi ir atrás dos jornais impressos já que eles eram um dos mais importantes meios de reverberação de notícia e que acabaram sendo bastante úteis. O principal jornal da cidade nessa época era o JORNAL DE SANTARÉM, para um controle das informações, fiz um recorte que cobria os anos de 1990 até 1995, do material usei por volta de 22 matérias de 66 coletadas<sup>24</sup>. Ao analisá-los passei a entender que as gangues aparecem em cena por volta do final dos anos 80 e se intensificaram nos anos 90. É bom deixar claro que a análise que fiz dos jornais apresenta também uma análise sobre o uso da mídia para a produção e reverberação do problema sobre o “crime na cidade” acaba por também reverberar e amplificar uma visão criminalizadora sobre sujeitos e grupos (Cohen, 1975), como veremos adiante, sobre o caso dos “menores”.

Como a perspectiva teórica elegida compreende o desvio como uma consequência da aplicação por outros de regras e sanções a um infrator, Becker (2008) nos diz que para uma melhor compreensão do desvio é analisando-o como um produto de uma transação que tem lugar entre algum grupo social e alguém que é visto por esse grupo como infrator de uma regra. Implicitamente isso quer dizer que é necessário fazer pesquisa de campo, nesse sentido a pesquisa etnográfica, ou seja, *in loco*, também faz parte da metodologia.

Como assinalei no capítulo anterior, foi Malinowski (1922) quem inventou a pesquisa de campo, e na história da antropologia é significativa a legitimação que ele trouxe à pesquisa. Porém, Peirano (1995) chama a atenção sobre essa invenção que “hoje sabemos que a proposta malinowskiana já havia sido formulada pelo menos desde Rivers no ano de 1912” (Peirano, 1995, pg. 37). Não é importante saber quem veio primeiro, importa saber as contribuições para a discussão sobre o trabalho. Em *Notes and Queries* (1912), Rivers já alertava para muitos perigos, dentre elas a utilização de ‘categorias civilizadas’ na pesquisa de campo. Ele também propôs que as noções abstratas devem ser atingidas por meio do concreto e destacava a importância da empatia e do tato na pesquisa, buscando levar em consideração que o nativo também tem um ponto de vista (Peirano, 1995).

---

<sup>24</sup> As matérias utilizadas estão em anexo no fim do trabalho.

Zaluar (1975), chama a atenção para a obra de Malinowski “Argonautas do pacífico ocidental” (1922) que apesar de soar hoje como uma concepção positivista simplista, essa obra continua bastante atual no que toca a questão da experiência de campo e das bases metodológicas por ele lançado que continuam a estimular a reflexão dos antropólogos sobre a sua prática fundamental que vem ser “convivência diária com o outro (...) a fim de conhecê-lo” (Zaluar, 1975, 10).

Geertz (2001) utiliza sua experiência para dar lições sobre o trabalho de campo. Diz ele que o estudo da cultura implica em descrever o que os outros pensam que são, o que pensam que estão fazendo e com que finalidade pensam que o estão fazendo. Mas para responder essas perguntas é necessário ao pesquisador “adquirir uma familiaridade operacional com os conjuntos de significado em meio aos quais elas (as pessoas) levam as suas vidas” (Geertz, 2001, pg. 26). Isso significa que: não é que devemos sentir o que o outro sente ou pensar o que o outro pensa, e muito menos virar nativo, e sim que devemos aprender a viver com eles, sendo de outro lugar e tendo um mundo próprio diferente.

Voltando para a questão da produção de dados, a fotografia, foi um recurso utilizado. Emprego-a ao modo de Geertz (1989) que concebe a imagem como um elemento do discurso antropológico, e estratégia de legitimação e convencimento que possibilita a interpretação das situações sociais, tornando-se, segundo Andrade (2002), uma forma de descobrir o cotidiano. E por conta de um evento que ocorreu no ano de 2013, resolvi utilizar uma conversa de whatsapp como dado também para a pesquisa, assim como informações de um blog. Mapas elaborados com os interlocutores também entraram como dados para o entendimento de suas divisões e controle territorial.

Convido agora o leitor a entender como esses sujeitos levaram adiante a participação em grupos desviantes apesar dos constrangimentos dos controles externos, ou em outras palavras, como se engajaram numa gangue.

## 2.4 “TORNANDO- SE UM “GANGUEIRO”

Nas primeiras idas ao campo o termo que surgiu como o identificador do sujeito de gangue era o “gangueiro”, mas variava para “galeroso” ou “de galera”. Chegar nesses sujeitos teve certa dificuldade, pois desconfiavam de que eu tinha

ligação com a polícia, uns preferiram não falar sobre isso, outros até se empolgaram, teve os que ficaram indiferentes, outros ainda perguntavam o quanto eu pagaria pelas conversas. Dizia que essa pesquisa não tinha financiamento e era eu quem arcava com os custos dela. Um sujeito que conheci numa noite disse que só daria entrevista caso pagasse uma grade de cerveja para ele. E como não tinha dinheiro, e achei aquilo abusivo, desisti de tentar ter essa conversa com ele. Consegui marcar uma entrevista, às pressas, para reconhecimento do campo, que foi realizada num bar às margens do rio tapajós, conhecida como praia da SUDAM, antes chamada *Maracangalha*. O interlocutor com quem eu havia combinado (Diogo) levou mais dois amigos (Marcos e João) que participaram da conversa de forma animada<sup>25</sup>.

Figura 5 - Localização da SUDAM, que antes era conhecida como praia de maracangalha. Próximo ao campus Tapajós da UFOPA. Fonte: Adaptado do google maps (2012).



<sup>25</sup> João não foi um dos meus interlocutores, na verdade nem de gangue ele era. Durante minha conversa com Marcos e Diogo ele passava maior parte do tempo calado ou rindo das conversas.

Figura 6 - Fotografia da "Sudam". Seguindo a rua da Maracangalha (ver mapa acima) à direita tem a universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA- campus tapajós) e a esquerda antes de chegar no bar conhecido como "Bar da Vera" (Vera Fashion Beer) era o "matadouro" (casa usada como esconderijo). Fonte: Autor (2012)



Das informações que consegui, passei a compreender que os *gangueiros* se reuniam sem maiores pretensões e com o tempo acabaram criando seus próprios territórios de pertencimento (setores), repartindo e ressignificando espaços da cidade a partir de uma gama de marcadores sociais da diferença tais como inscrições nos muros ou formas de vestir e de falar específicas.

Figura 7 - Inscrições nas paredes. É possível identificar nomes como *Junio*, *Tikau*, *Paulinho*, *Miza*, *MOCOCA*, as siglas das gangues FTR (fronteira), CMD (não identificado), TVS (Travessa). Fonte: Autor (2012)

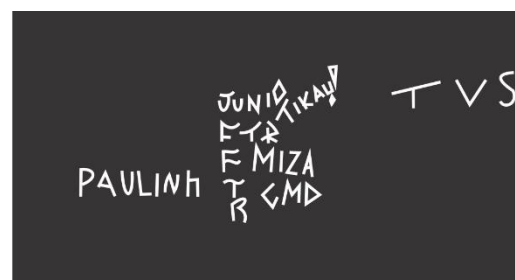


Figura 8 - Inscrições nas paredes. Nomes identificados: *Grilo*, *Ezequias*, *Gildaz* (ao qual acredito ser Gildan), FTR (fronteira). Fonte: Autor (2012)



É bom salientar aqui que em parte essa pesquisa é uma lembrança dos interlocutores que já possuem uma nova concepção sobre sua participação na gangue, o que poderia ser muito diferente da resposta que ele me daria se eu o fizesse perguntas há alguns anos atrás. Ou seja, suas decisões e ações devem ser entendidas como racionalizações retrospectivas. A condição para se fazer essa pesquisa retrospectiva é de ver nos discursos não a explicação do comportamento, mas um aspecto do comportamento a ser explicado.

Quando lhes fiz a pergunta: o que era ser de gangue? Marcos me respondeu de forma bem enfática: *isso não é vida!*<sup>26</sup> Perguntei o porquê de tal afirmação, ele respondeu que todas as pessoas que você conhece se afastam. Pai, mãe, namoradas, amigos, *você tem parceiros da onda, e eles serão sua família agora*. Apesar de que, segundo eles, na hora das brigas, a amizade não existe. Outra pergunta que fiz foi: qual a justificativa para a criação de uma gangue? Marcos me respondeu que ele e seus amigos costumavam sair do colégio e ficar de boeira pela rua, às vezes puxava confusão com um ou outro, porém, não chegava a ser algo sério. Com o tempo ele passou a ver que aquilo assumia novas formas, *quando tu vê já tava dentro de uma gangue*. De outra forma podemos entender que para ele não existe

<sup>26</sup> Como expliquei na metodologia, não gravei entrevistas porque meus interlocutores não queriam, o leitor perceberá muito mais o autor (pesquisador) do que as falas dos interlocutores. O pouco que consegui de suas respostas e falas foi das anotações. As “falas” aparecerão em itálico.

exatamente uma explicação para a criação da gangue, dado que ela se forma na interação de amigos com outros que parecem ser hostis a eles. Forma-se subjetivamente para quem participa das voltas no bairro, de brigas no colégio ou no futebol e cada um possui uma explicação sobre a sua entrada em uma gangue.

Perguntei a Marcos como é que se entra numa gangue? Sua resposta foi: *quando você é encontrado com pessoas que são ditas “sujas”*. Esse rótulo era dado somente a gangueiros por outros gangueiros, mas reconhecida socialmente pelos que não eram. Esse reconhecimento social não estava centrado somente na relação entre integrantes de gangues e seus rivais. As pessoas que não eram de gangues também tinham conhecimento sobre certas informações desses atores, já que eles eram ou filho, ou irmão, ou primo de alguém, e essas informações transitavam para fora de seus grupos. De conotação pejorativa, *sujo* queria dizer alguém *do mal*. Partindo da lógica de meu interlocutor, o simples fato de estar perto de outras pessoas de gangue, mesmo não sendo de gangue, segundo o diagnóstico popular já o colocava na posição de desviante. Vejamos de outro modo, ele não era de gangue (comportamento apropriado), mas o viram com pessoas de gangue (percebido como desviante), o exemplo que Marcos fornece *você é encontrado com pessoas que são ditas “sujas”*, pode muito bem ser encarado como um caso de *falsamente acusado*. Mas o fato é que Marcos passou a se identificar como um gangueiro (desviante puro).

Como vimos, a discriminação de tipos de desvio ajuda-nos a entender como o comportamento se origina nos permitindo levar em conta a questão da mudança ao longo do tempo<sup>27</sup>. O modelo de Becker (1963, 2008) leva em consideração os padrões de comportamento e o seu desenvolvimento numa sequência ordenada. Nesse sentido, a resposta que Marcos deu só responde parte da pergunta, pois não é só ser visto, tem que passar a parecer com um gangueiro. Trazendo a análise de Becker para trabalho, podemos então entender que para se tornar um “gangueiro” é preciso seguir uma sucessão de passos de mudança de comportamento como, por exemplo, ser encontrado, rotulado, passar a agir como “gangueiro”, se expressar como um “gangueiro”. Essa sucessão de passos e mudança de comportamento a qual dá o nome de *carreira desviante* pode ser exprimido através de conceitos como *carreira* e *contingência de carreira*, adaptados dos trabalhos sobre

---

<sup>27</sup> Recapitulando: comportamento apropriado + percebido como desviante = falsamente acusado/ comp. apropriado + não percebido como desviante = apropriado/ comp. infrator + percebido como desviante = desviante puro/ comp. infrator + não percebido como desviante = desviante secreto.

ocupação. A carreira faz referência ao conjunto de movimentos de uma posição para outra num sistema ocupacional. Contingência de carreira são os fatores dos quais depende a mobilidade de uma posição para outra. Incluindo tanto fatos objetivos da estrutura social quanto na mudança nas perspectivas, motivações e aspirações dos agentes. Carreira passa a ser os movimentos dentro de um sistema de posições e a contingência são as formas como passaram a ser “gangueiros” (desviantes). Cada passo é causa necessária para o outro, podendo ocorrer casos em que determinado passo pode não ter importância para outro. E a pergunta que se faz necessária aqui é por que continuou a andar com “gente suja”?

O primeiro passo para o engajamento em uma carreira desviante é ser visto (ou pego), isto é, marcado como desviante. Frequentemente as pessoas encaram os atos desviantes como algo motivado. Como visto, estar em determinados lugares, ou estar perto de determinadas pessoas pode acionar para outros uma mudança de comportamento, seja isso verdadeiro (desviante puro) ou não (falsamente acusado) ou ainda, apesar de ter um comportamento infrator, jamais foi percebido (desviante secreto). No caso do meu interlocutor, ser “gangueiro” passou a ser seu atributo, um rótulo que lhe foi impingido e que deu certo. Como Marcos foi da primeira geração de gangueiros que teve em Santarém, tanto para ele quanto para os primeiros gangueiros, a consequência foi a deterioração de sua imagem, afastamento do grupo, a rotulação e depois de um tempo a ressignificação dos rótulos. Marcos me relatou o seguinte esquema que segundo ele era bem recorrente: 1º) eu não sou de gangue, mas para eu ser bastariam me ver com alguém que é; 2º) os que me viram acionarão os outros membros da gangue que “ficarão de olho” em mim (serei vigiado) e terei muitos problemas em andar pelas ruas; 3º) se eu quisesse ajuda, recorreria aos integrantes da gangue rival (com os que fui visto) para me auxiliar com esse problema; 4º) tendo em mente que a partir disso eu acabo de assinar um *contrato* para ser um “gangueiro”. Esse esquema é interessante por que ele fala sobre como os grupos se veem. Ser pegos com “gangueiros”, os tornam “gangueiros” potenciais. Ao ser pego, esse ato produzirá uma mudança de comportamento assim como a mudança de suas perspectivas. Isso não quer dizer que não havia sujeitos que buscavam esse modo de ser, como garotos que passavam a andar com “gangueiros” para serem reconhecidos e serem respeitados - não importando as consequências. Mas para que esses garotos tivessem um vislumbre desse “respeito” por estar numa gangue, era preciso que

outros tivessem passado por isso de outras maneiras e buscado formas de entender que posição agora eles passavam a assumir.

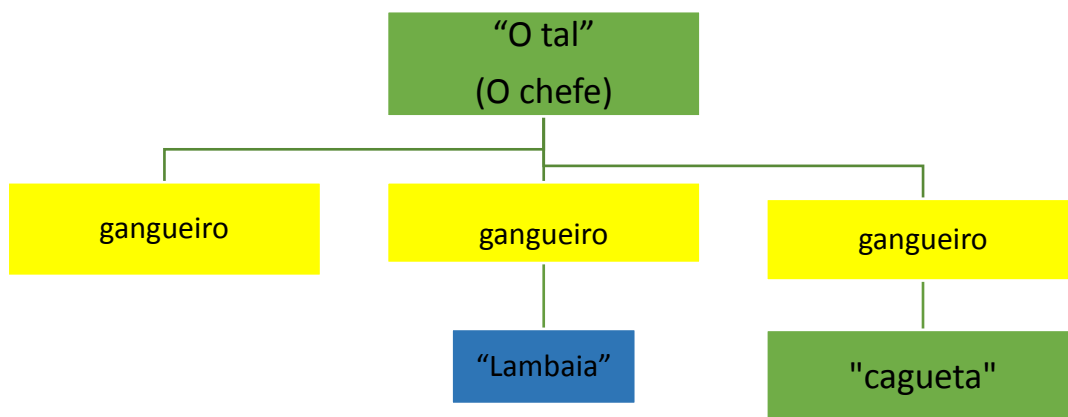
Diogo, contou-me que a forma como ele entrou para a gangue do *K-bral* foi *por causa de mulher*. Segundo ele, passou a ter um caso com uma garota e com o tempo descobriu que ela namorava com um membro de uma gangue e quando o romance foi descoberto sofreu sérias consequências. Ele tinha 17 anos quando entrou na *vida loca*, e sua família acabou se afastando. O esquema de como entrou na gangue parece muito com o apresentado anteriormente, mas com algumas diferenças: 1º) envolveu-se com uma garota; 2º) descobriu que ela namorava o membro de uma gangue; 3º) sofreu retaliação por conta disso; 4º) Pediu ajuda a uma gangue rival 4º) passou a participar efetivamente. Porém, como era um novato ainda não era confiável, na gangue passou a ser rotulado de *cagueta* (*alcaguete, dedo-duro*), uma noção bem corrente nesse tipo de organização, que segundo Marcos *em toda gangue tem*. Esse termo significa aquele que se imiscui entre outras gangues para conseguir informações sobre a mesma. Era comum representar o *cagueta* como aquele que morria cedo, já que isso era entendido como traição. Outras formas de entrada nesses grupos eram: ter familiares envolvidos, geralmente irmãos mais velhos, no caso das mulheres, é o companheiro envolvido. Além de quê também podia entrar na primeira adolescência (a partir dos onze anos), não como integrante, mas como *lambaia* que é quem fazia pequenos serviços para o grupo, em outras palavras, *pau mandado*.

É bom lembrar que toda regra tem exceção. Nem todos que são apanhados em atos e rotulados como desviantes, além de passar a agir como “gangueiro”, se expressar como um “gangueiro” e com o tempo se encaminhar para o próximo passo do desvio, engajar-se num grupo, dar continuidade nesse modo de ser. Nem todos que são marcados tornaram-se “gangueiros”. Muitos, segundo Marcos, arrumaram um jeito de ir embora, pois não se sentiam a vontade com rótulos.

Mas, voltando a carreira e seus movimentos, o passo final é entrar num grupo desviante. O engajamento o fará ter uma visão fortemente abalada sobre si. Estar num grupo desviante é estar então num mesmo barco. Os resultados podem ser: desde um sentimento de destino comum como a necessidade de enfrentar os mesmos problemas, o entendimento de como é o mundo e como deve se lidar com ele e ainda a criação de um conjunto de atividades rotineiras baseadas em perspectivas criadas por seus membros. Pertencer a um grupo deste tipo solidifica a identidade desviante.

Sua fundamentação tende a conter um repúdio geral às regras morais, as instituições e o mundo convencional. Em outras palavras, engajar-se numa gangue também pode ser entendido como uma ação tomada a partir da concepção que o indivíduo tem dela e do que os “ganguinhos” fazem. Essa concepção se desenvolve a medida que aumenta a experiência do indivíduo com a gangue. Nesse *passo final* ou como diria M *outro estágio*, quando “tu tá nele tu pode ir pra onde quiser”. O que isso quer dizer? Que ao andar com outros “ganguinhos” precisa provar seu “valor no combate”. Ir pra onde quiser é desafiar qualquer um em outro *setor*. O “tal” (o chefe de gangue) não é escolhido de qualquer forma, ele é simplesmente a pessoa que mais se destaca nos *combates*. Podemos dizer que nessas organizações produz-se formas de masculinidades.

fluxograma 1 - Esquema hierárquico básico de uma gangue. Fonte: Autor (2016).



Podemos relacionar essas organizações a certos arranjos que pode incluir o uso de armas de fogo, conquista de mulheres, busca por dinheiro, confrontos até a morte, e conceber que havia atores que não eram *teleguiados*<sup>28</sup>, podendo com isso permitir a vinculação entre a violência com um *etos* da masculinidade ou um *etos guerreiro* ou seja, destruição do outro como forma de se impor, (Elias 1997 apud Zaluar, 1999, p. 12). Nesse *etos*, a ideia do *tal*, como costumavam falar, ou chefe, era central. E os arranjos, como os expostos acima, são significados subjetivos, que são compartilhados socialmente. Zaluar (1999) diz que esse *etos* não busca justificar

<sup>28</sup> Teleguiado diz ser o indivíduo que só age a mando ou por influência de outra pessoa. No sentido do texto não ser teleguiado e não se rebaixar a outros.

simplesmente a criação de grupos *dominados*, que devem ser entendidos também a partir de recortes de gênero e de geração, necessários para se entender a violência exacerbada. Contudo nesse etos, pode-se entender que não se deve deixar provocações e ofensas sem respostas, deve defender-se sua área, pois a tentativa de invasão de territórios pode ser também interpretada como emasculação (Zaluar, 1999, p. 12).

E ao serem atraídos por essa identidade masculina, os jovens, incorporam-se a esses grupos ficando à mercê de regras que proíbem a traição e a evasão de quaisquer recursos, por mínimos que sejam, se tornando membros efetivos. Muitos deles portando o estigma de eternos suspeitos, ou seja, aqueles que serão sempre incrimináveis aos olhares das agências de controle institucional, muitas delas com históricos corruptos e de discriminação. Alguns desses jovens passaram a roubar, a assaltar e algumas vezes até a matar para pagar aqueles que os ameaçavam de morte caso não consigam saldar dívidas, muitas delas contraídas por questão de proteção. Se engajando em gangues para se sentirem mais fortes diante dos inimigos criados. Um *loop* que Zaluar (1988) já havia verificado em outros contextos denominados por seus interlocutores de *condomínio do diabo*<sup>29</sup>.

## 2.5 TERRITÓRIO: DIVISÃO E CONTROLE

Os dados desse capítulo foram coletados e construídos a partir das conversas que tive com meus interlocutores. Quando o fizemos tentei imaginar com eles seus territórios. Pode não representar perfeitamente o território, ou o “setor” como eles costumam falar, já que eles são fluidos e cada um o delimita de forma diferente. Transformei nossas conversas em mapas com ajuda do recurso Google maps.

Apesar de não estarmos tratando a história do surgimento das gangues que haviam nos bairros Liberdade e Mapiri, pode-se entender que a gênese das gangues se relaciona com o surgimento do bairro Liberdade e conseqüentemente do Mapiri. O bairro da Liberdade surge por volta dos anos 70 passando a albergar várias famílias em subdivisões periféricas sem serviços de infraestrutura.

---

<sup>29</sup> Loop pode ser entendido como aquilo em que não está definida condição para a sua interrupção, sendo executado indefinidamente. Condomínio do diabo nesse sentido seria a ideia de esse ciclo ser quase interminável, uma bola de neve para quem adentra esse sistema.

Nas conversas que tive com os interlocutores, busquei entender como os grupos de gangues se identificavam e se diferenciavam. Marcos e Diogo me explicaram que a ideia da identificação e diferenciação tinha sempre haver com o que eles chamavam de “setor”. Perguntei como se nomeavam. Marcos contou que as gangues surgiram no final dos anos 80, porém não era algo tão expressivo. O nome da gangue da qual ele fazia parte era a “galera do beco”.

Figura 9 - localização dos bairros Mapiri e Liberdade, assim como o setor da galera do beco, por volta do final dos anos 80 e início dos 90. Fonte: google maps, adaptado (2014).



A “galera do beco” que alguns anos depois passou a ser a “gangue da liberdade” começou com um pequeno grupo de jovens, principalmente da rua da salvação. E nesse tempo era ela quem “dominava” uma porção pequena do bairro da Liberdade que aos poucos foi se estendendo. Marcos me falou que se pegasse os dois sentidos da rua da salvação, o setor se delimitava entre a travessa, a oeste, seria Campos Sales, a leste, o “Beriboca do careca”, na Raimundo Fona e a praça da Liberdade<sup>30</sup>. Como na figura a seguir:

<sup>30</sup> “Beriboca” é como chamavam a panificadora, que existe até hoje, nessa rua.





Sombra, que foi morto por espancamento no mesmo local onde morreu o estudante da escola *Abelhinha* (Jornal de Santarém – Sábado, 29 a Segunda feira, 31 de maio de 1993). Apesar do tempo, essa casa de show ainda existe com o mesmo nome, a segunda, a Boite Babilônia, foi desativada e os novos proprietários passaram utilizá-la para cultos petencostais. Nas palavras do meu interlocutor, “na Babilônia era o seguinte, dentro acontecia as disputas de dança” - se referindo aos grupos que eram formados para competir uns com os outros quem tinha o melhor passo de dança – “agora fora de lá o pau comia”. Referindo-se aos combates travados por eles e outros grupos. Contam-se, ainda, histórias de que esse lugar era muito violento por que havia espíritos malignos que rondavam o prédio. Há outros lugares, que só existem na memória, como a Casa do Forró. Poucos se lembram dessa casa de show, porém, para os gangueiros da liberdade, ela foi um tanto especial. Na imagem abaixo mostra o que sobrou da “Casa do Forró”, hoje é um terreno baldio. Desde o seu fechamento não foi usado mais, para nada.

Figura 5 - Foto a partir de um plano de observação mais afastado do terreno baldio que antes era a “Casa do Forró”. Fonte: Autor (2012)



Além dessas festas, meus interlocutores me contaram, infelizmente em poucos detalhes, sobre as festas juninas. Segundo eles, esse era o tempo onde ocorriam mais confrontos. Na rua da salvação, setor da galera do beco, quando havia festas juninas não acontecia de eles mesmos “bagunçarem” em seu setor. A regra era outra, não deixar ninguém de outro lugar chegar para “tirar onda” no local. Nem todos

eram bem vindos, pois eles sabiam que havia outros sujeitos que só ia iam criar confusão nessas festas. Já os jornais apresentavam as notícias da seguinte forma:

*Gangues se aproveitaram das festas juninas (título da matéria)*  
*Foi constante o número de gangues que se apresentou nas quermesses realizadas durante o mês de junho, na cidade de Santarém, aterrorizando os brincantes e as pessoas que iam prestigiar as danças folclóricas. Os malandros atacavam com pedaços de paus, facas e até armas caseiras. O confronto com outras gangues foi registrado, começando no meio do público sem pensar nas consequências.*  
*Nas ruas ou nos colégios, onde foram feitas quermesses, menores em sua maioria promoviam bagunças, juntamente com os de maior idade. (...).*  
*Alguns deles chegaram a passar algumas horas nas celas da central. Apesar das constantes visitas dos policiais militares e civis, durante as quermesses, ainda houve a ação desses desocupados que continuam a amedrontar a população santarena. (Jornal de Santarém, 09 a 11 de julho de 1994).*

Os confrontos que ocorria nessas festas, segundo os interlocutores, estavam mais para a defesa do território e das pessoas nas festividades. M me contara de uma vez que na rua da Salvação fecharam suas duas entradas para que não houvesse ali confrontos armados que prejudicassem os participantes, e dessa forma podiam “controlar” o território e ganhar credibilidade dos moradores.

### **2.5.1. A fronteira**

Vimos que o Mapiri, surgiu como consequência do crescimento do bairro da Liberdade a oeste. Porém, por duas décadas não foi creditado a esse lugar o status de bairro. Analisando as gangues de rua, essa não divisão administrativa teve ecos nessas organizações e na produção simbólica do espaço, por ser periferia da periferia (um quintal da liberdade na visão dos “gangueiros” que ali moravam) passou-se a ter desconfiança do grupo da liberdade. Ocorrendo então lutas físicas e simbólicas.

O limite a oeste da galera da liberdade fica a travessa Campos Sales, e nesse lugar se instaurou o que veio a ser conhecida como a gangue da fronteira. Marcos me disse que o pessoal dessa área era protegido deles. Ou seja, se outras gangues puxassem confusão com alguém dessa área iria se ver com a gangue da liberdade. Porém, por conta de uma série de eventos, e principalmente por causa de acusações à gangue da liberdade, um dos argumentos mais pertinentes foi que ao

invés de protegê-los, na verdade, eles só queriam transformar o Mapiri em quintal para brigas de gangues, houve então uma cisma com a gangue da liberdade e a partir disso, no Mapiri, surgiu o FTR. Nas palavras de Marcos, *Criamos ódio da fronteira por que eles eram protegidos depois se rebelaram, e no final das contas ela se tornou nossa principal rival.*

Figura 13 - Mapa mostrando o aumento exponencial da gangue da liberdade, seu limite a oeste e o território da fronteira depois desse limite. Por volta dos anos por volta do meio dos anos 90. Fonte: google maps adaptado (2014)

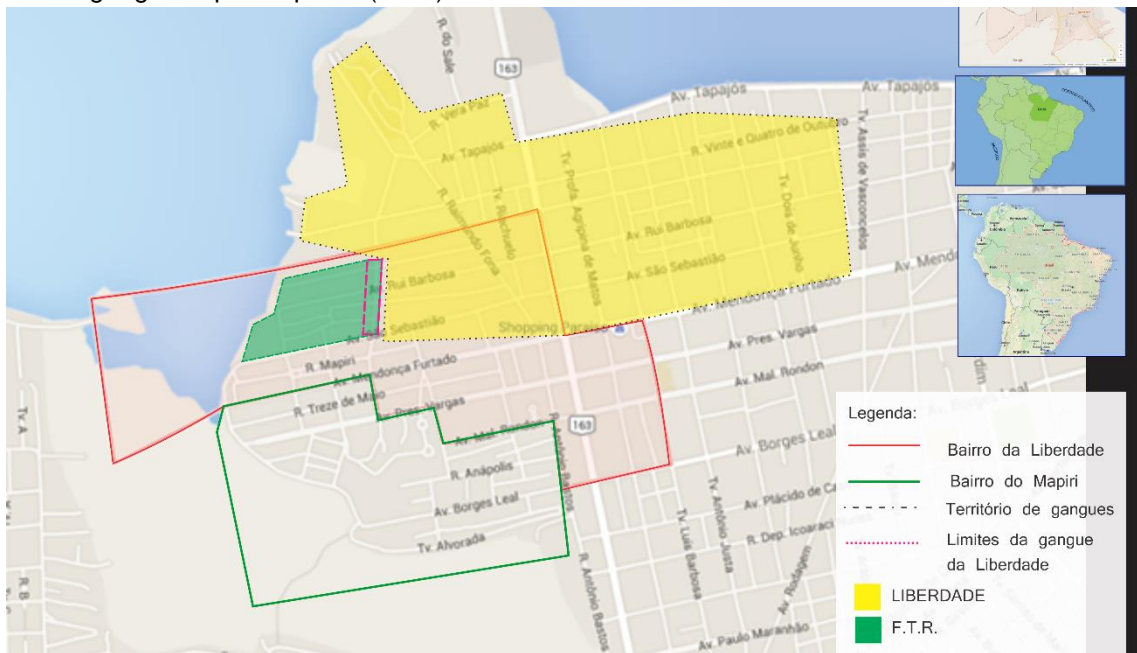


Figura 14 - Enquadramento da sigla da gangue da fronteira. Fonte: autor (2012)



Figura 15 - Enquadramento da sigla da fronteira, pela aproximação do nome, provavelmente, era um de seus integrantes. Fonte: Autor (2012)

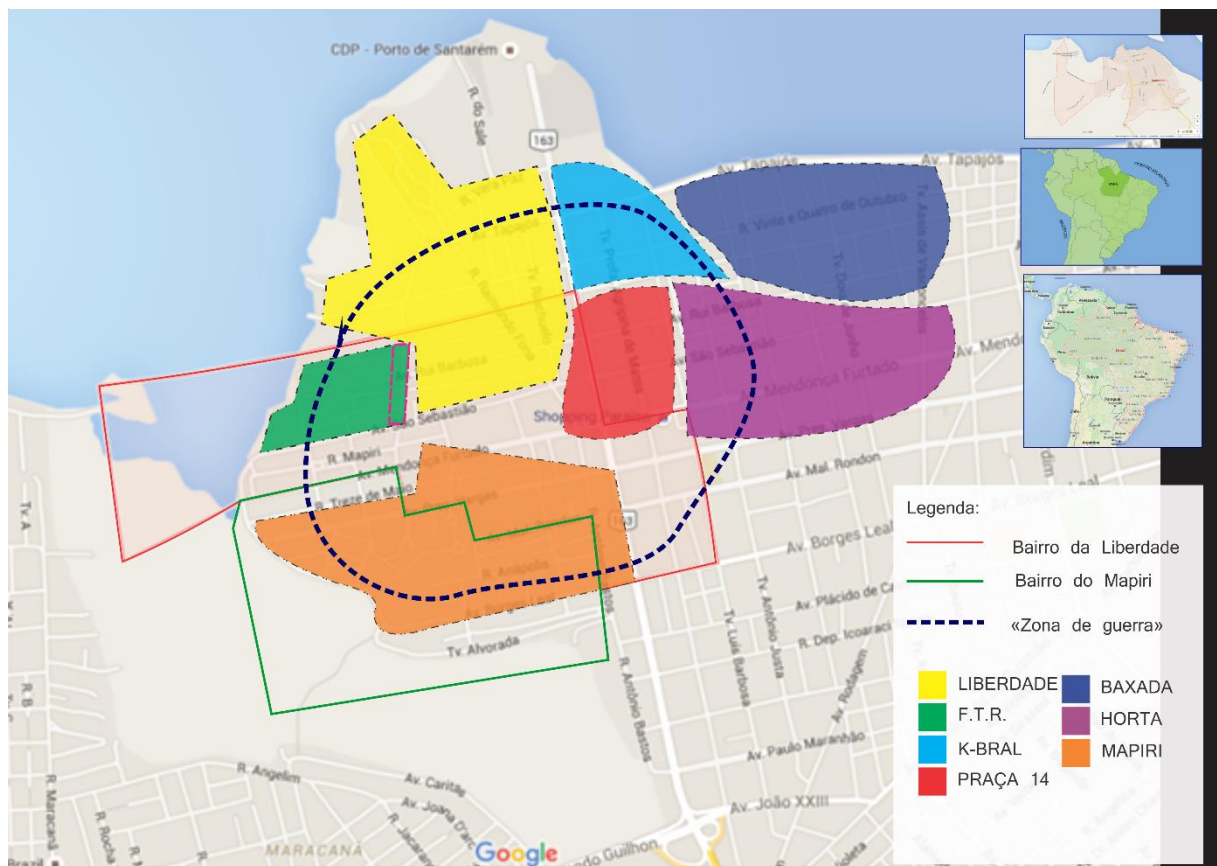


A gangue da liberdade não se limitou só os limites do bairro. Com o passar do tempo, ela expandiu ao leste seu território. Porém, com as disputas de poder, os conflitos internos, “um querendo ser mais brabo que o outro”, “um achava que não

precisava mais do outro” se criou outras gangues a partir da Liberdade. Por volta do final dos anos 90 até o ano de 2005, o território que antes era ocupado pela gangue da Liberdade agora era território de quatro gangues, mais a Liberdade: K- BRAL, HORTA, PRAÇA 14 e a BAXADA FLUMINENSE.

Além dessas gangues surgiu também a gangue do Mapiri e o seringal. No setor dessa última havia um lugar chamado “Zona da morte” por quem vivia lá perto. A partir de determinado horário ninguém passava por ali a não ser quem morasse no local. Aquela área que compreendia o bairro da Liberdade se estendendo até o bairro da aldeia, além do bairro da Mapiri se tornou uma pequena “zona de guerra”.

Figure 16 - Mapa contendo outros territórios após o esfacelamento da gangue da liberdade. Final dos anos 90, começo dos anos 2000. Fonte: google maps adaptado (2014)



Ainda dentro do setor da gangue da liberdade, próximo ao lugar onde realizei algumas entrevistas no final da rua maracangalha, há uma casa chamada de “matadouro”. Meus interlocutores me contaram que ela era usada para se esconder

da polícia, assim como para o consumo de drogas, além de um lugar para farra, que em outras palavras seria lugar para o sexo. Nas paredes dessa casa há vários nomes de antigos integrantes das mais variadas gangues.

Figura 17- Uma das paredes do matadouro. Enquadrando os nomes "Deivid" "k-bral". Fonte: Autor: 2012



Figura 18 - Fotografia do "matadouro". Enquadrando o símbolo do K-bral, a letra "k" num círculo. Fonte: autor (2012)

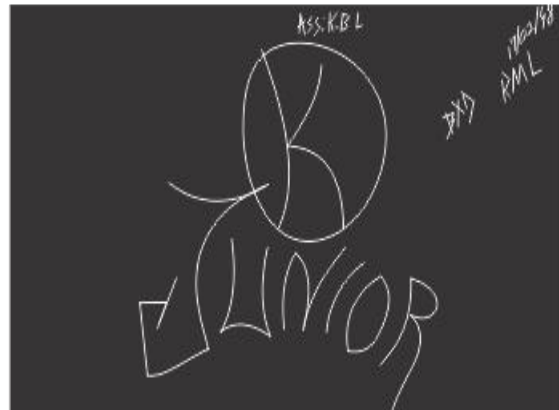


Figura 19- Enquadramento de uma parte das paredes internas ainda do "matadouro", é possível ver o nome da gangue "horta". Fonte: autor (2012)



Figura 20 - Enquadramento do nome "venos" e "barra suja", a segunda, provavelmente é um nome de uma pequena gangue. Fonte: Autor (2012)



Figura 21 - Monumento na praça da liberdade. Um dos lugares de encontro da gangue que leva o mesmo nome. Fonte: Autor (2012)



Nas imagens acima podemos observar a marcação identitária tanto dos sujeitos quanto das gangues. As quatro primeiras fotos, podemos ver uma disputa simbólica dos nomes que cobrindo uns aos outros demarcavam de quem era aquele lugar. Nas fotos podemos ver inscrições como: *Sandro Caderada, Sepultura, Louro, Anastezyo, Rato, Kinhão, K-bral, Horta, Pepê, Venus, Barra Suja, Horta, FTR, 17/02/98, BXD*. A última fotografia é a do monumento da praça da liberdade, essa praça era um dos espaços onde os gangueiros da liberdade se reuniam. Próximo havia mais dois lugares importantes, um bar de um lado (que mudou de vários donos

daquele tempo pra cá) e um campo de futebol que era chamado de “Parazão”, onde eles costumavam jogar bola, hoje é uma concessionária de carros.

O próximo ponto analisará os discursos da década de 1990, mais precisamente, entre os anos de 1990 e 1995, que pode nos revelar muito sobre os controles externos e suas formas de constrangimento. Os controles externos têm origem fora do indivíduo, são administradas pelas instituições, em particular pelo Estado, ou pelos grupos sociais, e as sanções constituem o instrumento constrangedor da conformidade. Para os criminólogos, os sistemas de punições são medida eficazes no controle dos comportamentos individuais. Outras formas de sanções podem ser vistas na aplicação pela opinião pública e pelas pressões sociais em respostas a comportamentos vistos como desviantes, publicamente censurados, mas que não infringem, necessariamente, normas criminais (Ferreira, 1999). São esses que nos interessam nesse trabalho. Tentarei responder algumas perguntas como: o que falavam sobre essas organizações? Como era representado o conflito de gangues nos bairros? Como buscavam findá-las?

## 2.6 CONTROLE, CENSURA, DESVIO, CONFLITO, REAÇÃO SOCIAL E PÂNICO MORAL: OS JORNAIS E O CRIME

Uso a noção de “crime” no título desse tópico porque era a partir desse termo que os jornais lidavam com essa questão. No desenvolvimento desse capítulo a noção de desvio que vou me ater é a de E. M. Lemert (1951) que o discute em nível interindividual.

Durante a década de noventa, o aumento da violência urbana em Santarém ganha visibilidade na mídia, assim como na percepção social dos moradores dos bairros. Na seção dedicada a expor notícias sobre o crime, as reportagens do Jornal semanal de Santarém reúnem em trechos, títulos e subtítulos os elementos da temática: “Tem nego que nasceu para a vida do crime. Um deles é o bandido conhecido pela alcunha de “mussum”, assaltante, ladrão, arrombador, que inclusive já formou sua própria **gang**” (Jornal de Santarém, 24 a 27 abr. 1990). Outra iniciava da seguinte forma: “A apresentação de menores na central (...) vai aumentando (...). Diariamente muitos registros são feitos na DP contra pivetes que continuam agindo pelas ruas da cidade e, principalmente, nas praças” (Jornal de Santarém, Santarém,

27abr. 1990.). Já o título de outra era: “Desocupados levam pânico ao Mapiri”. E o trecho de outra: “Um clima de terror e inquietação vem colocando em pânico professores e alunos da Escola de 1º grau Frei Ambrósio”. No ano seguinte foi a vez do *Ezeriel* (escola) acionar a mídia e as autoridades para intervir nessa situação:

Início de 1991 e o problema volta à tona. Desta feita na escola Ezeriel Mônico de Matos, (...). Apesar do período letivo ainda não ter iniciado, mas o setor administrativo, já está trabalhando na inscrição e matrícula de alunos, um grupo de desocupados intitulados **Anjos Rebeldes**, formado por moradores vizinhos à escola, está praticando uma série de atos de intimidação contra as pessoas que trabalham no Ezeriel, (...). É impossível admitir que fatos dessa natureza estejam acontecendo numa cidade do porte de Santarém, onde a população é considerada altamente pacata. (Jornal de Santarém – 6 a 9 de Abril de 1990)

A interpretação que se tem da frase “onde a população é considerada altamente pacata” é que o jornal parecia aludir Santarém como uma sociedade convencional e cumpridora da lei. Uma visão que tem seu cerne fundado num pensamento elitista almejante de uma sociedade ideal, homogênea, mas que por algum motivo acabou transformando-se numa cidade “violenta”. Nesses trechos, títulos e subtítulos é possível notar um mecanismo do jornal que é o ato da censura, uma forma de controle social.

Como processo interacional, ou seja, que emerge da interação entre os atores, a censura surge na vida social através de atos, “designações, dos nomes e das classificações que são atribuídos aos outros e às coisas que escapam à nossa compreensão imediata de normalidade. São as palavras que criam o desvio” (Ferreira, 1999, pg. 660). Nesse processo, nomear é importantíssimo, “o desviante é aquele que as pessoas rotulam como tal” (Becker, 2008, pg 22), passando a existir pela ação de recensear, julgar e condenar. Esses atos criam nomes e designações visibilizando a identificação pública dos *outsiders* como ameaça da ordem do grupo. Censurar pode ser entendido então como o processo de ordenação (ou normalização) do mundo social.

No ano de 1992, o Departamento de proteção ao menor, da fundação do bem estar social do estado do Pará liberou à reportagem do Jornal de Santarém, os números “exatos” de crimes praticados por delinquentes juvenis e adolescentes:

Tabela 1 Números exatos de crimes praticados por delinquentes juvenis e adolescentes no ano de 1991. Fonte: Jornal de Santarém, 1992.

O Departamento de Proteção ao Menor, da Fundação do Bem Estar Social do Estado do Pará, vinculado ao juizado de menores da comarca de Santarém, liberou à reportagem do **Jornal de Santarém**, os números exatos de crimes praticados por delinquentes juvenis e adolescentes, que seguem no quadro abaixo:

Motivos	Total
Porte de arma	16
Roubo	22
Furto	128
Acusado de furto	32
Desordem	40
Uso de cola de sapateiro	22
Receptação de Roubo	01
Agressão	29
Vítima de maus-tratos	08
Porte de arma	22
Arrombamentos	03
Esfaqueamentos	01
Agressão com faca	01
Assalto	12
Acusados de Assalto	03
Briga	05
Suspeito de furto	09
Depredação de automóveis	01
Estupro	02
Tentativa de Estupro	03
Tentativa de furto	03
Fugas domiciliares	20

Vítimas de estupro	03
Vítimas de agressão	03
Vítimas de exploração no trabalho	03
Tentativa de homicídio	01
Aliciamento	02
Uso de Maconha	03
<b>Total geral</b>	<b>398</b>
Todos os dados acima relacionados foram cedidos pela assistente social Vera Lúcia Tavares Silva.	

A tabela acima mostra a quantificação dos “números *exatos* (grifo meu) de crime praticados por delinquentes juvenis e adolescentes”. Grifei a palavra “exatos” porque é meio suspeito saber ao certo se só foram esses 398 casos que aconteceram em toda Santarém. Mas o que parece, esses só foram os casos que os assistentes sociais e a polícia tiveram conhecimento. Percebe-se, que na legenda do quadro é omitido uma informação, na verdade, olhando os “motivos”, não foi só crimes praticados por delinquentes e adolescentes, mas também crimes praticados contra adolescentes (vítima de maus tratos, vítima de agressão, vítimas de exploração no trabalho).

Sobre os motivos listados, “uso de cola de sapateiro”, “agressão”, “arrombamentos”, “assaltos”, “estupros”, “uso de maconha”, entre outros. Na prática, os indivíduos que foram pegos, vistos, serão considerados *desviantes puros e suas motivações* passarão a designar características desviantes. Passaram a ser conhecidos como: ladrões, cheira cola, assaltantes, estupradores, maconheiros, entre outras designações, ou seja, reorganizará simbolicamente suas identidades.

O desvio surge na vida social ao ser aplicado um rótulo a alguém, o que não quer dizer que uma infração legal foi cometida pela pessoa. Edwin Lemert (1951) observou que violar normas é uma rotina da vida cotidiana, por exemplo, é só observar as pequenas corrupções que praticamos, porém, só algumas delas suscitarão algum tipo de reação. E na medida que o desvio é o produto das ideias que as pessoas têm umas das outras, todos os comportamentos individuais estão sujeitos à censura

coletiva. Para a pessoa que é sujeita a essa censura, o problema de ser publicamente reconhecida (e até condenada) como desviante pode acarretar consequências psicológicas e sociais. Edwin Lemert definirá isso como desvio secundário, um “comportamento desviante [...] que se transforma num meio de defesa, ataque ou adaptação em relação a problemas manifestos ou encobertos criados pela reação da sociedade ao desvio primário” (Lemert, 1951 Apud Ferreira. 1999, pg. 660). Essa explicação pode ser encontrada também na obra de Becker com a ressalva de que sua análise implica a vinculação e engajamento em um grupo desviante, no qual a pessoa passa a racionalizar suas atitudes junto a um grupo (essa análise será exposta no capítulo “Tornando- se um gangueiro”).

No ano de 1993, o Jornal de Santarém faz a seguinte reportagem intitulada “Violência”:

O quadro de violência juvenil em que vive hoje a cidade de Santarém, é capaz de proporcionar imagens como a que foi registrada na delegacia central da polícia, pela lente do repórter Édson Queiroz. O impacto causado pelo uso de armas por menores pode ser grande aos olhos de espectador, mas não atinge nem de longe a petulância e prepotência do menor que faz pose exibindo sua artilharia. Num quadro assim, não é difícil imaginar a ação criminosa desses pequenos assaltantes, candidatos a bandidos futuros, ao atacar uma pessoa indefesa e se junta a outros malandrinhos para promover desordem, roubar e até matar. A delinquência juvenil está chegando ao limite máximo do insuportável em Santarém. A ação das gangues organizadas aumenta a cada dia sem haver controle rígido na fiscalização e repressão. (Jornal de Santarém, 27 a 29 de novembro de 1993)

Antes de dar continuidade a interpretação sobre esse recorte intitulado “violência”, gostaria de falar sobre a teoria de Simmel e a noção de conflito.

Para Simmel (1903), a sociologia deve ter por objeto a multiplicidade das interações. Entende esse autor que a vida está num incessante movimento de aproximação e separação, consenso e conflito, processos sociais que estão num constante fazer, desfazer e refazer, em suma, num incessantemente vir-a-ser. Esses são os processos que devem interessar a sociologia.

É através das múltiplas interações de uns-com-os-outros, contra-os-outros e pelos-outros que se constitui a sociedade como realidade inter-humana. O nome dado a esse processo, pelo autor, é o de “sociação” (Vergellshaftung), processo constituído pelos impulsos dos indivíduos, interesses e objetivos e pelas formas que

suas motivações assumem. Na sua perspectiva, a sociedade não é estática e muito mesmo acabada, é algo que acontece e que está acontecendo.

Para ele, a sociedade só é possível pela existência das formas (puras) de sociação, que são: Determinação quantitativa dos grupos, que, a partir, de dois elementos mínimos, influi na sua organização; processo dominação-subordinação, interação entre dominante e dominado; e o conflito, forma pura de sociação e tão necessária à vida do grupo e sua continuidade como o consenso.

No capítulo 1, vimos que foram postulados dois modelos de sociedade, um que a entende a partir do consenso e a outra do conflito. Para além dessas abordagens, Simmel traz uma outra proposta para se compreender o conflito como meio constante de integração social que visa a socialização dos sujeitos. Sua perspectiva dualista ajuda a compreender a relação direta entre conflito e consenso, como um eixo real que se encontra empiricamente em toda unidade social (Carvalho, 2007).

De forma sucinta, a teoria de Simmel sobre o conflito se articula em duas partes: 1.) analisa o conflito com mecanismo de socialização e; 2.) apresenta uma reflexão do conflito em relação as estruturas dos grupos sociais e dos conflitos em grupo. No que se refere ao aspecto da natureza sociológica do conflito (1), ele serve para resolver os dualismos divergentes, ou seja, resolver a tensão entre os contrastes. Em relação à estrutura grupal (2), chama atenção o autor para a necessidade da orientação e centralidade para o conflito social, pois ele pode ser tanto uma forma de socialização como tornar-se o conflito dos conflitos de socialização (Carvalho, 2006). Na visão de Wolff (1950), o conflito sempre foi visto como um fator que rejeita a socialização. Contudo, para Simmel, diante do contraste negativista sobre o conflito, os aspectos positivos e negativos são integrados, podem ser separados conceitualmente, mas não empiricamente.

A perspectiva de Simmel inova ao atribuir a noção de coesão social através do conflito, pois obriga as pessoas a se concentrarem em grupos e objetivos comuns. Estabelecendo fronteiras para que os membros possam produzir e reproduzir a identidade e diferença do grupo em relação a outros grupos. Carvalho (2006), explica que para Simmel, a existência de um grupo centrípeto e harmonioso é empiricamente impossível e não pode demonstrar nenhum processo real da vida.

Coser (1977), entende que a sociologia Simmeliana é formada sempre por uma aproximação dialética (indivíduo e sociedade). Diz ele que em sua obra, Simmel,

evidencia conexões e tensões entre indivíduo e sociedade. Para ele, os indivíduos são produtos da sociedade. Insiste Coser (1977) que a dialética indivíduo e sociedade contempla todo o pensamento de Simmel, pois o indivíduo é determinado ao mesmo tempo em que está determinando (Carvalho, 2006). Em suma, para Simmel, o conflito é a maior essência da vida e é impossível de ser extirpado. Ordem e conflito são correlativos, constituindo uma eterna dialética da vida social. Distinguir, então, uma sociologia da ordem e da desordem seria um erro (Carvalho, 2006).

É, pois, essencial, reconhecer, na perspectiva de Simmel, que o conflito social envolve ação recíproca (Carvalho, 2006). Tal processo é mais favorável aos grupos do que uma posição unilateral ausente de negociação recíproca. Para ele, somente a exclusão de um relacionamento seria considerada negativa. Um relacionamento conflitivo para os membros de grupo integra-os na teia social pela participação mútua. No entanto, diante dos fatores de exclusão, há, então, que se pensar nas questões sobre a violência. A pergunta: o conflito social relaciona-se com a violência? Carvalho (2006), diz que Simmel não abordou diretamente o conceito de violência, mas é pertinente refletir sobre os limites teóricos entre conflito e violência.

Como já elucidei algumas questões sobre o conflito, é necessário, então, situar os pontos importantes sobre violência aqui adotado: 1.) violência não é sinônimo de conflito; 2.) a perspectiva teórica sobre violência não é a mesma a respeito do conflito de Simmel; 3.) a compreensão dos conflitos sociais a luz de Simmel é um ponto crucial para entender a violência.

Quando se tem como partida a perspectiva teórica de Simmel sobre o conflito, compreende-se que a violência (contemporânea) é um conceito muito amplo que ultrapassa as questões sobre socialização e relações recíprocas próprias do conflito social.

Mesmo se fosse confundida com o conflito, a sociologia já evidenciou que a violência, já instrumentalizada, advém de múltiplos fatores culturais, econômicos, políticos ou sociais, que demarca sua complexidade quando esta se torna difusa, sem referências, e inexplicável. Porém, deixa brechas para se reconhecer que seu ponto de partida e chegada ocorre no campo simbólico dos sujeitos, quando agride a alma e rebaixa a condição humana (Carvalho, 2006).

Wieviorka (2006) define violência como uma negação da subjetividade assim como uma negação do reconhecimento sociocultural: não é mais a luta contra a exploração, a sublevação contra um adversário que mantém com os atores uma

relação de dominação, mas sim a não relação social, a ausência de relação conflitual, e a exclusão social. Esse autor estabelece duas ideias centrais sobre violência, a primeira é instrumental e desenvolve-se quando a ordem social se desfaz, onde não há *atores* estratégicos envolvidos, dispensando a comunicação e a relação entre atores; a segunda é a violência não instrumental, significando a impossibilidade dos atores sociais estruturarem suas práticas em uma relação de mudanças mais ou menos conflituosas, que pode ser traduzida num déficit nas relações, na comunicação e no funcionamento da relação entre atores (Carvalho, 2007).

Relacionando essas ideias com os recortes de jornal, apresentado anteriormente e intitulado “violência”, a violência não é sinônimo de conflito. Como vimos, o ponto de partida e chegada, sobre violência, ocorre no campo simbólico dos sujeitos, quando rebaixa a condição humana. Nesse sentido, ao expor os menores armados e intitular isso de “violência”, faz parecer que *ser violento* é um atributo somente de alguns (*os candidatos a bandidos futuros*) e não de outros, ou ainda, relega-se a violência ao plano dos conflitos sociais sob um julgamento de um mal a ser combatido em nome da ordem social. Categorizam menores como prováveis bandidos, e negam a humanidade dessas pessoas, largados a própria sorte. A violência corresponderá, então, às consequências da ausência de sociabilidade e reciprocidade dos conflitos sociais. À luz de Simmel, percebe-se que o conflito social somente será conflito quando corresponder à socialização e à ação recíproca entre os grupos sociais; caso contrário, entende-se que o conflito deixa de ser conflito e dá lugar às mais diversas formas de violência.

Além dessa ideia, podemos perceber novamente o desvio secundário quando o jornal expõe que “O impacto causado pelo uso de armas por menores pode ser grande aos olhos de espectador, mas *não atinge nem de longe a petulância e prepotência do menor que faz pose exibindo sua artilharia*” (grifo meu). Essa “exibição” é o mecanismo de defesa dos menores quando eram constrangidos. Podendo ser visto também em outras matérias, mas num tom, segundo o jornal, de ameaça: “Sem nenhum receio, as crianças fazem pose para o fotógrafo do JS, Edson Queiroz. Uma delas com o saco de cola no nariz; Os meninos mostram ar de perversidade e deboche; Um deles ameaça: se me fotografar, eu te dou uma facada, cara!” (Jornal de Santarém, 30 de abril a 2 de maio de 1994).

Na reportagem em que começo esse capítulo com um trecho onde o jornalista resenhava “Tem nego que nasceu para a vida do crime”. Podemos notar que

a frase carrega uma conotação violenta e fatalista, encerrando o problema do crime dentro da pessoa e que tem origens raciais. Essa reportagem continuou a matéria da seguinte forma:

(...) os **tiras** não conseguiam botar as mãos no negão. (...).  
 Mas como todo bandido tem seu dia negro, Mussum e sua gangue foram apanhados (...). Os investigadores Ismaelino e Alonso botaram as mãos no perigoso bandido, que levado para a central abriu o bico e dedurou o restante da quadrilha. Todos menores de idade.  
 Quando a reportagem policial chegou a central para fotografar o mussum e sua gang, ele se fez de importante. Não queria que sua cara fosse estampada no jornal. Depois de uns conselhos da polícia de plantão, mussum foi fotografado juntamente com seus comparsas. (...). (Jornal de Santarém – Terça- feira, 24 a sexta-feira, 27 de Abril de 1990)

No texto jornalístico foram empregadas as palavras “nego”, “negão” e “dia negro”, provavelmente com a desculpa de uma questão estilística, porém, muito claro com intenções racistas. Apesar da prática racista fazerem parte do universo das gangues, de forma velada, pelas designações atribuídas pelos apelidos, por exemplo, o nome *mussum*, ou *velho zuza* (Velho zuza é preso, Jornal de Santarém 09 a 13 de novembro de 1995). Não aprofundi minha análise sobre a problemática do racismo nos jornais e com os interlocutores, no entanto, é importante apontar a questão do racismo sendo permeada tanto por quem nomina quanto a forma que os jornais ao abordar a violência e o tema dos desviantes (gangues) faz referência aos sujeitos com forte conotação racista. Outra questão importante desse trecho é quando o jornal assinalou que “o *mussum (...) se fez de importante*”, podemos entender que o desvio secundário apresentou-se na forma de uma performance onde ele não era mais só um delinquente. Basicamente todos esses trechos jornalísticos citados, assinalam que uma grande parte dos detidos eram menores. Recapitulando algumas expressões e rótulos como “pivetes”, “pequenos assaltantes”, “candidatos a bandidos futuros”, “bandido perigoso”, pode nos mostrar a mentalidade da época – que não necessariamente tenha mudado hoje em dia, recentemente aparece na forma de projetos de lei sobre mudanças na maioria penal - no que diz respeito ao encarar menores de idade como desviantes, eles eram entendidos como sujeitos fadados a uma vida de crimes:

Delinquência juvenil é um passo para a delinquência adulta. Esses meninos de rua, caso não sejam tomadas providências mais sérias, futuramente serão os marginais de alta periculosidade, para

desespero da população e das autoridades competentes. (Jornal de Santarém, 30 de abril a 2 de maio de 1994)

Havia uma estratégia entre os gangueiros que os possibilitava fazer o que bem entenderem, como me contou Marcos, onde *ser de menor era importante*, podiam assumir um posto de líder por que sabiam que não seriam presos. Podendo ser visto também no jornal:

O que provoca irritação as pessoas que frequentam a Praça da Matriz é o fato dos pivetes não temerem a polícia. Alguns chegam a afirmar que se forem presos não demoram muito na delegacia da polícia. E agredir um pivete dá cadeia ao agressor, bem sendo esse prejudicado. (25 a 27 de setembro de 1993).

Mentir ser de menor também era um subterfúgio usado: “Integrante da gangue do bairro da Aparecida, Negão mentiu para a juíza dizendo que era de menor. Mais tarde soube-se que o mesmo é maior de 18 anos, o que ensejou a magistrada expedir o mandado de prisão preventiva”. (Jornal de Santarém, 05 a 07 de junho de 1993). Segundo o jornal, a maioria das gangues eram formadas por adolescentes entre 14 a 16 anos, e ressaltava que um dos problemas é a Justiça não poder prendê-los por um período de tempo muito longo, e “(...) Quando são detidos, os menores geralmente passam 45 dias trancafiados em salas especiais e gozando de regalias que não são dispensadas a outros presos” (Jornal de Santarém, 25 a 27 de setembro de 1993).

O 8º BEC, no ano de 1994, iniciou uma ação de assistência em que davam condições de estudo e trabalho para alguns menores nas dependências do quartel, sobre isso o jornal propôs uma ideia<sup>31</sup>:

“Interessante seria se esses meninos de rua pudessem ficar “enclausurados” no quartel do 8º BEC e de lá só saíssem ao final de cada semana. Mas como não existe condições para tal propósito, são liberados diariamente ao final do dia”. (Jornal de Santarém, 30 de abril a 02 de maio de 1994).

---

<sup>31</sup> 8º BEC é a sigla para 8º Batalhão de engenharia e construção.

Além dessas propostas os jornais também buscavam explicações sociais e econômicas junto as autoridades. Por exemplo, no que diz respeito ao crescimento da marginalidade de menores, para eles havia uma relação entre esse crescimento e o colapso do ouro em Itaituba. Como podemos ver no trecho de um jornal de 1992, numa entrevista da então promotora de Justiça da criança e do adolescente, reconhecendo que a causa para “o crescimento da marginalidade de menores nos últimos tempos em Santarém” foi a “decaída que o município teve com a quebra da produção e comercialização do ouro”: Quando a atividade aurífera estava no auge, no dizer da promotora, Santarém teve um crescimento muito grande e com a quebra havida, as famílias ficaram abaladas economicamente e, em consequência, socialmente. (Jornal de Santarém, 28 a 30 de março de 1992). Isso para buscar justificar o que a delegada da criança e do adolescente havia dito em um canal de comunicação revelando “que o número de atos de marginalidade praticado por menores de idade, aqui é igual ou maior do que o de Belém” (Jornal de Santarém, 28 a 30 de março de 1992).

De outra forma podemos entender que a promotora buscou na tese da “Desorganização Social” as explicações para a marginalidade em Santarém. Uma explicação estrutural que refere-se a instabilidade das relações provocadas pela mudança social (crise aurífera em Itaituba), que conduziu à tensões e rupturas na ordem local, criando um interstício isolado e desregulado em relação ao conjunto urbano. Em virtude desses processos, não foi possível estabelecer ligações com as instituições convencionais que fazem parte da ordem social envolvente. Problematizando essa explicação, a questão é que ao referir a fraca ação reguladora dos controles externos sobre determinadas áreas da cidade sugeriu-se a existência de zonas desprovidas de ordem social (desorganizadas) o que atualmente não é tão levado em consideração visto que em todo lugar há um sistema de relações entre grupos, redes sociais e interações individuais, com expressões densas de conjuntos de significados.

Os dados jornalísticos, contudo, não dão conta de cobrir as várias dimensões dessa discussão sobre o desvio secundário. Por exemplo, se uma reportagem é feita com um “gangueiro” ou um “de menor” quando preso, podemos entender que é uma intervenção oficial que tem um alcance maior já que ele reverbera enquanto notícia, porém, o desvio secundário não ocorre somente em consequência dessas intervenções oficiais. O desvio, fruto da reação social, ocorre muito mais em

domínios informais, menos sujeito a comparações públicas, e nesse sentido não se garante que atos parecidos suscitem as mesmas respostas. Ao invés disso, é mais provável esperar uma multiplicidade de reações na medida em que os grupos recorrem a maneiras diferentes de punir e a natureza de sanções varia conforme as ideias que se tem sobre sua interferência no mundo social. Se a natureza do ato ou sua escala for trivial ela pode ser ignorada – como vimos acima, das pequenas corrupções que praticamos cotidianamente só algumas delas suscitarão algum tipo de reação - porém, em outros casos, a reação se manifestará assim que algo surja como desintegrador e ameaçador, não podendo ser ignorado na vida social. O processo de estigmatização se encarregará de segregar, isolar e punir esses atores e seus atos através da atribuição de nomes, rótulos e estereótipos ligando o transgressor como diferente dos demais. Integrado progressivamente na identidade o estigma, afetando a reputação pública e regulando as interações futuras.

Ferreira (1999) nos diz que a formulação de Lemert, situa a reação social no plano interindividual, direcionado, principalmente, para os efeitos da interação simbólica entre o transgressor e as ideias que se tem sobre ele, perspectivando o comportamento desviante como uma reorganização simbólica da identidade. Porém, a perspectiva interacionista que analisa a reação social como forma de controlar e digerir aspectos instáveis da vida social ganha maior amplitude e profundidade quando passa a considerar fenômenos no plano estrutural e coletivo.

Essa amplitude pode ser considerada a partir da análise dos pânicos morais. Formulada por S. Cohen (1972), por este conceito se expressa as manifestações de medo e de receios coletivos em relação a determinados fenômenos ou grupos vistos como ameaças potenciais deslocando-se além dos processos de desvio das relações interindividuais para as coletivas.

Contudo, existir medo não é causa necessária para caracterizar o pânico moral. São necessárias a presença do agente supostamente responsável por essa ameaça e a avaliação do fenômeno que se apresenta a um observador externo como uma reação exagerada e desproporcionada (Ferreira, 1999, pg. 661).

A questão central na análise do pânico moral é a reação, fundamentalmente inadequada, de agentes e setores importantes da sociedade a incidentes relativamente menores (Cohen, 1972). As reações dos meios de comunicação social, dos tribunais, dos políticos em geral são sempre

desproporcionadas em relação ao perigo real que a ameaça constitui no momento para a sociedade:

Gangues aterrorizam os bairros (título da matéria)

Mesmo com as constantes rondas policiais que a polícia Civil realiza em Santarém, as gangues continuam a aterrorizar os bairros existentes na cidade. Pela parte da noite, o confronto entre ambas começa a repercutir, conforme aconteceu na noite do dia 08, quarta-feira, quando a gangue da Conquista, enfrentando a do Maracanã, promoveram tiroteios, deixando os moradores daquela área em estado de desespero (Sábado, 18 a segunda-feira, 20 de junho de 1994).

Aumenta o índice de violência na cidade (título da matéria)

Existe uma preocupação muito grande por parte da população santarena, devido o índice de violência que aumentou na cidade. Com a parada intensiva da operação Patrulhão que vinha sendo realizada pela Polícia civil e militar, com bastante sucesso, as gangues voltaram a agir despreocupadamente. (27 a 29 de agosto de 1994).

Nesse sentido, em resposta a preocupação exagerada, os que são vistos como estando na base da ameaça precisam ser neutralizados para a preservação da sociedade convencional cumpridora da lei:

“Violência tem combate intensificado (título da matéria)

A onda de violência tomou conta de Santarém e teve seu ápice com a morte do estudante Vladimir Galúcio Júnior há quinze dias atrás na travessa Turiano Meira”. (Jornal de Santarém, 17 a 19 de novembro de 1994).

Para que possa ser desencadeado, o pânico moral, é necessário que uma parte significativa da sociedade esteja profundamente convencida de que determinado fenômeno representa uma ameaça real aos seus valores e a segurança da existência coletiva. Os pânicos são processos de amplificação do desvio, que deve-se muito aos usos que se faz dos meios de comunicação. As imagens de desvio na sociedade são recebidas quase que exclusivamente em segunda mão, ou seja, construídas e projetadas pelos meios de comunicação. Essa análise também busca mostrar como essa projeção implica uma certa dose de distorção. Algumas vezes, o objeto do pânico é absolutamente novo, mas outras vezes, é algo que existia há muito tempo, mas repentinamente ganha notoriedade.

Na metodologia do trabalho, apontei que usei conversas do whatsapp, e também informações de um blog, para expor uma situação que aconteceu em Santarém no ano de 2014. Esses dados ajuda elucidar a ideia do pânico moral.

No dia 06 de abril de 2014, um domingo, várias mensagens em forma de print foram veiculadas na rede social WhatsApp com o intuito de divulgar uma série de eventos de caráter criminal que estavam acontecendo na cidade. As notícias veiculadas falavam sobre roubos, mortes e conflitos de gangues nos bairros e a invasão de um hospital da cidade. No grupo “UEPA STM- comunicação” uma das participantes bastante alarmada comenta: “Gente não saião de suas casas tá tendo tiroteio na cidade 2 mortos e 3 baleados e gangs rivais entraram no hospital municipal fizeram reféns e tá tendo disparos de armas de fogo no local e não tem policiais na rua”, outra participante postou “Acabei de receber essa msg tb professora, meu DEUS”. Outra participante reafirma a mensagem dizendo que “teve tiroteio dentro do hospital e invasão de gangue”, mas, segundo a Diretora de enfermagem do hospital municipal, realmente houve uma tentativa de invasão por parte de alguns integrantes de gangues no hospital, mas o GTO (Grupo tático operacional) e a polícia civil chegaram a tempo no hospital e tudo foi resolvido. Outro participante do grupo dizia, “Saíam soment por necessidad mesmo... d preferencia fiquem em casa”. E a mesma que tentava esclarecer o que havia acontecido no hospital dizia que “o problema são os confrontos nos bairros”. Um blog de um advogado de Santarém, nesse mesmo dia republicou uma matéria intitulada: “Santarém virou território livre- sem polícia nas ruas a violência tomou conta e já invadiu o PSM”; “Insegurança no hospital municipal- funcionários podem abandonar o posto por falta da polícia”<sup>32</sup>. Agora a matéria na íntegra:

“Neste fim de tarde de domingo (6), A\*\*\*\* Pereira, 31 anos, meteu bala em duas pessoas no bairro da Área verde. Os atirados foram para o PSM, mas ao entrarem lá, parentes da vítima meteram bala em A\*\*\*\* que morreu no local- Um funcionário chorando ligou para o blog e nos disse, que o atendimento de esfaqueamentos e as vítimas de violência desenfreada aumentaram em 30% desde sexta (4) quando a PM saiu das ruas de Santarém, 8 lojas foram arrombadas no centro da cidade...Pior; Santarém está sem policiamento e prefeito, que não se manifesta diante o caos que virou a cidade”. Nesse mesmo tempo, no outro lado da cidade na rodovia Santarém- Cuiabá, no 3º BPM

---

<sup>32</sup> Nesses dias de greve, os policiais diminuíram o número de viaturas nas ruas e revezavam grupos para protestarem no quartel.

acontecia uma manifestação da polícia civil, que reivindicavam isonomia no aumento salarial que já havia sido aprovado pelas comissões de orçamento e finanças e de constituição e justiça. Mas o projeto de reajuste salarial assegurava somente os policiais graduados, deixando de fora soldados, cabos e sargentos. (Joséronaldodiascampos.blogspot.com, 6 de abril de 2014).

Como vimos, o pânico moral é uma reação, fundamentalmente inadequada, de agentes e setores importantes da sociedade a incidentes relativamente menores (Cohen, 1972). O trecho acima ilustra bem essa repentina notoriedade, que vem à tona quando algo de incomum acontece, e que por mais que realmente tenha ocorrido o incidente – e um jovem tenha morrido- a reação desproporcional pela falta de policiamento mais o confronto de gangues foi o suficiente para desencadear comentários de todos os tipos sobre insegurança. Atentem-se para o ano que é 2014. Se considerarmos que conflitos de gangues não existiam mais a partir da segunda metade da década de 2000 então, são dez anos sem gangues, mas mesmo assim elas ainda pairam na memória das pessoas.

O terceiro e último capítulo é a análise de uma representação social, ou seja, “um conhecimento prático, que dá sentido aos eventos do cotidiano, forja as evidências da nossa realidade consensual e ajuda a construir a realidade social” (Sêga, 2000, pg. 128-129). De certo ponto de vista podemos até afirmar que a representação social perpassou por todo o trabalho, na forma como os interlocutores explicavam seu engajamento em gangues, como eles significavam seus territórios, como eles eram representados pelos jornais, enfim. Mas a representação que vou tratar foi acionada em determinado momento da pesquisa por Marcos (meu interlocutor) que de certa forma até toca na discussão sobre o fim das gangues. Vejamos do que se trata.

## CAPÍTULO 3

### “GANGUEIRO QUANDO QUER PRESTAR...”

Durante o tempo da pesquisa ouvi a seguinte expressão: “gangueiro quando quer prestar ou vai pra cadeia, a igreja da paz ou Manaus”, que me era familiar de um programa de TV (da primeira metade da década de 2000) de um vídeo curto, que ia ao ar sempre que acontecia alguma reportagem sobre assalto, agressão, furto, enfim, onde o apresentador falava que “pra vagabundo só tem dois caminhos a cadeia e o cemitério”.

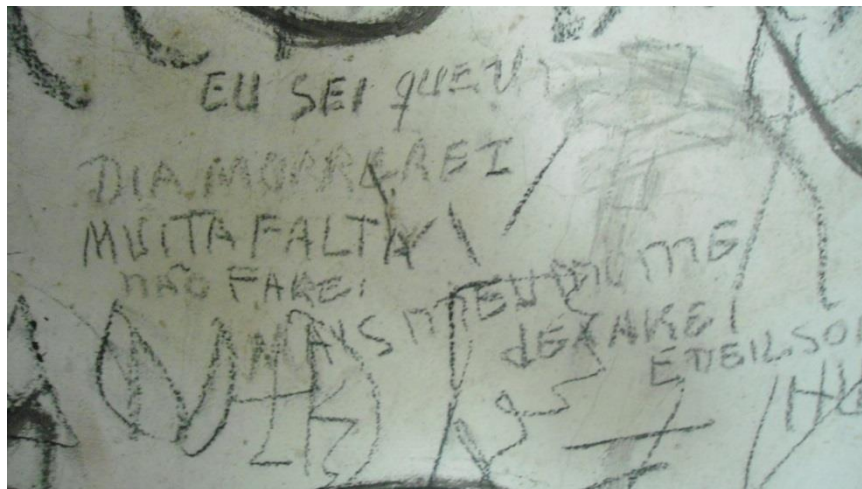
Podemos entender essa “expressão” como uma maneira de pensar a realidade cotidiana desenvolvida por indivíduos e grupos que a usam para fixar suas posições em relação a situações, eventos, objetos que lhes dizem respeito (Sêga, 2000). Estamos aqui falando da representação social, um conceito que busca designar fenômenos múltiplos, estudados em termos de complexidades psicológicas e sociais (Durkheim, 1912; Moscovici, 1961, 1973, 1979, 1989, 1997; Berger & Luckmann, 1978; Jodelet, 1989; Porto, 2009)

A representação social pode ser entendida como um conhecimento prático, que dá sentido aos eventos do cotidiano, forja as evidências da nossa realidade consensual e ajuda a construir a realidade social Sêga (2000). Toda reprodução social é representação de alguma coisa ou de alguém. Não é uma cópia do real, nem do ideal, não é parte subjetiva do objeto e nem seu contrário. Ela é o processo pelo qual se estabelece a relação entre o mundo e as coisas. Toda representação tem dois lados indissociáveis, o simbólico e o figurativo. Até mesmo para as representações mais básicas é o processo de elaboração cognitiva e simbólica que estabelece os comportamentos. Não existe nada nas representações que não esteja na realidade. As representações sociais surgem no curso das variadas transformações que geram novos conteúdos. Durante essas transformações, as coisas além de modificarem, surgem pontos de vistas mais claros, “e todas as coisas que nos tocam no mundo à nossa volta são tanto os efeitos de nossas representações como as causas dessas representações” (Sêga, 2000, pg. 132).

Foi Marcos quem me falou dela certa vez enquanto como conversávamos sobre o seu passado. Ele buscou me explicá-la da forma como a entendia. Nesse sentido vamos analisar a representação “gangueiro quando quer prestar ou vai pra cadeia, a igreja da paz ou Manaus”. Como as duas representações são bem parecidas, vamos introduzir a ideia de “cemitério” que o programa de TV acionava.

Primeiramente a noção de cemitério, ela demanda pouca explicação, é uma saída definitiva dessas organizações. As pessoas que são sujeitas a censura social, quando publicamente reconhecida (e até condenada), passam a ser alvo de outras gangues e quando confrontados reagem: *Morto às Proximidades da Casa do Forró; “Vera Paz” Morre Banhado em Sangue; Jonilson é Morto com uma Facada no Coração; “Zé Buraco” É Morto com mais de 17 Facadas no Uruará; “Ratinho” é Abatido na Nova República*<sup>33</sup>. Muitos deles aceitavam o fato de que estavam fazendo algo de errado, e até demonstravam isso. Alguns “gangueiros” tinham uma ideia fatalista de que não passariam de sujeitos que cometiam crimes e que não se importavam em morrer.

Figura 22 - Verso encontrado na parede do "matadouro": "Eu sei que um dia morrerei muita falta não farei mas meu nome deixarei. Edeilson".  
Fonte: Autor (2012)



<sup>33</sup> Respectivamente apresentados nos jornais: Santarém, sábado, 30 de junho a segunda-feira, 02 de julho de 1990; Santarém, 10 a 12 de julho de 1993; Santarém, 25 a 27 de Março de 1995; Santarém, sábado, 17 a segunda-feira, 19 de junho de 1995 e Santarém, 14 a 18 de setembro de 1995. Os matérias estão em anexo no fim do trabalho.

Numa análise bem parecida com a de Becker (1963; 2008), Goffman (1978) no livro *Estigma*, no capítulo sobre “controle de informação e identidade pessoal” ao se referir aos desacreditados, isto é, pessoas na qual são visíveis a discrepância entre sua identidade real e sua identidade virtual, ou seja, os estigmatizados, nos fala que para o grupo social onde estão inseridos, mas ao mesmo tempo afastados, são vistos como incapazes de usar as oportunidades ao seu alcance para o progresso nos caminhos aprovados pela sociedade, como não tem senso de moralidade para a sociedade, eles representam defeitos nos esquemas motivacionais da sociedade. Com isso Goffman (1978) ilustra bem o que a sociedade envolvente quer ver e pensar sobre os desviantes e o que os desviantes podem ver e pensar sobre si.

Certa noite quando caminhava por uma rua, fui convidado a sentar numa mesa de bar. Aceitei o convite por conhecer uma das pessoas, Tales (terceiro interlocutor). Imaginei que poderia ser um momento para conversar sobre coisas de interesse da pesquisa. Começamos com as formalidades e com o tempo fui introduzindo perguntas que se remetiam ao seu passado. Tales dizia que as histórias que ele viveu dava para escrever um livro. Perguntei a ele o que havia acontecido para ela ter sido tão intensa? Tales respondeu que já passou por muitas situações. Mesmo sendo de menor na época (nos anos 90), ele havia sido líder da gangue da fronteira, o motivo de ter sido chefe de uma gangue, mesmo tão novo, não era necessariamente porque havia conseguido essa posição enfrentando os líderes, mas simplesmente porque como era de menor e estava então protegido contra a ação da polícia, nas palavras de Marcos *ser de menor era importante*. Já maior de idade, Tales foi acusado e preso por assassinato (segundo ele não matou ninguém), foi embora de Santarém para o interior ou cidades maiores, mas, sempre acabava retornando. Contou que às vezes se trancava em casa durante dias se perguntando o que estava fazendo de sua vida. Desabafou dizendo que tinha vezes que chorava tentando entender por que estava naquela situação, porém, não havia ninguém para conversar. Dizia que se sentia culpado por não saber o que fazer da vida. As pessoas o associavam a coisas ruins, usando nomes que o caracterizavam e, muitas das vezes, passavam a assumir esses nomes. Parafraseando Elias “dê-se a um grupo uma reputação ruim e é provável que eles correspondam a essa expectativa” (ELIAS, 1990, p. 30.).

O que membros de grupos desviantes organizados tem em comum? O desvio. Num grupo desviante, por estar em companhia, é mais fácil desenvolver

justificativas históricas, legais e psicológica para suas atividades desviantes, não necessariamente eles terão ajuda dos outros quando se sentirem deprimidos quando estiverem numa má situação. Como disse Marcos *tu não tem mais amigos, tu tem parceiros da onda e eles é que vão ser sua família agora*, mas isso não quer dizer que essa relação será de forma harmoniosa, na hora das brigas, ele diz *é cada um por si, amigo só existe enquanto todo mundo tá de boa*. Em outras palavras, cada um é responsável por si no que vier a acontecer, morrer é só mais uma questão que deve ser encarada e eles passavam a comprar essa ideia.

A representação popular também toca no vocábulo cadeia, que segundo o imaginário é para “pagar pelos crimes” ou “se regenerar”. Algumas manchetes de jornais dizem: *Presídio está Superlotado; Galilal Foi Preso Desfilando na Avenida; Membro de Gangue Condenado a 10 Anos; Gangue do Galilal Já Está no Presídio; Quadrilha Liderada Por “Teta” é Presa*<sup>34</sup>. Certa vez quando estava num posto de gasolina, um sujeito chegou perto de mim querendo interagir, não tive receio da sua aproximação, pois como estava num lugar movimentado então seria neutralizado se fizesse algo de ruim. Ele chegou pedindo dinheiro, como eu estava na companhia de um amigo levantamos uma grana (alguns trocados) e demos a ele. Ele passou a contar uma história que não fazia o menor sentido, mas mesmos assim prestamos atenção. Era uma história sobre alguém, talvez ele próprio, que havia vendido o filho para saldar uma dívida. Era uma história mirabolante, mas que não fazia em muitas partes o menor sentido. Determinado momento da conversa ele falou que a cadeia era um dos piores lugares que se pode estar e que isso não ajudava ninguém. Supomos que ele havia sido preso. Tocou no assunto sobre o que acontece com estupradores dentro da cadeia, falou que há pessoas que se encarregam da morte dos outros a troco de nada. Disse que o presídio de Santarém era calmo em relação a outros presídios. Depois de um tempo se despediu e foi embora. A alguns metros de distância percebemos que ele carregava um facão por dentro do seu calção na parte de trás que quando ele andava balançava de forma desengonçada. Soube recentemente que ele havia sido morto.

A representação toca no nome da Igreja da paz. No caso dessa, A ideia da religião era acionada para explicar sobre a saída das gangues de uma forma

---

<sup>34</sup> Notícias respectivamente apresentadas no Jornal de Santarém nos anos: 1993; 27 a 1 de março de 1993; Sábado 01 a 03 de janeiro de 1994; Sábado 12 a 14 de fevereiro de 1994; Santarém- quinta-feira, 07, a segunda-feira, 11 de Setembro de 1995.

“renovada”, positiva, diferente das anteriores que são negativas. Só lembrando que essa representação é pertinente por que toca em muito nas formas como as gangues acabaram, e em como os sujeitos abandonaram essas organizações. Quando perguntei a Marcos sobre como as gangues terminaram, ele me contou que o motivo foi que muita gente morreu ou foi preso, e como os que permaneciam nela percebiam que um momento poderia acontecer isso com eles resolveram aos poucos acabar com elas.

Tales contou-me que após ser preso entrou para uma igreja protestante. A sua conversão foi por conta de um sonho. O sonho era mais ou menos assim, ele se viu no meio de um campo imenso, o céu estava escuro, mas não era noite. De um lado do campo havia anjos, e do outro, demônios, com ele ao centro. Os anjos e demônios disputavam sua alma. O sonho (revelação) aconteceu num tempo de enfermidade, ele havia sido baleado e achava que ia morrer. Depois disso passou a frequentar a igreja após ter assistido os testemunhos de *Guina* e *Catatau* que haviam se convertido a igrejas pentecostais e ele acabou por se identificar com suas histórias. *Guina*, é um personagem de uma música da banda de rap Racionais Mc's, foi apropriado por um sujeito que dizia que a música tinha sido inspirada em sua vida. Hoje em dia foi desacreditado, no meio evangélico, depois de exporem a verdade sobre esse sujeito. *Catatau*, é hoje em dia conhecido como Pr. Deivison Carvalho. No seu testemunho, esse “ex-traficante”, “ex-morto”, conta que tomou vários tiros, foi considerado morto e ficou no necrotério por quase 5 dias. Ressuscitou graças as orações de duas irmãs de uma igreja. Ficou 24 dias em estado de morte cerebral, ao ressuscitar, ainda continuou por determinado tempo no crime até que se entregou a Jesus, onde teve sua vida e sua saúde transformadas. Durante a conversa Tales contou-me sobre o testemunho desses sujeitos e usou em seu discurso deles para potencializar sua crença. Sobre a visão de Tales, o arquétipo do bem e mal (deus e o diabo) e a crença na misericórdia divina (a segunda chance) é um ponto de partida recorrente no discurso de convertidos, ou seja, desses que não se consideram mais envolvido em práticas que tinham anteriormente” (por exemplo ex-gay, ex-traficante) usa-se para reforçar e legitimar suas “novas” visões de mundo. Vale ressaltar que muitas igrejas fizeram atuações com jovens nesse tempo em Santarém, não é à toa que a representação social toca no nome da igreja da paz.

O quarto destino é o mais peculiar. É comum ver que muitas pessoas envolvidas com gangues sumirem por um tempo e depois retornarem. Ou vão para o

interior, ou grandes cidades. No caso dos entrevistados o destino deles era Manaus capital do Amazonas. Já ouvi casos de pessoas que foram para o Acre e também São Paulo, mas vou me concentrar em Manaus, para tentar esquematizar uma análise do fluxo de pessoas, informações e valores dentro de um contexto de gangues.

Oliven (2007) nos diz que as sociedades que estão se urbanizando rapidamente podem experimentar situações em que paternalismo e o clientelismo são pulsantes, pois, somente parte da população são absorvidas por relações capitalistas de produção, o restante terá que sobreviver no mercado informal. Em ambos os casos, das pessoas que saíram de sua cidade para outra terão que entender as regras de um novo contexto mais competitivo e com recursos escassos. Lornnitz (1975, apud Oliven, 2007) pesquisadora que analisou a questão da sobrevivência de setores marginais de populações da América Latina, diz que apesar das teorias em contexto de mudanças apontarem para o crescente individualismo constatou que essa sobrevivência de um extrato importante da sociedade urbana se dá pelo uso da reciprocidade. Conceito explorado por Mauss (2003) no clássico *Ensaio sobre a dádiva*, e apontava que a dádiva – a obrigação de dar, receber e retribuir - fundamenta a sociabilidade e a comunicação humana, argumentando que ela produz aliança matrimoniais políticas, religiosas, econômicas, jurídicas e diplomáticas. E que de todos os temas complexos e da multiplicidade de coisas em movimento, o caráter voluntário é um traço profundo e isolado das prestações econômicas, que aparentemente é livre e gratuito, porém, também é obrigatório e interessado. Reciprocidade nesses contextos é uma ideia chave. Nesse sentido o conceito de *socius* (Latour, 2012), as associações que estão sempre em movimento e estabelecendo conexões, articulando pessoas, coisas e natureza de forma provisória, pode nos ajudar no nosso exemplo a seguir.

Quando Marcos foi acusado de um delito grave (assassinato), sua permanência em Santarém lhe custou muito caro. Por tal atributo, passou a ser uma ameaça maior. O que ele teve que fazer? A solução encontrada por muitos gangueiros foi a partida para outras cidades, ele resolveu “fugir” para Manaus. No que concerne aos sujeitos de gangues, Manaus passou a um centro de gravidade, seja para passar um tempo, seja para conseguir emprego. Muitos pais de jovens não suportando a ideia de ver o filho ser preso, ou morto (porque não é só uma luta contra as instituições de punição, “gangueiros” tem rixa com outros “gangueiros”, surgindo daí a *vendetta*) podem ajudá-los a sair da cidade. Marcos que partiu de Santarém para Manaus

necessitou antes de tudo de informação: instruções para sair da cidade, lugar para ficar e como conseguir emprego; tinha familiares, amigos e conhecidos com quem buscou saber das regras para sua manutenção nesse novo lugar. Partiu para Manaus e criou novos laços (geração de solidariedade).

Aqui utilizo a noção de associação de Latour (2012). Por sua perspectiva, o social (associado) nunca se deixa apreender. O que isso quer dizer? Ele não é visível nem substantivado, e por isso, se compõe de elementos que não podem ser chamados de elementos sociais. Pode sim, agregar elementos econômicos, políticos, físicos, biológicos, tecnológicos, mas nunca elementos sociais compondo o 'social'. Segundo ele, isso seria redundância. Talvez caiba a ideia de Latour nessa parte do trabalho, mas com suas devidas considerações, porque a perspectiva que ele adota é mais solta sobre questões ou termos que as ciências sociais e seus praticantes estão acostumados, como o caso da ideia de grupo à qual Latour prefere dizer que não existe grupo mas sim formações de grupo agregando elementos heterogêneos (Latour, 2012).

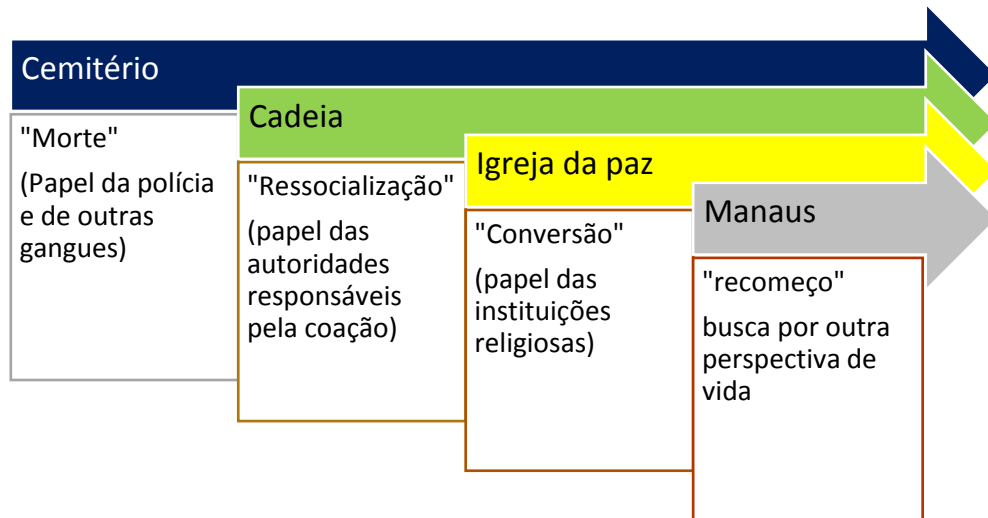
No curso dessas associações, quando Marcos partiu, não foi sozinho. Uma rede de relações extensa o auxiliou. Aqui rede, mesmo sendo uma ideia abstrata, passa a ser um ator, pois o ator é segundo Latour (2012) qualquer coisa que modifique uma situação. Os “objetos” em sua perspectiva tem ação, não no sentido de dizer “os martelos martelam” ou “as facas cortam”, mas sim que esse objeto, rede, ator, partícipe, “não humano” serve de pano de fundo para a ação humana, “as coisas precisam autorizar, permitir, conceder, estimular, ensejar, sugerir, influenciar, interromper, possibilitar, proibir e etc.” (Latour 2012, pg. 109) A rede possibilitou a formação de agregados em contínuas associações, e a cada nova circunstância novos agregados e novas concepções foram formuladas sobre “saber se relacionar”, botar em ação esse “se relacionar em novos contextos”.

Seguindo essa ideia, é possível entender que Marcos, assim e provavelmente outros agentes, estabeleceram conexões para saber lidar com esse novo local. Passaram a criar novas redes, famílias nesse contexto e criando associações entre lugares como Santarém-Manaus. Nesse quadro mutável, já que pode representar coisas diferentes para as pessoas para quem os vive, fiquei sabendo por Marcos que tanto ele quanto conhecidos seus que foram para Manaus não acabaram encontrando ali um novo rumo, mas acabaram se envolvendo com pessoas que tinham uma situação parecida com a deles e que eventualmente acabaram

desenvolvendo outras atividades, mas agora vinculada ao tráfico de drogas, ou seja, possibilidades de desenvolver novas carreiras desviantes, bem mais complexas do que aquelas que eles tinham em gangues em Santarém. Mas agora voltando a pensar a representação “gangueiro quando quer prestar...”, nesse sentido quando se fala sobre Manaus, está falando sobre recomeçar, mesmo que isso não seja uma “segunda chance” (ao modo da representação sobre se “converter”), pode na verdade significar novos rumos desviantes ou não. Agora sobre o fluxo Pará-Amazonas, ou Santarém- Manaus, há duas representações que dizem “todo paraense é ladrão” e “todo amazonense é preguiçoso”. O que as pessoas que reverberam essas ideias querem dizer é que as pessoas que no Pará (não importa qual cidade) praticam algum crime vão para a cidade de Manaus (como disse, a questão da fuga para outras cidades), mas “ladrão” nesse sentido implica que os paraenses roubam os seus empregos. Já a segunda representação quer dizer que não é que paraenses roubam os empregos dos amazonenses, mas sim que esses últimos não gostam de trabalhar, como diria algumas pessoas que conheci que mantinham um fluxo entre essas duas cidades, é que a coisa mais fácil de se conseguir em Manaus era emprego. Esse fluxo dos “gangueiros” para essa cidade não passou despercebido.

Essa representação, de fato, é interessante porque pode dar subsídios para questões, por exemplo, quais outras formas de justificação para o abandono das gangues? Sobre a vinculação em instituições religiosas, o que lhes chamou a atenção para elas? Sobre o sistema carcerário, o que pensam os jovens e os homens sobre ressocialização nos espaços de privação de liberdade? Sobre sujeitos que saíram de Santarém, que eram vistos como desviantes, como passaram a ver e a construir suas vidas? Ainda continuaram desenvolvendo uma carreira desviante? Deixo aqui esses questionamentos, apesar de não serem questões bem construídas, contudo, ajuda a produzir outras de melhor alcance para um maior aprofundamento das discussões sobre o desvio.

Figura 22- Esquema ideal da representação “gangueiro quando quer prestar ou vai pra cadeia, igreja da paz ou Manaus”, nele foi adicionado o “cemitério”.  
 Fonte: Autor (2012).



O esquema acima representa idealmente a expressão popular “gangueiro quando quer prestar...”, porém, é bom se atentar ao fato de que nesse capítulo também mostrei o que essa ideia representou para atores mais envolvidos com práticas desviantes.

Como mencionei, essa representação é interessante por que toca na forma como essas organizações findaram. Mas, e hoje em dia, o que fazem os interlocutores? Marcos Diogo trabalham em restaurantes (diferentes). Diogo, as vezes faz bico em casas de show. Marcos ainda mora no bairro, Diogo não. Ambos têm mulheres e filhos. Tales não mora mais em Santarém, da última vez que soube dele estava foragido.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo desse trabalho procurei apresentar como os gangueiros levaram adiante a participação nos grupos desviantes apesar dos constrangimentos dos controles externos, mas antes vamos recapitular alguns pontos.

Vimos que o desvio é próprio da vida social, pois onde há a necessidade de estabelecer normas, o desvio se instaura. Contudo, não porque se infringiu regras que isso será causa necessária para definir o comportamento desviante. A concepção de desvio, que foi aqui apresentada, se manifesta a partir da censura, exprimida pela reação ao que parece ser ameaçador, ou que não pode ser, pelo menos imediatamente, integrado ao quadro da normalidade. Como censura, o desvio antecipa fatos e situações externos que podem constituir ou vir constituir ameaças reais ou imaginárias a ordem do grupo. Por essa perspectiva (desvio enquanto censura) ela passa a denunciar a ameaça aos significados que apoiam a ordem social. Como reação, a atenção se dirige para os processos que estão na base das definições e das classificações de desvio, ou seja, a ação de recensear, julgar e condenar. A censura apresenta-se como um instrumento de controle a partir do qual se firma e consolida um determinado sistema de significação em que se assenta o quadro social da normalidade.

A partir dos jornais analisados vimos que os meios de comunicação podem ser amplificadores de desvio, que ao apresentar fatos, também os distorcem. E que os gangueiros, assim como os *de menor* usavam estratégias como defesa, ataque ou adaptação em relação a problemas manifestos criados pela reação e constrangimentos sociais.

No tópico “tornando-se um gangueiro”, vimos que um sujeito pode ser marcado tanto pelos que tem comportamentos apropriados quanto pelos desviantes puros em determinadas situações, incorporando assim, uma identidade desviante. Vimos também a mudança ao longo dos anos 90 dos espaços simbólicos desses grupos, e o surgimento de gangues dentro de gangues. Algo que eu gostaria de ter investigado também era o papel das mulheres nessas organizações, porém, pode ser questão para outro trabalho.

Finalizo aqui e desejo que outros possam continuar pesquisas com grupos que são considerados desviantes aqui na cidade de Santarém. E que as perguntas que fiz, esporadicamente, possa servir como subsídios para outras pesquisas futuras. Espero que o trabalho possa receber críticas, mas que também possa ser ampliado e repensado por outros que tiverem curiosidade de o ler.

Santarém - Sábado, 29 a Segunda-feira, 31 de maio de 1938

JORNAL DE SANTARÉM - 11

# Estudante é morto em frente à danceteria

## RONDA POLICIAL

GERSON GREGÓRIO

### ESFAQUEAMENTO

Por ter esfaqueado seu amante Damásio Sousa Silva, estivo, 24 anos, residente à Avenida Senador Augusto Motta, 187, bairro Urutá, foi presa (mas já foi liberada) na delegacia de polícia da Avenida Mendonça Furtado, a doméstica Maria da Saúde Silva Duarte, cozinheira, 25 anos, residente à Avenida São Paulo, bairro Urutá.

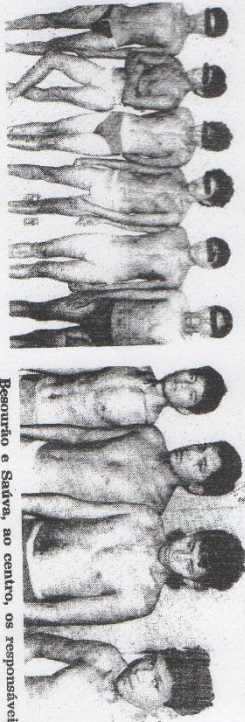
Segundo a ficha de ocorrência, Maria da Saúde há bastante tempo vinha reclamando de Damásio a falta de ajuda para sustentar a filha do casal, mas seu amante nem ligou para o fato. No domingo passado, 23, Maria e Damásio tiveram uma violenta discussão quando a doméstica apanhou uma faca e acertou duas facadas em Damásio, sendo uma no lado direito do peito e a outra no ombro direito. Ela também provocou lesão corporal em Iracema Sousa Silva, que foi medicada no hospital da Fundação Nacional de Saúde.

### AMEAÇAS NA PRAIA

Em adiantado estado de embriaguez alcodica e ameaçando banhistas que se encontravam na Vera Paz, praia localizada em frente a cidade, foi parar no pé da Delegacia de Polícia, o elemento Luís Antônio Araújo Ferreira, 23 anos, pedreiro, residente à Rua 24 de Outubro, bairro Aldeia. O bebado não gostou de ser chamado a atenção pelos banhistas

O final da semana que passou superou de modo assustador o clima de tranquilidade e favor que atualmente norteia a sociedade santarémense. A ação das gangues que proliferam na cidade e que agem impune, fez mais uma vítima. O jovem Alvaro Brito de Araújo, estudante, 16 anos, que morava à Avenida Borges Leal, 1655, foi brutalmente morto quando comprava ingresso na bilheteria da Sygnus Clube. Dois tiros de revólver acertaram a cabeça e o corpo do estudante da Escola Abelhinha.

Segundo registro policial, Alvaro estava na fila em frente à Sygnus esperando vez para comprar seu ingresso e participar da festa dançante que lá se realiza todos os domingos. Não se sabe porque integrantes da gangue do bairro de Aparecida resolveram amedrontar todos que se encontravam em frente à danceteria. Depois de terem bebido em um bar em frente à Sygnus, os arruaqueiros Edinaldo da Silva Maia, vulgo Besourto, 19 anos, residente à Travessa Bauri, 105, e Idelson José de Carvalho da Mata, vulgo Sautvê, também de 19 anos, ambos residentes no bairro de Aparecida, sacaram de seus revólveres e atiraram em cima de Alvaro, que já caiu morto. Os dois foram acusados pelos outros



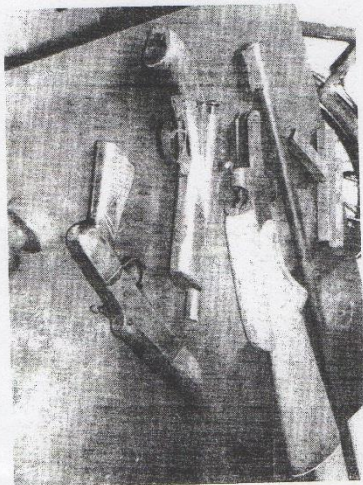
Membros da gangue de Aparecida

reira, vulgo China e Jackson Gomes da Costa.

A morte de Alvaro Brito de Araújo soma-se a do elemento que era conhecido como Sombra, que foi morto por espancamento no mesmo local onde morreu o estudante da Escola Abelhinha.

### INSEGURANÇA

O assassinato de Alvaro é uma clara demonstração de como as gangues de rua vão cada vez mais levando pânico à famílias santarémenses. Os matadores de Alvaro são maiores de idade, mas as gangues são em sua maioria formadas por jovens com idades oscilando entre 14 a 16 anos, o que faz com que a justiça não tenha poder para mantê-los presos por um período de tempo muito longo.



As armas que estavam em poder dos membros da Gangue de Aparecida

através da delegada Graça Malheiros, conseguiu prender o jovem Ricardo Medeiros, de 32 anos e Paulo Augusto Medeiros, de 29, ambos irmãos, acusados de estarem contrabandeando armas dos Estados Unidos, em uma aeronave de prefixo N5 406S, norte-americana.

Tão logo os dois elementos foram presos pela equipe da Federal, foi pedida a sua prisão temporária pela delegada e posteriormente a preventiva, sendo que os elementos foram levados para o presídio de Santarém. Os dois irmãos residem à Avenida Presidente Vargas, nº 343, bairro da Liberdade.

Em depoimento dado à dele-

ponsáveis pela operação clandestina de lançamento de dois volumes que continham armas de fabricação estrangeira, na cidade de Castanhal, no dia 11 de junho.

Luiz Ricardo e Paulo Augusto, piloto e mecânico, respectivamente, negaram que estão envolvidos em assaltos a bancos na Região Norte ou com o Comando Vermelho. Eles alegaram que vieram a Santarém com a finalidade de trabalhar no transporte aéreo para os garimpos da cidade de Itaituba. Eles foram vítimas de um dano causado no avião, o que o obrigou um pouso forçado.

vigiado por agentes federais.

Ainda no depoimento dos irmãos, eles falaram que são colecionadores de armas, inclusive praticavam tiro ao alvo, no deserto do Arizona, onde moravam há 5 anos. Eles ressaltaram que saíram do Arizona no dia 06 de junho com destino ao Brasil, porém a delegada Graça Malheiros apurou que o piloto possui dois passaportes brasileiros e que Paulo foi deportado dos Estados Unidos, no início deste ano e Ricardo foi exilado, por terem os mesmos transportado armas do exterior para o Brasil, onde promoviam assaltos.

## nota de em favor de estudo

A Associação do de Santarém expõe desagravo à imprensa de Repúdio, fidente do Diretor do Campus da UFPA sultar os membros denegrindo a dignidade do Grêmio do Colégio Rodrigues, Barlete Vinhotos, Na Nota de Re Campos ressalta que te desrespeitou a presentes à reunião feito, onde estava tida a meia-pausa segundo o presidente Francisco Amaral tira.

Francisco Amaral diretor do Colégio dos Santos, Bern está querendo a grêmio do Colégio centivou o univer a Nota de Repúdio mesmo, caso não com o grêmio, que pessoa de seu interesse da entidade.

Por outro lado Amaral falou que ferindo diversos alterando notas e comunicar ao pr denúncia que foi nos do Colégio é estudantes estão nadas a saírem o sor para que com ser aprovadas no caso contrário as manecerão no me Segundo Amaral estão sendo apuram comprovados afastamento dess

## Car do L

Rurópolis-P de AO PL

Em resposta à da neste conceit Santarém" dat 13.06.94, onde João José da Silva João Pernambuco atendido pelo pro Especial, por mu da Emater-PA laudo de vistoria de, alegando não acesso, temos a i te:

1) Que não es técnicos da En

# Gangues se aproveitaram das festas juninas

Foi constante o número de gangues que se apresentou nas quermesses realizadas durante o mês de junho, na cidade de Santarém, aterrorizando os brincantes e as pessoas que iam prestigiar as danças folclóricas. Os mandros atacavam com pedaços de paus, facas e até armas caseiras. O confronto com outras gangues também foi registrado, começando no meio do público sem pensar

nas conseqüências. Nas ruas ou nos colégios, onde foram feitas quermesses, menores em sua maioria promoviam bagunças, juntamente com os de maior idade. No Colégio Almirante Soares Dutra, quando da realização da quermesse que é feita todos os anos, um membro de uma quadrilha, bastante embriagado, danificou toda a ornamentação feita em frente à residência do

senhor Angelo Lopes da Silva, de 51 anos, como forma de torcer pela seleção brasileira.

Alguns deles chegaram a passar algumas horas nas celas da Central.

Apesar das constantes visitas dos policiais militares e civis, durante as quermesses, ainda houve a ação desses desocupados que continuam a amedrontar a população santarena.

*San Oiam de julho 94*

**TABELA I**

**CONVERSÃO DE CRUZEIROS REAIS EM CENTAVOS DE REAL**

CR\$	R\$	CR\$	R\$	CR\$	R\$	CR\$	R\$
27,50 =	0,01	715,00 =	0,26	1.402,50 =	0,51	2.090,00 =	0,76
55,00 =	0,02	742,50 =	0,27	1.430,00 =	0,52	2.117,50 =	0,77
82,50 =	0,03	770,00 =	0,28	1.457,50 =	0,53	2.145,00 =	0,78
110,00 =	0,04	797,50 =	0,29	1.485,00 =	0,54	2.172,50 =	0,79
137,50 =	0,05	825,00 =	0,30	1.512,50 =	0,55	2.200,00 =	0,80
165,00 =	0,06	852,50 =	0,31	1.540,00 =	0,56	2.227,50 =	0,81
192,50 =	0,07	880,00 =	0,32	1.567,50 =	0,57	2.255,00 =	0,82
220,00 =	0,08	907,50 =	0,33	1.595,00 =	0,58	2.282,50 =	0,83
247,50 =	0,09	935,00 =	0,34	1.622,50 =	0,59	2.310,00 =	0,84
275,00 =	0,10	962,50 =	0,35	1.650,00 =	0,60	2.337,50 =	0,85
302,50 =	0,11	990,00 =	0,36	1.677,50 =	0,61	2.365,00 =	0,86
330,00 =	0,12	1.017,50 =	0,37	1.705,00 =	0,62	2.392,50 =	0,87
357,50 =	0,13	1.045,00 =	0,38	1.732,50 =	0,63	2.420,00 =	0,88
385,00 =	0,14	1.072,50 =	0,39	1.760,00 =	0,64	2.447,50 =	0,89
412,50 =	0,15	1.100,00 =	0,40	1.787,50 =	0,65	2.475,00 =	0,90
440,00 =	0,16	1.127,50 =	0,41	1.815,00 =	0,66	2.502,50 =	0,91
467,50 =	0,17	1.155,00 =	0,42	1.842,50 =	0,67	2.530,00 =	0,92
495,00 =	0,18	1.182,50 =	0,43	1.870,00 =	0,68	2.557,50 =	0,93
522,50 =	0,19	1.210,00 =	0,44	1.897,50 =	0,69	2.585,00 =	0,94
550,00 =	0,20	1.237,50 =	0,45	1.925,00 =	0,70	2.612,50 =	0,95
577,50 =	0,21	1.265,00 =	0,46	1.952,50 =	0,71	2.640,00 =	0,96
605,00 =	0,22	1.292,50 =	0,47	1.980,00 =	0,72	2.667,50 =	0,97
632,50 =	0,23	1.320,00 =	0,48	2.007,50 =	0,73	2.695,00 =	0,98
660,00 =	0,24	1.347,50 =	0,49	2.035,00 =	0,74	2.722,50 =	0,99
			0,50	2.062,50 =	0,75	2.750,00 =	1,00

1- s, ze al, la, 10, o, s, as, as, el, la, n- da, uis, as, sp, a, b, sa, ra, es, 10, e, pa, ser, ea, de, se, a, liar, ta, sta, ros, am, dos, ias, nos, dos, em, idos, Real, 0,51, 0,69, 0,36, 2,18, 2,36, 1,45, 0,21, 0,29, 1,81, 5,25, 0,36, 1,45, ostu- Alen- quele- ran- adas, Mes- stará 9 dia 9, ma- Bodas, missa, riz de q aos, ontei- a, quem, lia 30, lhas, aram, nisto, ntosa



# Eno morre em Porto Velho

io do Banco do  
ade de Porto Ve-  
de Rondônia,  
vítima de aci-  
nsito o santare-  
o Carvalho de  
os, que há três  
ntrava naquela  
do informações  
iares, Valeriano  
na de acidente  
co entre uma  
qual era passa-  
ul e um carro-  
ombustível. O  
os dois veículos  
cando diversas  
odo o corpo de  
e foi socorrido  
ressas para um  
Porto Velho.  
quatro cirur-  
o não resistiu e  
torista do card-  
diu-se do local  
tendo o fato  
Avenida Jorge  
Oliveira com a

santareno foi  
ra esta cidade,  
ã de domingo

## Cadáver encontrado dentro da mata

Para comunicar que tinha encontrado um corpo em estado adiantado de decomposição, esteve na Delegacia Regional de Polícia Civil o lavrador Joaquim Ferreira de Souza, cearense, 61 anos, que mora no km 87 da rodo-

via Santarém-Cuibá.

Segundo seu Joaquim, ele estava trabalhando no interior da mata que circunda a região onde mora, quando ao chegar a uma distância de 87 metros da margem da rodovia para dentro da mata viu

o corpo do desconhecido no chão. Ao se aproximar verificou que o mesmo apresentava duas perfurações de bala.

Completamente nu, o cadáver já apresentava estado de decomposição.

## Pivetes infernizam na Praça da Matriz

Aumenta a cada dia que passa a ação de pivetes que agem na Praça Monsenhor José Gregório, a conhecida Praça da Matriz, em frente à catedral de Nossa Senhora da Conceição. Comandada pelo pivete conhecido pelo apelido de Buiú, uma turma de pivetes ataca e assalta pessoas incautas que caminham por aquele logradouro público, especialmente durante a noite. Buiú e seus

companheiros agem de modo rápido pegando as pessoas desprevenidas. À noite ficam perambulando nas imediações do Bar Tapajós aguardando que pessoas que freqüentam aquele estabelecimento comercial fiquem embriagadas para então praticar assalto. Fato dessa natureza aconteceu na semana passada quando um senhor de idade foi roubado em mais de mil cruzeiros reais por

Buiú e um outro membro de sua turma.

O que provoca irritação às pessoas que freqüentam a Praça da Matriz é o fato dos pivetes não temerem a polícia. Alguns chegam a afirmar que se forem presos não demoram muito na delegacia de polícia. E agredir um pivete dá cadeia ao agressor, bem sendo esse prejudicado.

## Ley recebe estocadas

Depois de ter recebido duas estocadas no corpo, uma no braço esquerdo e outra embaixo do coração, já voltou ao presídio da Interventoria o bandido Wanderley Luis Lemos Mora, o "Ley". Os autores das estocadas foram os presos de Justiça conhecidos como Espinhoso e Sussu. Para aplicar as estocadas em Ley, um o segurou por trás e o outro enfiou o estoque. A segunda facada que levava à direção do coração de Ley conseguiu ser desviada pelo bandido

que meteu o braço esquerdo aparando o golpe. Ensangüentado, Ley gritou por socorro sendo ajudado por outros bandidos que se encontravam presos no presídio. Ele foi levado para o hospital da Fundação Nacional de Saúde onde recebeu assistência médica.

O crime contra Ley está com processo aberto e sob a responsabilidade do delegado Farides Abdoul, que deverá pedir uma decisão da Justiça para o problema.



O delegado Farides está responsável pelo inquérito policial

## 25 a 27 de Setembro de 93 Fusca invade quintal

Para registrar atropelamento da senhora Maria Délia Bentes, 70 anos, sua esposa, fato ocorrido às 08:30 horas do último dia 15 deste

do o Fusca de placas SA-6571 invadiu a casa indo atropelar sua mulher.

De acordo com informação

Agripina de Matos, 1993, Carananzal.

O motorista atropelador abandonou o Fusca no quin-



treu vítima de

rapta

anos: Alonso Monteiro, 37 anos; Antonio Delson...  
 ...da casa do filho do comerciante...  
 ...de 7:30 horas, invan-  
 ...do mesmo e praticaram toda a sorte de van-  
 ...do ao ponto de colocarem a casa de Daniel no  
 ...se porque na casa do comerciante realizavam-se  
 ...vangélicas do pastor Valdemar. Ainda segundo a  
 ...mercante, que não quis se identificar, os desordei-  
 ...na oportunidade que caso a casa fosse recons-  
 ...fossem feitas as pregações religiosas, voltariam  
 ...novamente abaixo.  
 ...foi feita na DP da Avenida Borges Leal, sendo que  
 ...gional Leonardo Viana ficou de entrar em contato  
 ...policia daquela vila do Rio Arapiuns, solicitando  
 ...eiros sejam detidos e trazidos até Santarém.

**Furtos**

...ntos conhecidos por Lucas e Daniel de tal estão  
 ...s terem furtado da casa do filho do comerciante  
 ...Bala, localizada no bairro do Urumari, um televi-  
 ...casete, um aparelho de som 3 em 1 e outros obje-  
 ...quando se preparavam para deixar o local com os  
 ...s foram surpreendidos pela dona da casa e alguns  
 ...marido, que baixaram a portada em Daniel e  
 ...cheios de equimoses pelo corpo foram levados até  
 ...Policia, onde se encontram recolhidos a uma das

...nem registrou queixa contra tentativa de furto, foi  
 ...de Fátima Castro, residente à Travessa Uni-  
 ...da no bairro do Urumari, afirmando na DP que  
 ...tentando surrripar objetos de sua loja. Ainda no  
 ...mã, o casal chegou em sua loja e tentou furtar  
 ...Surpreendido, o casal ainda teve tempo de fugir

...Dinho Silva dos Santos, braçal, 30 anos, também  
 ...a Borges Leal para registrar que de seu quarto  
 ...suas roupas e mais a importância de 110 cruzados  
 ...na DP que suspeita da mulher Suelly de tal, que  
 ...oximidades do quarto onde mora, na Avenida  
 ...ata, 50, bairro de Aparecida.

**Ronda policial**

...dando tiros a esmo no bairro do Aeroporto Velho, foi  
 ...zadrez da delegacia de Policia da Borges Leal o  
 ...pal Flávio Medeiros Bragança, amazense, 42 anos,  
 ...venida Mairaquitã, 536, bairro da Interventoria. O  
 ...pial estava de posse de um revólver calibre 38,  
 ...s.

**DE MORTE**

...mente alcoolizado foi apresentado na Central de  
 ...mento Eliésio Onório de Abreu, cearense, comer-  
 ...s, residente à Rua Santana, bairro da Praia, por  
 ...de morte o senhor José Chaves da Silva, 64 anos,  
 ...te à Avenida Gonçalves Dias, 1.000. O comerciante  
 ...solver e promovia desordem na via pública. Ao ser  
 ...elo Chaves, apontou a arma para o viúvo e disse-lhe  
 ...Com medo de morrer, Chaves conseguiu chegar até  
 ...gistro a ameaça de morte.

**SOLDADO**

...aixado a portada no soldado George de tal, foi apre-  
 ...da Borges Leal o motorista José Alberto Souza do  
 ...22 anos, filho de José Paulino do Nascimento e Maria  
 ...za do Nascimento, residente no beco Santo Antonio,  
 ...o Livramento. O soldado foi agredido pelo motorista  
 ...de serviço no Terminal Rodoviário de Santarém,  
 ...foi colocado no patio da DP, onde passou algumas

**UBADOS**

...strar queixa contra ladrão de identidade desconhe-  
 ...ceu na DP o senhor Cosme Ferreira, solteiro, lavra-  
 ...nador na colônia Vigia. Ele disse que por volta das  
 ...8 passado, segunda-feira, quando estava ausente de  
 ...rão arrombou a porta de sua residência e levou um  
 ...endorna, uma espingarda calibre 20, um terçado e  
 ...dormir. Os objetos, segundo Cosme, são de proprie-  
 ...mento Newton, do 8º BEC.

**ROUBADO**

...nheiro de Araújo, natural do Mato Grosso do Sul, 39  
 ...residente no parque de diversões do senhor comen-  
 ...tor Gordo, foi colocado atrás das grades acusado de  
 ...m gravador de propriedade da senhora Maria Oli-  
 ...a, que mora no Km 5 da Rodovia Santarém/Curuá-  
 ...urbana, Dona Maria ao passar pelo parque de diver-  
 ...sões o Altair. Foi até a DP e pediu que ele fosse preso,  
 ...foram até o parque de diversões e levaram o Altair  
 ...gravador foi roubado há dois meses atrás.

**PELOS IRMÃOS**

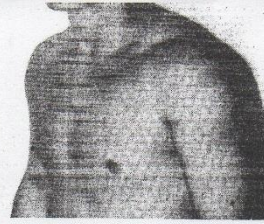
...Rodrigues Ximenes, cearense, casado, lavrador, 63  
 ...e na colônia Santa Rosa, esteve registrando caso de  
 ...tida pelo jovem Francisco Ivanildo Ximenes, seu  
 ...quim disse que Francisco tinha sido agredido pelos  
 ...Maria e João Maria de tal, tudo porque seu filho Iva-  
 ...vido amigo com uma irmã de dupla agressora. A  
 ...de deter os dois irmãos e saber porque foi mesmo que  
 ...filho do seu Joaquim.

**DETIDO**

...de ter furtado 14 gramas de ouro pertencentes ao  
 ...n Colares, foi detido na DP o menor de 15 anos das  
 ...que mora na vila de Boim, região do Rio Tapajós,  
 ...a à disposição das autoridades do Juizado de Meno-



Futti novamente atrás das grades



Come Língua, perigoso estuprador, foi recapturado pela polícia depois de ter fugido da cadeia no primeiro dia deste mês

**Roubo de gado**

O mais perigoso ladrão de gado da região, o temível Fernandão volta às páginas policiais. Apesar de ter sido preso diversas vezes, Fernandão sempre consegue sair da prisão em tempo recorde. E esse mistério ainda não se conseguiu apurar. Enquanto isso, ele continua aprontando das suas em cima dos donos de fazendas.

No dia 9 passado, terça-feira, novamente Fernandão é envolvido em roubo de gado, agora em parceria com o bandido conhecido por Sapo, que foi visto com uma vaca roubada da fazenda do senhor Miguel Vasconcelos, localizada na comunidade de Arapemã, em frente à cidade.

Conforme denúncia feita na delegacia de Policia, Sapo foi visto pelo

vaqueiro da fazenda de Miguel Vasconcelos com a vaca dentro da embarcação de Fernandão. Antes, segundo o vaqueiro que se chama Manoel José de Aguiar, duas outras reses tinham sido roubadas da fazenda, tudo levando a crer que o responsável é o Fernandão.

A audácia de Fernandão e Sapo é tamanha, que os dois roubam gado em plena luz do dia. O produto do roubo é trazido para Santarém, sendo que o gado só tem um destino: o abate clandestino e venda da carne em açougues da cidade.

A Policia anda atrás do Sapo e de Fernandão. Se presos, talvez fiquem apenas algumas horas na DP.

**A. C. quer assalto desvendado**

Há quase um mês que o assalto aconteceu, a Policia Civil de Santarém ainda não conseguiu prender os assaltantes da agência da Varig/Cruzeiro. Durante o assalto o gerente daquela agência Evandro Vasconcelos foi agredido com uma coronhada na testa por um dos assaltantes, e o funcionário conhecido por Ronaldo perdeu 9 mil cruzados novos que se encontravam em sua capanga. Os assaltantes depois do assalto apanharam o carro de Ronaldo e desapareceram. No dia seguinte, 27 de dezembro passado, o veículo era encontrado no bairro da Cohab, sendo que em seu interior estava a capanga de Ronaldo com todos os seus documentos.

Em face da inércia da autoridade policial, a Associação Comercial de Santarém enviou expediente ao delegado regional Leonardo Viana pedindo providências urgentes para o desvendamento do assalto, uma vez que a não solução do mesmo fará com que bandidos ajam novamente contra outros empresários santarenos.

**Desocupados levam pânico ao Mapiri**

Uma corja de desocupados está colocando em polvorosa os moradores do bairro do Mapiri, sendo liderada pelo elemento conhecido por Muçum, residente à Avenida São Sebastião. Segundo queixa formulada por uma representação daquele bairro, feita na Central de Policia, os desocupados praticam toda sorte de atos de vandalismo. Na igreja do bairro que se encontra em construção, Muçum e seus asseclas botaram em baixo as paredes que estavam sendo levantadas. Não satisfeitos botaram abaixo quase toda a extensão do muro da Escola Maria Amália.

O pior em tudo é que se alguém interferir no trabalho de destruição de Muçum e seus seguidores, não está livre de uma agressão. Por isso é que os moradores do Mapiri pediram ao delegado regional que encontre uma maneira de colocar os desocupados atrás das grades por um longo tempo. A autoridade policial prometeu que vai envidar todos os esforços para que Muçum e seus aliados sejam presos e metidos no xadrez.

**AGRESSÃO**

A Policia está atrás do marginal conhecido por Friver, que agrediu fisicamente o menor de 15 anos Odair Gleison Feitosa Cardoso. Segundo a mãe do menor, Gonçala Feitosa Cardoso, residente à Avenida Presidente Vargas, 2616, bairro de Aparecida, seu filho foi espancado por Friver, que se fazia acompanhar de outros marginais. O marginal mora em um beco localizado na Avenida Borges Leal, próximo ao Monza Bar.

conserto de s Maria Elias m... São Sebastião, 1 que é paulista e medu, 53 anos, Modelo, no cent

**Soltos traficantes de Cocaína**

Escudado nos autos do processo aparece o laudo da substância do advogado Ante entrada na Justiça de relaxamento flagrante dos traficantes de cocaína Elinol da Antônia Celestino Neto, que na semana foram presos cortando conteúdo do gado teve a seu favor a decisão passada pelo juiz Legal Renato Santarém, dando não possua material para exames apreendido pela 105 papeteles cocaina.

Levando o exposto pelo advogado Filho, o juiz Cleo vão das Neves artigo V, inciso 6º do Código Federal, rejeita a dupla de tráfico e o competente delegado regional Civil do Bairro Antonio Viana, pimento da medida.

A essa hora Celestino já deve estar pensando farão a partir de continuar com a cocaína, sem que tenham sido apreendidos em flagrante os 105 papeteles

**Sur**

Cansada de tudo pelo amante Maria das Dores Lima, residente em Magalhães, B esteve na Central para formular Gregório de Jesus Oliveira, 40 anos, empresa Transil no dia 10 passa casa completada gado. Ao ser Maria das Dores viu uma fera terçado 128 e de deira surra em Maria conseguiu lhar do amante DPO. Quando chegaram ao local, Gregório tomou rumo para

Maria viv anos amigada e é mãe de um filho. Outro acusamento é o Sebastião Anderson, residente em Nunes, que baleou sua cara-metido foi feito na passado.

Vende-se Diplomata, 4 portas, 0 km, pronta entrega, com entrada de NCz\$ 45.000,00 mais transferência de dívida, falar com o sr. Amaury pelo fone (084) 223-6181 ramal 136.  
 Vende-se um Parati GLS 0 km pronta entrega com entrada de NCz\$ 35.000,00 mais transferência de dívida, tratar com o sr. Amaury pelo fone (084) 223-6181 ramal 136.

**VARIZES**  
 ANGIOLOGIA CIRURGIA VASCULAR FÉRICA  
 Dr. CARLOS ALBERTO B. MIRANI  
 3458/Pa — 35457-5/RJ  
 Cirurgia vascular pela Univ Federal Fluminense — Tratam Varizes — Cirurgia — Anticiclops

09 de abril de 1990

# Caça de saques em Itaituba



Neste pátio da escola os vândalos atacam à noite

## Escola Frei Ambrósio ameaçada pelos vândalos

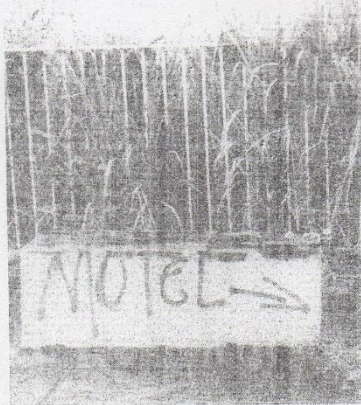
Um clima de terror e inquietação vem colocando em pânico professores e alunos da Escola de 1º Grau "Frei Ambrósio", situada no alto do morro da Forquilha, hoje chamado de Praça Felipe Bettendorf. A situação vem sendo provocada por um grupo de vândalos que destrói tudo o que encontra pela frente, ameaça a integridade física de professores e chega até a arrastar alunos do interior da sala de aula, principalmente no turno da noite, quando a escuridão toma conta da praça que fica nos fundos da escola.

Como se tudo isso não bastasse, algumas professoras têm recebido telefonemas anônimos nos últimos dias em suas próprias residências. Do outro lado da linha vozes ameaçadoras informam que vão atacar a qualquer momento ou com frases como: "Cuidado com sua vida", "Você está na lista negra", colocando em polvorosa as indefesas mestras da escola. Diante dessa situação, os professores da noite estão sendo obrigados a uma paralisação das aulas, até que as autoridades tomem providências no sentido de acabar com os abusos.

Por várias vezes a escola foi arruinada e os elementos destruíram todos os utensílios da cantina, carteiras, quadros e outros materiais, como se estivessem assistindo a um filme dos tempos de Lampião. A Praça Felipe Bettendorf está praticamente destruída, com banheiros quebrados e à noite é local preferido pelos maconheiros, cheira-cola que depois de entrarem em "transe" começa a infernizar a vida dos estudantes e professores.

Na terça-feira passada a direção da escola reuniu professores para procurar a 5ª Unidade Regional de Educação, antiga 5ª Divisão, para pedir providências. Ficou decidido que as autoridades policiais seriam colocadas a par da situação e, se caso não fosse tomada uma atitude contra os baderneiros, as aulas nemadas seriam paralisadas. No mesmo dia a polícia informou que uma patrulha entraria em ação todas as noites, a fim de flagrar os meliantes.

Alguns pais de alunos estão revoltados e o problema pode resultar em maiores consequências, uma vez que eles podem revidar fazendo justiça com as próprias mãos. Para muitos seria uma boa lição para os vândalos mas, por outro lado, teme-se que uma



O matagal tem sua finalidade

atitude dessa natureza possa resultar em consequências lamentáveis, sendo preferível que a polícia assumira a sua responsabilidade de garantir a segurança da população. É impossível admitir que fatos dessa natureza estejam acontecendo numa cidade do porte de Santarém, onde a população é considerada altamente pacata. Uma alternativa seria a imediata iluminação da praça e a colocação de um policiamento diário, durante a noite, para garantir a integridade do bem público e a segurança dos usuários da escola.

As últimas informações chegadas à nossa redação dão conta de que a população começa a afastar a idéia das ameaças de saques nas casas comerciais. Segundo o repórter Edivaldo Silva, que manteve contato telefônico com a reportagem do *Jornal de Santarém*, ainda é considerado pequeno o número de garimpeiros chegados à cidade, mas todos eles estão sem dinheiro e com fome, aguardando uma providência das autoridades no sentido de regressarem às suas terras de origem.

Os enviados especiais do governador Hélio Gueiros que estiveram em Itaituba no início da semana, mantiveram contato com o prefeito Benigno Olazar Reges tomando conhecimento da situação, ao mesmo tempo em que tomaram algumas providências para auxiliar os garimpeiros despejados e sem trabalho. A comissão de Defesa Civil elaborou um relatório que foi enviado ao governador do Estado, mostrando todos os prós e os contras em relação ao problema e as evidências que poderão surgir a qualquer momento. A Prefeitura Municipal já montou um esquema e está aguardando recursos para distribuir comida para os garimpeiros, pois os que chegaram à cidade informam que muitos outros estão caminhando pelas estradas.

Na opinião de alguns políticos locais, o assunto está sendo tratado com muito sensacionalismo, inclusive, com o objetivo de perturbar os andamentos do Plano Collor. Mas o vereador Francisco de Assis Mesquita, líder do PMDB na Câmara Municipal, é preciso que se tome providências para qualquer problema que possa surgir, pois ninguém desconhece que centenas de garimpeiros foram dispensados do trabalho e, quase a totalidade desses homens são de outros Estados da Federação.

A opinião geral é que, com a chegada dos garimpeiros à cidade, é preciso que se faça alguma coisa, pois a infraestrutura de Itaituba não suporta e nem tem ocupação para tanta gente. A cidade é carente de emprego sendo, por isso, impossibilitada de abrigar qualquer excesso de sua superpopulação. Para o prefeito Benigno Reges, a solução imediata é conseguir alimentação e transporte para conduzir os flagelados. Sabe-se, por outro lado, que os proprietários de um razoável número de garimpos continua mantendo seu pessoal no local, esperando uma reação no preço do ouro que, como é sabido, vem sofrendo uma sensível alta nos últimos dias.

Calcula-se que existem 300 mil garimpeiros no interior de Itaituba, o que pode ser considerado um número assustador. Entretanto, as informações dizem que grande parte deles já debandaram através do Estado de Mato Grosso e outros seguiram em direção a Altamira.

nesso trabalho à frente da escola Sofia Imbiriba, porém, a maioria dos serviços de comunicação só se preocupam em mostrar o que é de seu interesse, sem valorizar o trabalho dos administradores, principalmente dos administradores educacionais.

Durante os cinco anos que estivemos à frente da escola, não fomos um diretor decorativo, não ficamos de braços cruzados, esperando que o secretário saísse de sua inércia e procurasse solucionar os problemas da Escola Sofia Imbiriba, que estava caíndo, suja, sem condições de ser chamada escola. Procurei junto à comunidade melhorar o aspecto da mesma, à fim de que os alunos tivessem um pouco de conforto, inclusive tentando ampliá-la. No momento de recessão que estamos vivendo, com as retaliações que as prefeituras estão sofrendo, este tipo de trabalho deveria ser acatado, com bons olhos, desde que as pessoas não desvirtuassem o seu real sentido, como estão fazendo o secretário de Educação que nada faz. Não passa de uma figura decorativa, sem iniciativa. Digo figura decorativa, porque até agora, por onde passou como administrador, nada fez, não mostrou nenhum trabalho que tivesse consistência, que marcasse a sua presença ou a sua "inteligência". Como é o caso de sua atuação como vice-diretor do Colégio Alvaro Adolfo, função que vem exercendo há vários anos e que só serviu para fazer derrubações dos diretores que por lá passaram de acordo com seus interesses políticos.

Perguntamos: Por que o secretário tem tanto medo de perder o cargo que ocupa? Por que o mesmo corre apavorado quando alguém mostra serviço?

Quantos de sua família, entre: esposa, filhos e parentes foram empregados em sua administração com os maiores níveis de salários que a sua secretária oferece? — Quantos salários do Estado — Seduc, Raimundo Navarro recebe para não fazer nada na Secretaria de Educação Municipal?

Quanto à última acusação que ele me fez, de punir os alunos com a nota zero se não passarem um cartão de bingo no valor de Cr\$ 100,00 (e não mil cruzeiros — ele adulterou o valor) prova a sua incompetência, mesmo como professor, pois atribuir nota ao aluno é ação exclusiva do professor.

Se ele fosse uma pessoa polida, educada ou um verdadeiro administrador-trabalhador, teria ido à escola, reunido os professores, a comunidade escolar (pais e alunos), os funcionários de apoio para fazer um levantamento das irregularidades e só então tomar uma decisão democrática e não ditatorial. Afinal de contas, qual é a democracia que ele tanto prega?

Santarém, 19 de janeiro de 1991  
Ana Tereza Sena Monteiro

## Alfabetizadores iniciam treinamento

Com a participação de professores alfabetizadores da Secretaria Municipal de Educação, de Escolas da rede estadual de ensino e de municípios circunvizinhos, foi encerrado em Santarém, na sexta-feira, 18, treinamento de alfabetização de adultos que teve a coordenação da Universidade Federal do Pará, e também o programa de alfabetização através do processo lingüístico.

Segundo Aldo Queiroz, diretor do Núcleo da Universidade Federal do Pará em Santarém, o treinamento dos alfabetizadores será desenvolvido em seis módulos. Ele também afirmou que todos os subsídios para a elaboração do projeto foram levantados pela comissão municipal de alfabetização, que tem como presidente o professor Raimundo Navarro, secretário municipal de Educação.

Também no Núcleo da Universidade foi realizado o 2º Seminário de Extensão, que serviu para uma avaliação da programação de extensão universitária realizada em Santarém no ano passado e nos municípios vizinhos. A partir do seminário serão identificadas as necessidades da região. Algumas serão ratificadas depois de sua identificação durante o ano passado. E, em cima delas, serão estabelecidas prioridades. — (Página 03).

## Ubaldo a prefeito

O ex-prefeito de Santarém, ex-deputado estadual e federal e ex-presidente do Banco da Amazônia, Ubaldo Campos Corrêa, será mesmo candidato a prefeito de Santarém nas eleições de novembro de 1992. Uma fonte fidedigna deu essa informação ao jornalista José Aurélio Rocha.

Ubaldo Corrêa, hoje um homem de negócios, há bastante tempo vinha alimentando a ideia de novamente disputar um pleito eleitoral. Nas eleições do ano passado, ele concorreu como suplente de senador na chapa de Jorge Arbage, que não conseguiu se eleger. Certa vez ele afirmou que estava desiludido com a administração pública de Santarém. Disse que não conseguia conceber como os homens públicos que governaram o município nos últimos anos,

não conseguiram transformá-lo para melhor. Ubaldo tem como sonho o asfaltamento da Santarém/Cuiabá, ampliação do cais do porto da cidade, melhoria em todo o sistema viário de Santarém, aparelhamento do setor educacional e de saúde, implantação do Distrito Industrial e tantos outros benefícios que mudarão para melhor o município.

A afirmação de que será candidato a prefeito foi feita a um amigo particular e de sua inteira confiança. Com sua decisão de disputar as eleições de 92, quando também se renovará o quadro da Câmara Municipal, Ubaldo junta-se a outros pretendentes tais como Paulo Roberto Matos, Oti Santos, Rosilda Campos, Alexandre Von, Benedito Guimarães e Wilmar Freire, nomes que são especulados como possíveis candidatos.

## Anjos do mal promovem vandalismo

No ano de 1990, uma onda de vandalismo praticada por um grupo de desocupados, em sua maioria maconheiros, provocou uma onda de inquietação nos funcionários, corpo administrativo e alunos da escola de 1º grau Frei Ambrósio, o que levou a direção daquele estabelecimento de ensino a fazer dramáticos apelos para que as autoridades policiais colocassem um ponto final ao problema, uma vez que era sumamente impossível o desenvolvimento das atividades educacionais na escola. Depois de muitos apelos, as autoridades policiais resolveram tomar uma posição e partiram para debelar o mal. Os vândalos desapareceram daquela escola, e o Frei Ambrósio chegou ao final do ano letivo sem nenhum problema.

Início de 1991 e o problema volta à tona. Desta feita na escola Ezeriel Mônico de Matos, situada na Avenida São Sebastião no cruzamento com a Travessa 7 de Setembro. Apesar do período letivo ainda não ter iniciado, mas o setor administrativo já está tra-

balhando na inscrição e matrícula de alunos, um grupo de desocupados intitulados Anjos Rebeldes, formado por moradores vizinhos à escola, está praticando uma série de atos de intimidação contra as pessoas que trabalham no Ezeriel, bem como ao vigia que lá desempenha sua atividade.

Segundo relato feito pelo vigia que não quis que seu nome fosse divulgado, os componentes dos Anjos Rebeldes, que usam as dependências da escola para fumar maconha e usar outros tipos de tóxicos, já o ameaçaram de espancamento bem como a seu filho. E uma professora diz ter certeza de que os vândalos moram às proximidades da escola, inclusive com a participação de crianças entre 10 a 12 anos.

A mesma professora afirma que quando a direção telefona para a Polícia pedindo auxílio, a resposta é de que "não existe viatura para o serviço". E a escola Ezeriel Mônico de Matos fica apenas a cinco quadras da delegacia de Polícia.

## NOVO

Limpeza de se cada um com dez metros de rede, com baterias de potência elevatória canã, Uruará e duas tecer os bairros pr do trabalho que a vem realizando o melhorar o abaste cidade.

O engenheiro V tor regional da Co afirmou que o trab sivelmente o abast cidade, e garantiu o do convênio assina passado no plenári pal de Santarém.

Explicando qu sendo executado p resolverá em defiu abastecimento d Wsmnd afirmou q que inclui a captã do Juá, que se eno rá ser colocado no quando assumir o Estado.

Além do di Cosaupe, o trabal com a participã Eduardo Araújo, Rubem Pires.

## Alvaro terá lal

Está prevista a inauguração de mento de ensino e da escola profess gues, que funciona porto Velho com grau. A afirmação Unidade Regional sora Conceição Fig o novo estabelecer nome de uma educ anos deu sua parc formação de jover

Falando sobre praticamente acer segundo grau na e tro, portanto hav com o ensino indo nha Rodrigues, a explicou que se o ser implantado n isso faria com qu dade de transferiu para a Terezinha

Durante uma na última quinta-f nuidade na sexta escolas estaduais, a implantação de t tabilidade no colé Silveira, a expans: município e que os terão cursos de Et dologia de Port Estudos Sociais e



Parte da clientela na abertura do treinamento



A motocicleta sendo vistoriada após ter sido recuperada na Prainha

### Telefonema anônimo leva policiais à motocicleta

Através de um telefonema anônimo, a Polícia Civil conseguiu chegar à motocicleta da Câmara Municipal de Santarém que tinha sido roubada do pátio da residência do vereador Edson Serique, presidente do Poder Legislativo local.

O veículo foi encontrado na residência de um elemento conhecido por Piauí, situada na Avenida Altamira, bairro da Prainha. Piauí, o receptor da motocicleta, pelo menos até quarta-feira passada estava desaparecido. O seu advogado, que curiosamente é o vereador Vicente Sales, ficou de apresentá-lo por toda esta semana na Delegacia de Polícia.

O telefonema anônimo que culminou com a recuperação da motocicleta foi dado ao investigador Teotônio. Na oportunidade, o delegado regional, José Maria Campos, já dispunha de um mandado de busca e apreensão para a motocicleta, expedido pelo juiz Ricardo Nunes. O autor do roubo, devido a não apresentação do receptor, também até quarta-feira ainda não havia sido identificado.

A motocicleta, ao ser recuperada, estava com a sua cor adulterada, bem como o número do chassis. O perito Luis Fernando, do Instituto Médico Legal, qualificou como grosseira a adulteração feita na numeração do chassis da motocicleta.

25 a 27 de Janeiro 92

### Delinqüência juvenil teve 398 casos em 1991

O Departamento de Proteção ao Menor, da Fundação do Bem-Estar Social do Estado do Pará, vinculado ao Juizado de Menores da Comarca de Santarém, liberou a reportagem do Jornal de Santarém, os números exatos de crimes praticados por delinqüentes juvenis e adolescentes, que seguem no quadro abaixo:

Motivos.....	Total
Porte de arma.....	16
Roubo.....	22
Furto.....	128
Acusado de furto.....	32
Desordem.....	40
Uso de cola de sapateiro.....	22
Receptação de roubo.....	01
Agressão.....	29
Vítimas de maus-tratos.....	08
Porte de arma.....	22
Arrombamentos.....	03
Estaqueamento.....	01
Agressão com faca.....	01
Assalto.....	12
Acusados de assalto.....	03
Briga.....	05
Suspeito de furto.....	09
Depredação de automoveis.....	01
Estupro.....	02
Tentativa de estupro.....	03
Tentativa de furto.....	03
Fugas domiciliares.....	20
Vítimas de estupro.....	03
Vítimas de agressão.....	03
Vítimas de exploração no trabalho.....	03
Tentativa de homicídio.....	01
Alcofamento.....	02
Uso de maconha.....	03
<b>Total geral.....</b>	<b>398</b>

Todos os dados acima relacionados foram cedidos pela assistente social Vera Lúcia Tavares Silva.

... em Direito. Tratam-se de José Domingos Pontes e Hércias Lima.

O questionamento foi levantado no rastro da exoneração de Armando Mourão como delegado regional, Franklin Rodrigues (municipal) e Antônio Brito, delegado auxiliar. Basicamente os três foram exonerados por não serem bacharéis em Direito. Mas curiosamente José Domingos Pontes e Hércias Lima permanecem como delegados.

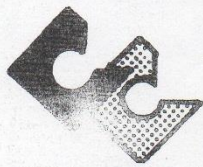
Anunciar, ag  
fácil. Chegou

**FETRA**

Jornal

Anuncie de g  
tos perdidos, co  
de imóveis, veíc  
de amor, oração,

Entregue seu  
seguintes posto  
Jornal de Santarém  
Praça do Pescador  
P. Arrecadação  
Garapeira Ipiranga  
Panif. Progresso  
Banca Rev. M  
Mercadão 2.0



NÃO FECHAMOS  
PARA O ALMOÇO

CASA CRISTAL  
Av. R. Barbosa, 607

Fone: 522-5036

Fax: 522-6076

\*PROM

D.

\*SEM

Manoel Francisco, paraense, de 27 anos, nascido na cidade de Parauapebas/PR, falou para a esposa Maria Zulani Rodrigues, cearense, de 27 anos, para não matar o marido à toa, quando o carro perto da Coca-Cola entrou num caminho e o veículo, mas o motorista estava fechado, de ré, parou e que o motorista, o bandido sem-

ram no rosto e outras partes do corpo.

O juiz de Direito da 4ª Vara Penal manteve o auto de prisão em flagrante contra Maria Zulani Rodrigues, de 27 anos, cearense e Manoel Francisco da Silva, paraense, 27 anos, que estavam em trânsito por Santarém por assalto e baleamento contra o motorista Antônio.

## Doméstica denuncia marido violento

Uma mulher de tanto sofrer e de agressões, a doméstica Nogueira de Oliveira, paraense, casada, de 30 anos, residente na Rua número 35, bairro do Aninho, procurou as autoridades policiais formulando denúncia contra seu esposo Ivaldo, pintor de carro, que trabalha na oficina do Candido Furtado, com quem é dessa união nasceram

de um tempo para cá, começou a lhe maltratando ao ponto de a queixosa com um dando-lhe várias lam-

badas pelo corpo. Cansada de tanto sofrimento e maus-tratos resolveu procurar as autoridades policiais para chamarem o Ivaldo para dizer que em mulher não se bate nem com uma flor.

Almerinda quando chegou na Delegacia Central de Polícia, falou que no começo do seu casamento seu esposo era muito bom, mas de uns tempos para cá nada deu mais certo devido seu esposo viver lhe espancando e até lhe ameaçar de morte. Pediu para o delegado que chamasse o agressor para que o mesmo assinasse um termo de boa convivência com a queixosa.

## Pé Inchado quis matar comerciante com um machado

O comerciante Dorivaldo da Silva, paraense, de 37 anos de idade, residente na Avenida Borges número 171, bairro de Senhora das Graças, chegou na Delegacia de Polícia, que se encontrava em estabelecimento comercializado em sua rua, foi agredido fisicamente pelo elemento Sebastião dos Santos, que chegou com um machado para matar o depoente. Sebastião estava com forte sintoma embriaguez alcoólica e tentou agredir um cidadão de nome Mar-

rique, o fato aconteceu em frente ao seu comércio e por pouco não acontece uma tragédia de maiores proporções, pois seu comércio está cheio de fregueses fazendo compras.

Segundo o comerciante Dorivaldo José Dias o fato só aconteceu devido a alguns dias atrás Sebastião queria emprestar um fita de pagode da vítima, mas como o mesmo negou-se, Sebastião ficou injuriado por não poder ouvir suas músicas preferidas. Desde cedo começou a tomar umas biritas e já muito alto quase mata o Dorivaldo.

## Ronda policial

### ESPOSA ESFAQUEIA O MARIDO

Quando estava em um bar bebendo com alguns amigos, o senhor João Paulo, de 40 anos, residente à Avenida Tropical, 1400, bairro da Prainha, levou uma facada na barriga desferida por sua esposa Luciene Silva Lemos, o motivo da agressão foi porque o João Paulo estava bebendo em um bar às proximidades de sua casa, e Luciene ficou muito revoltada com a vítima e por esse motivo o esfaqueou.

### VELHO ZUZA É PRESO

O conhecido da polícia Laurinei da Silva Martins, vulgo "Velho Zuza", paraense, solteiro, moreno, 18 anos, residente no bairro do Mapiri, foi novamente preso. Ele se encontrava portando um revólver de brinquedo às proximidades do bar "Corujão", tentando promover assalto às pessoas que frequentam aquela casa noturna.

### QUERIA MATAR A MÃE

O tenente Rubem Lúcio, prendeu o elemento Josué Pereira Martins, brasileiro, paraense, solteiro, estudante, 20 anos, residente à Travessa José Agostinho, 352, bairro da Prainha. O motivo de sua prisão foi porque chegou em sua casa embriagado e promoveu desordem, inclusive querendo agredir sua mãe a base de soco e pontapés.

### PINTOR É PRESO

O elemento José Soares de Oliveira Filho, goiano, 32 anos, pardo, pintor, residente à Travessa Arapius, foi preso na Delegacia Central de Polícia, o

qual foi acusado de ter desrespeitado uma guarda da Polícia Militar do PM-Box do bairro do Aeroporto Velho. Ficou no xadrez para esfriar a cabeça.

### INVADIU A RESIDÊNCIA

O senhor Ronilson Oliveira de Almeida, paraense, motorista, comunicou na Delegacia Central de Polícia, que o elemento conhecido por Raimundo, invadiu sua residência, armado com um terçado, onde ameaçou o depoente assim como sua genitora. O motivo da agressão foi uma discussão por causa de futebol, e que o denunciado reside à Rua Pampola, no Barracão Yaçaná, no bairro do Aeroporto Velho.

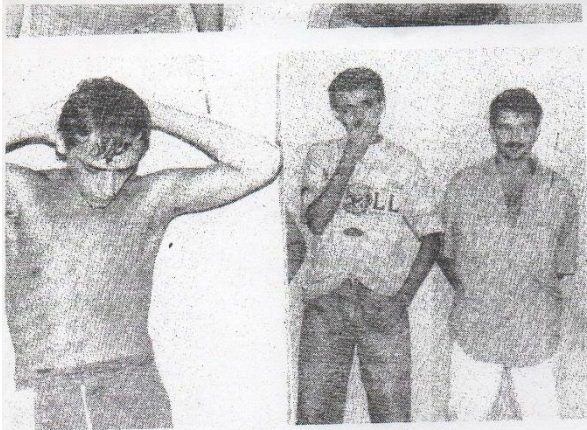
### BRIGA NO RESTAURANTE

Quando estava no restaurante Sanfrango, localizado à Rua do Artista, o vendedor Sigurd de Farias Chaves, carioca, 45 anos, residente à Rua Galdino Veloso, chegou um elemento desconhecido por trás de Sigurd e desferiu um potente soco na cara da vítima e não satisfeito, quis dar uma cacetada e ainda o ameaçou de morte. Pediu providências policiais.

### QUIS MATAR A IRMÃ

A senhora Cleide Batista dos Santos, paraense, solteira, 43 anos, doméstica, residente à Rua Buenos Aires, 342, Urumari, registrou queixa na delegacia contra seu irmão Jetúlio Batista dos Santos, paraense, por ter lhe ameaçado de morte com uma espingarda. Não satisfeito ainda lhe deu algumas lambadas com um terçado.

09 a 13 de nov. 95



pinhoso, Neto, Jóia, Galigal, Sussu, Alex e Louro

Segundo o plano da rebelião, Espinhoso dirigiu-se à cela 06, onde estava sozinho e desprotegido o homicida Aracú e deu a primeira estocada pelas costas, enquanto os demais, ao ouvirem o grito, retiraram Aracú da cela e passaram a retirá-lo a ponta pés, estocadas e bofetes.

Já fora da cela, Aracú corria pelo pátio pedindo socorro sendo perseguido pelos rebeldes, incentivados por "Galigal". Quando Aracú caiu ao solo, o homicida Galigal aproveitando-se uma permanência que tinha caído da passarela onde fica o PM, em cima do telhado, derrubada com a força do jato d'água do Corpo de Bombeiros que tentavam debelar a chama, desferiu uma violenta sacetada na cabeça como ato de misericórdia, terminando por matar Aracú.

Para dificultar a participação na morte e o serviço da polícia, os envolvidos aproveitaram a água do Corpo de Bombeiros e levaram os seus estoques usados no massacre não sendo, por isso, comprovados, através do exame efetuado pelo IML, vestígios de sangue nas armas.

Dos 24 detentos encarcerados na superintendência de Polícia Civil, 09 participaram diretamente na morte de Aracú. Os demais participaram indiretamente. São eles: Grandê, Jorge Malária, Belton, Mossoró, Heleno, Saúva, Ronaldo, Vitorino, Jofilson, Dunga, Sussu, Cara de Anjo, Pumlia, Luiz, Preto Velho, Barrote, Maradona, Moacir, Macaquinho, Djalma e Roberto Brito.



Alan, choram a perda do filho

## Violência

O quadro de violência juvenil em que vive hoje a cidade de Santarém, é capaz de proporcionar imagens como a que foi registrada na Delegacia Central de Polícia, pela lente do fotógrafo Edson Queiroz. O impacto causado pelo uso de armas por menores pode ser grande aos olhos do espectador, mas não atinge nem de longe a petulância e prepotência do menor que faz pose exibindo sua artilharia.

Num quadro assim, não é difícil imaginar a ação criminosa desses pequenos assaltantes, candidatos a bandidos futuros, ao atacar uma pessoa indefesa e se junta a outros malandrinhos para promover desordem, roubar e até matar. A delinquência juvenil está chegando ao limite máximo do insuportável em Santarém. A ação de gangues organizadas aumenta a cada dia sem haver um controle rígido na fiscalização e repressão.



hechido que evadiu-se do local, pela posse de um saco cheio de maconha.

Elielson foi preso em flagrante e identificado criminalmente e a substância apreendida e submetida a exame do IML, sendo em juízo oferecida a denúncia pelo representante do Ministério Público e mantido o flagrante pelo juízo competente.

Elielson afirmou na presença do juiz, que veio para Santarém para comprar um gravador, aceitando a carona de um motociclista conhecido por Antônio, que o conheceu casualmente. As testemunhas confirmam que o réu disputava com outro elemento a posse de um saco que continha 5 quilos de maconha. A defensora Alda Miranda, no debate oral, aduziu que no dia da prisão de Elielson, o mesmo deixou a localidade de Medicilândia, onde trabalhava na Lavoura, vindo para Santarém para efetuar a compra de um gravador, quando, ao chegar na cidade de Rurópolis, aceitou a carona de um desco-

firmem o conteúdo da mesma é questionado o porte substância entorpecente. Elielson confirmou na polícia tendo recebido o convite de Antônio para vir até Santarém trazer maconha pelo qual pagaria, caso fosse vendida. Mas ao chegar em Santarém, escondeu a droga e quando preter vendê-la, foram presos. Elielson afirmou que Aracú lhe propôs que ficasse com o gravador, enquanto procuraria quem vender e que lhe partia do lucro, em média cruzeiros. Quando discutiu percebeu a chegada da polícia, ocasião em que Aracú saiu correndo, como nada ficou parado.

As testemunhas todas sentam a mesma versão do lides despertada a partir da briga entre Elielson e Antônio que se evadiu. Em dos fatos, o juiz Walton julgou improcedente a denúncia, absolvendo o réu do crime capitulado no art. 12, 6.368/76, que foi imputado.

## Menor estuprado no Floresta

• A menor de 08 anos de idade das iniciais. TRC, quando retornava de uma cobrança no bairro da Floresta, foi agarrada e estuprada por um elemento até agora desconhecido. Segundo informações, o mesmo trajava bermudão e camisa branca.

Segundo declarações de Noel Gomes Corrêa, sua mãe, o bairro da Floresta efetuar uma cobrança. O menor foi violentamente estuprado por um elemento até agora desconhecido. A polícia anda em sua caça

## Pomba Gira

A mulher Ester Raquel Campos Miranda registrou queixa na polícia, que foi agredida por volta das 20:00 horas do dia 20, por um elemento desconhecido, residente à rua Boa Esperança, 371, bairro da Espe-

rança. Ressalta a queixa no momento da agredida mesma estava possuindo espírito da Pomba Gira, o que faz para maltratá-la. Responde aos bofetes.

## Curso para fotógrafo amador

O Foto Ótima avisa a todos os interessados que nos dias 11 e 12 próximos, estará promovendo um curso de fotografia para amador, na Casa de Cultura, no horário das 20 às 21 horas. O curso é aberto para todos que queiram iniciar no ramo ou já tenham conhecimento.

Os interessados podem fazer a inscrição grátis, no próprio momento do curso.

27 a 29 de novembro de 93



mandado para São Paulo, para o seu proprietário

## Polícia prende traficante Sabá Magro

Pereira de Oliveira, de 47 anos, foi pego pela Polícia Civil, mas se encontrava em casa, na Travessa Ant-1490, bairro do Carão, onde foi feita após várias horas por volta de zero hora de 16, terça-feira. O homem está há três dias na Delegacia Regional e não foi mandado para o Departamento de Polícia de São Paulo, onde vai ficar por mais de cinco

meses como é conhecido, com 80 gramas de pasta de cocaína, 10 papéletes de cocaína, 02 sacos com bisnólio, utilizado junto com a cocaína, além de material de embalagem do produto, e de venda. Em sua defesa, o acusado ainda tentou contratar o advogado Itamar Santos, da equipe, com a fiança de R\$ 250,00, mas não

O traficante responde a três inquéritos na polícia, sendo um por lesão corporal, uso de entorpecentes e por tráfico de entorpecente. Por ser reincidente na prática desse delito, vai cumprir de cinco anos para a frente, conforme informações da polícia. Segundo o escrivão Itamar, nenhum advogado quer trabalhar na defesa do elemento. Isso mostra que o seu caso é grave.

A pena de Sebastião de Oliveira, o Sabá, está determinada no Artigo 12 da Lei 6368, de 21 de outubro de 1976. Por ser crime de entorpecente, o crime é inafiançável. Ao ser ouvido pelo delegado Luis Carlos, que estava de plantão, Sabá se negou a assinar o flagrante, mas a polícia, baseada no artigo 304 § 3º do C.P.P. - Código de Processo Penal, tem todo o direito de fazer o flagrante. Até mesmo porque foi assinado por duas testemunhas que presenciaram a leitura do flagrante na presença do condutor e das testemunhas.

## Polícia Rodoviária atua com rigor

Rodoviária Federal, instalada efetivamente desde o dia 30 de julho, envolvendo um trabalho satisfatório para os municípios de Santarém e Itaituba, na região. A unidade, com a interferência do senador Sarinho atendendo ao pedido de Santarém, estava instalada hoje em Santarém, com a contribuição possível. Para isso, ela tem a participação de 17 pontos de atendimento.

Brandão, que chefe da Polícia, disse que está sendo efetivo o trabalho de orientação dos mesmos, segundo o que andar com tranquilidade e também equipamentos necessários ao veículo com as fábricas, sem deixar de garantir a segurança que é dada aos motoristas e

a dificuldade enfrentada pela Polícia Rodoviária é

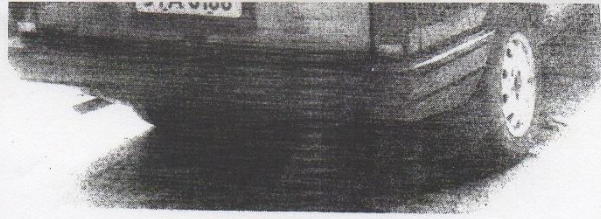


O inspetor Brandão (esquerda) com um agente

correr desta semana, mais quatro policiais, que trabalhavam na área de Itaituba. Com isso, os trabalhos serão reforçados, dando assim uma maior segurança à população.

A Polícia Rodoviária Federal

A sede da Polícia Rodoviária Federal está instalada provisoriamente no Terminal Rodoviário. O prédio próprio está sendo construído na rodovia Santarém-Cuiabá, próximo à Sandiesel.



O Parati GL também já esteve em poder do vereador

27 e 29 de agosto 94

## Aumenta o índice de violência na cidade

Existe uma preocupação muito grande por parte da população santarena, devido ao índice de violência que aumentou na cidade. Com a parada intensiva da Operação Patrulhão que vinha sendo realizada pela Polícia Civil e Militar, com bastante sucesso, as gangues voltaram a agir despreocupadamente.

A delegada Marlise Tourão, que está à frente da Superintendência Regional do Baixo Amazonas, ao ser procurada pela imprensa na semana que passou, se negou a falar sobre os motivos da paralisação efetiva do Patrulhão e sem nenhuma explicação disse que não sabia os procedimentos que a polícia iria tomar a respeito do caso. Afirmou porém que o

delegado Luis Carlos faria alguma observação sobre o assunto.

O delegado Luis Carlos, por sua vez, disse que a polícia continua realizando a Operação Patrulhão e ao ser questionado sobre os veículos que são utilizados para fazer os trabalhos, Luis Carlos disse que isso não é problema, pois todos estão funcionando normalmente. O certo é que sempre é constatado pela imprensa e pela própria população que passa pelo local, policiais empurrando os carros, para fazer funcionar.

O delegado afirmou à reportagem do JS que a violência aumentou 50% nesses últimos meses, mas a polícia vem tentando de todas as formas contornar o problema.



Quando nascemos ganhamos a vida como presente de Deus e quando perdemos, devemos oferecê-la como sacrifício do nosso Deus maravilhoso. Somos conscientes

A promotora pública Renilda Maria Guimarães

## Violência terá combate intensificado

A onda de violência tomou conta de Santarém e teve seu ápice com a morte do estudante Vladimir Galúcio Junior há quinze dias atrás na Travessa Turiano Meira. O estudante não teve nenhuma chance de defesa ao tentar impedir que elementos de uma gang levassem sua bicicleta Mountain Bike.

Já na semana passada mais dois crimes foram praticados em Santarém. Um jovem matou seu cunhado utilizando uma zagaia usada para a pesca de pirarucu. Um cabo do 3º BPM matou a chutes um elemento no bairro Nova República.

Todos esses casos e outros levaram o padre Valdir Silveira, vigário da paróquia de Nossa Senhora da Conceição, a tomar frente de um movimento, em busca de soluções para senão colocar um fim na onda de violência, pelo menos minorar. Ele conta com a participação de associações de bairros e outras entidades interessadas em ver o problema atacado de forma concreta.

Padre Valdir disse que a paróquia, Famcos e Associação de Moradores da Cohab, bem como a igreja da Interventoria, criaram várias comissões para tratar do problema. Um abaixo-assinado, com mais de novecentas assinaturas, foi enviado ao comando do 8º BEC pedindo alguma providência em relação aos vários terrenos que possui na cidade, já que em torno deles têm acontecido assaltos, violência e até morte.

Na resposta que obtiveram do

comando do 8º BEC, o coronel comandante afirma que os terrenos são da União, e que não pertencem àquela unidade militar. No entanto, segundo o comandante, os terrenos deverão ser cercados com muros altos, colocando por cima arame farpado, bem como fazer patrulhamento constante ao redor dos mesmos.

O vigário afirmou ainda que várias comissões deverão procurar os vereadores para pedir que encaminhem leis aos órgãos competentes para definição de um local que sirva de casa para recolher os menores infratores, que passarão a ter assistência e cuidados necessários a sua ressocialização.

Padre Valdir também afirma que a construção de PM boxes é pura ilusão para a população, pois os soldados ficam como se estivessem presos e sem qualquer possibilidade de se locomoverem. O PM-Box só protege a área em redor dele, assegura.

Para o vigário é impossível colocar em prática o Estatuto da Criança e do Adolescente em Santarém, e que por essa razão todos vão dizer que a culpa é dos menores. Enfatiza que vê em cada menor que puxa o gatilho contra alguém ou que assalta, todas as pessoas omissas. Nesta hora, enfatiza mais uma vez o religioso, não é só o menor que puxa o gatilho, mas também toda a sociedade que fecha os olhos para esse problema, assegurou padre Valdir.

aplicando golpes com pedaços de madeira. O menor, segundo o pai, teve que receber assistência médica numa unidade de saúde da cidade. Um dos elementos da gang é conhecido pelo **prenome César**.

### QUEIMADURA

A senhora Alice Gopfert, Galdino Veloso 891, centro, esteve na DP para registrar queixa contra Doraci de Sousa Cohen Torres. Segundo a denunciante, Doraci depois de lhe jogar álcool ateou fogo em seu corpo. O motivo do crime foi porque a acusada quer que Alice desocupe o imóvel onde mora. Doraci ficou de ser chamada pelo delegado José Ricardo para se explicar.

### AGRESSÃO

Temida por praticar agressões violentas contra pessoas incautas, membros da gang da Praça Tiradentes continuam aprontando. Na semana passada, segundo registro feito na DP, o vendedor Rubmilson Dolzanes Reis, 19, bairro Santarenzinho, quando se encontrava em uma das ruas do centro da cidade foi agredido fisicamente por vários elementos da gang, sendo que disse ter reconhecido o marginal de alcunha **Seboso**, que por diversas vezes já caiu nas mãos da Polícia.



zagaia



so meteu a zagaia na o cunhado

aberto inquérito policial. De acordo com inq. do coronel Trindade, ante do 3º BPM, a ficha ortamento do policial-manchada com diver-ências negativas.

17 a 19  
de nov. 94

## COMPLETO LABORATÓRIO DE REVELAÇÃO A CORES E ARTIGOS FOTOGRÁFICOS EM GERAL.

O Foto Ótima é qualidade e rapidez, tire 3 x 4 e ganhe como brinde um lindo chaveiro com sua foto.

E na revelação de seu filme, ganhe outro do mesmo tamanho para fazer novas fotos. E ganhe um POSTER de sua melhor foto.

Fones: 522-5988  
523-2142

No Foto Ótima  
é Vapt - Vupt.

Rua Floriano Peixoto, 746  
em frente o Bamerindus.

ORA

**POLÍCIA****Assaltos em Alenquer**

Delegacia de Polícia

**Assaltos em Alenquer**

Adelino Palma de tal, estão de Polícia está formulado o crime de roubo com violência no bairro de Alenquer, na freguesia de São Sebastião. Os dois menores foram colhidos na rua Flores, que se de ter sido

Pinto da Silva, presidente do Conselho Comunitário daquela vila, o trio de bagunceiros promoveu desordem durante a festa dançante e quebrou 13 telhas Brasilit, um isopor, duas mesas, uma cadeira, diversos tamborretes, a bicicleta do queixoso e amassaram o tambor de óleo do motor de luz da comunidade.

**Assaltos em Alenquer**

foi esfaqueado, sacou de seu revólver e baleou os menores que foram levados para a FNS. Depois de medicados, J.S.S. e R.E.S.S. voltaram para a Delegacia de Polícia.

Até fecharmos esta edição o vigia se encontrava hospitalizado na Fundação Nacional de Saúde. Os menores infratores foram apresentados na Central de Polícia pelo sargento PM Haroldo Pereira Rodrigues. O fato aconteceu no domingo.

**Morto às proximidades da casa de forró**

Às proximidades da Casa de Forró, bairro da Liberdade, foi preso no domingo passado, 24, o criminoso D.A.B., residente à Rua Campos Sales, 685, naquele bairro, que matou com um tiro de revólver calibre 38, na cabeça, o jovem Jadoson Raimundo Sarmento Marques, 17 anos, que morava no Beco Sofia Imbiriba, 564.

Segundo informações obtidas na central de Polícia, o criminoso e a vítima foram às vias de fato, e D.A.B. sacou de seu revólver e fez um único disparo que acertou a cabeça de Raimundo Sarmento, que teve morte instantânea. O homicida foi preso por uma guarnição da Polícia Militar e levado para a delegacia de Polícia. Sua prisão preventiva ficou de ser solicitada ao juiz da 4ª Vara Criminal.

**CALÇAS FOFAS**

Um grupo de calças fofas atacou e baleou o jovem Augusto dos Santos, 23 anos, residente à travessa Elnaldo Barbosa 303, bairro da Prainha. O jovem além de ser espancado e de ter uma moça que o acompanhava seu relógio tomado na marra, recebeu um balança nas costas. Encontra-se no hospital da Fundação Nacional de Saúde. Seu estado até a última terça-feira era crítico.

**Pai e filho foram parar na Polícia**

Na central de Polícia foram apresentados

**Ronda Policial**

Adriano Martins

**COLETIVO**

O português Adelino Bernardino Borges, comerciante, 43 anos, registrou queixa na central de Polícia contra um elemento de identidade desconhecida que atirou uma pedra contra dois vidros da janela de um de seus coletivos, danificando-as. Ele disse que mais tarde soube que o elemento chama-se Robson de tal, que mora no bairro do Ica.

**BOCA LOUCA**

Pelo sargento PM Holanda, foram apresentados na central de Polícia os elementos Artêmio José de Oliveira Pantoja, 25 anos, residente à Rua Madre Imaculada, 503, bairro da Prainha e Antônio Silva, 27 anos, residente no beco Basílio Antunes, 29, também no bairro da Prainha, e mais Edinaldo Souza Costa, 21 anos, que embriagados promoveram o crime de perturbação do sossego no Bar Boca Louca, sendo que Edinaldo já praticou um crime de homicídio no bairro da Liberdade, e estava respondendo a acusação em liberdade.

**FERIMENTO**

O pedreiro Jorge Monteiro, 45 anos, esteve na Central de Polícia para registrar queixa contra Paulo de tal, residente à Rua Jacaré-Acanga, por ter o mesmo agredido fisicamente o queixoso com uma paulada na cabeça e quebrado a chapa dentária. A vítima foi encaminhada ao Instituto Médico Legal.

**TRAMBIQUEIRO**

Mais um ferreiro — malandro que tenta vender cordão de ferro como se fosse de ouro, foi levado para a Central de Polícia. Trata-se de Vicente de Paulo Souza, cearense, 36 anos, residente à Avenida Borges Leal. O azar de Vicente foi que ele tentou vender o cordão para um soldado do 3º BPM, que acionou a RP comandada pelo tenente Machado.

**CALÚNIA**

Por ter caluniado a senhora Margareth Regina Almeida Lemos, de 18 anos, foi preso para o xadrez da central de Polícia o indivíduo Sidnei de tal, que também ameaçou de morte a referida senhora. Queixa foi registrada na DP.

**AGRESSÃO**

Parece que as agressões contra as mulheres vão aumentando de intensidade em Santarém. Quase que diariamente queixas são feitas na central de Polícia. E a senhora Arlene Araújo Maia, residente à rua Angelim, 2026, bairro do Santarenzinho, procurou a DP para denunciar seu marido Divaldir Gonçalves Gomes, que sem dó e nem piedade lhe agrediu violentamente. E não é a primeira vez. Das vezes anteriores, Divaldir já quebrou o nariz, a cabeça e feriu os ouvidos de sua mulher, que com ele não quer mais viver.

**ARROMBAMENTO**

A senhora Ivanilza Maria de Sousa Miranda, residente à Avenida São Nicolau, casa 11, na Cohab, esteve na DP para comunicar que sua casa tinha sido arrombada. Os



29 a 27 de março 95

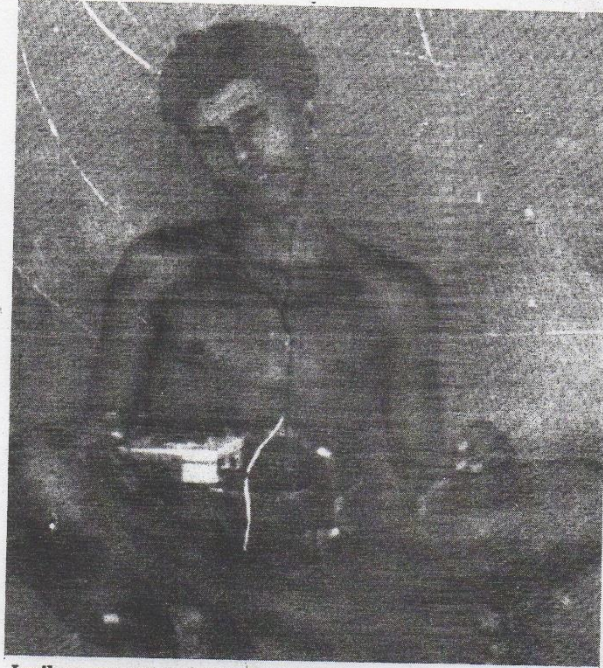
## JORNAL DE SANTARÉM

### Jonilson é morto com uma facada no coração

Jonilson Guimarães Ferreira, 22 anos que residia à Rua da Salvação, 49, Liberdade, foi morto com uma facada no peito e várias pauladas. O fato aconteceu por volta das 21:00h de domingo último, em meio uma briga de gangue, na esquina da Rua Benjamin Constant, c/Raimundo Fona, no bairro da Liberdade. "Traição", como era conhecido, estava em sua casa, quando três mulheres, uma delas identificada como Vanda, e um elemento conhecido como Rambo, foram até a residência e convidaram-lhe para ir à esquina.

Segundo informações da mãe de Jonilson, ele não queria sair de casa, mas por insistência das mulheres, acabou indo até o referido local para onde estava sendo convidado e encontrando a morte.

Para a polícia, os motivos que levaram a morte de Jonilson, foi um acerto de contas entre gangues, pois ele já teve várias passagens pela delegacia, por envolvimento com gangues de rua. O delegado Jamil Casseb, que investiga o caso, disse que tem pistas dos elementos da morte de Traição, um indivíduo de pré-nome Fábio, conhecido como Caco, e outro de alcunha Cheiro, são fortes suspeitos do homicídio ocorrido no bairro da Liberdade.



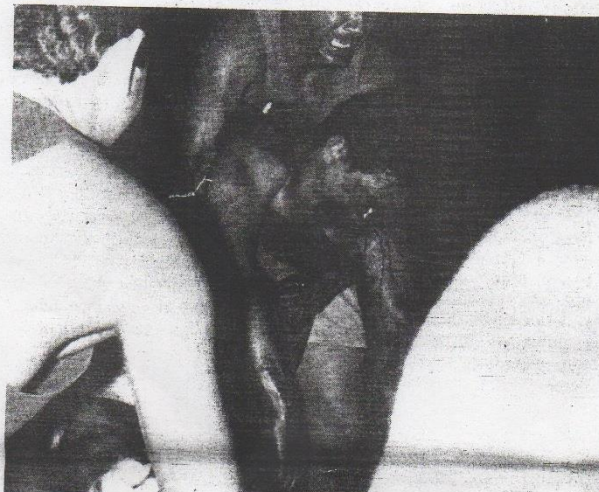
Jonilson morreu após receber uma facada certeira

### Moto pega fogo após colisão com Opala

O acidente aconteceu no cruzamento das avenidas Cuiabá com Tapajós quando o motoqueiro Paulo Sousa de Aguiar, 23 anos, residente no bairro do Urumari, pilotava uma motocicleta do tipo DT 180, foi atropelado por um carro Opala de cor branca e placas não identificadas. Informações no local, dão conta que Paulo transportava duas pessoas e uma delas conseguiu escapar do acidente, porque pulou ao perceber que o carro vinha em direção da moto.

O fogo tomava conta da motocicleta, populares socorriam a vítima levando para o hospital da Fundação Nacional de Saúde onde esteve internado em estado de coma. Paulo teve fratura no crânio e devido à gravidade do problema, ele foi transferido para a capital do Estado.

O motorista atropelador, cuja



### Seleção

Mesmo sem atuação, a seleção patou com a seleção x 1, sábado à tarde em Arizão na cidade de partida em que apresentar um resultado durante a semana. Valtter Lima não virigi a seleção físico Haroldo Figueira que a seleção cor no seu sistema conseguiu mostra combate no meio-campo Clodoaldo e Gatinham se destacar e duais, porque foram pelo resto do time.

Aos 36 minutos tempo, Gico cobrou máxima e abriu o placar para a seleção obidense. No logo aos 15 minutos empatou para a seleção. O meiocampista chegou a tocar na bola. Sel. Santarena e Nil, Luís Otávio e Fona (Nelzina Arinei (Cléber); Gato do.

### Cléo d

O atacante Cléo não disputará Santarena com a Francisco. Depois de com o presidente qual chegou, incluídas sérias acusações, o praticamente, sem ingresso no São Raimundo peão santarena. As ras não foram reveladas por futebol alv Lopes, que se limitou a dizer que o assunto está em nível de diretoria. Os treinamentos na cidade levando consigo todo o material.

### Tapajós

Aconteceu domingo no campo da comunidade Tapajós do 2º distrito. Futebol do Santarena campeão foi o Tapaná.

# Polícia

## “Zé Burraco” foi morto com mais de 17 facadas no Uruará



Mais um jovem foi vítima de assassinato no final da semana que passou em Santarém. Desta vez foi Edson Vieira dos Santos, de 17 anos de idade, residente na Rua Dom Pedro I, bairro de Santarém, foi morto com 17 punhaladas pelo corpo. O crime aconteceu por volta das quatro horas da madrugada do dia onze, domingo, no campo Peirão, no bairro do Uruará às proximidades do PM Box. O corpo de Edson, todo furado, só foi encontrado quando o dia amanhecer e populares passaram pelo local.

No registro policial o morto foi identificado como Edson Vieira dos Santos que tinha várias entradas na delegacia por desordem e era integrante de uma gangue de rua, onde era conhecido como “Zé Burraco”. A versão é de que o crime tinha ocorrido por vingança porque ele não queria mais fazer parte da gangue o que não foi aceito pelos “companheiros” que o mataram com 17 facadas. O forte suspeito é o elemento conhecido por “Limão” que estava na lista de procurados da polícia.

### Jovem foi morto após

### retornar da seresta

O jovem Alton da Silva, 26 anos, residente à Av. Pia-

cartucheira calibre 20. O assassinato aconteceu se Alton estava voltando de uma seresta



Nilton Gonzaga de Souza disse que estava bêbado quando matou sua vítima

### Tesouradas fatais matam padrasto violento

eram apro-  
lhe foi dada  
r. Trata-se  
ge Cleiton  
Raimundo  
sta Fera),  
tos; o trio  
biritas co-  
com vera-  
travam na  
A polícia foi  
iu prender  
poder dos  
rada uma  
re que na  
a a delega-  
carro da  
ma do es-  
s, que para  
dar um ti-  
undo Silva  
za", após o  
conduzida  
cional de



Hudson José: dívidas e proibições

## “Ratinho” é abatido na Nova República

Foi morto com dez tiros de revólver calibre 38 o delinqüente Francivaldo Pinheiro, vulgo “Ratinho” paraense, de 20 anos, residente à Rua 19, bairro da Nova República, o crime aconteceu às 18:30 horas, quando Francivaldo estava conversando com alguns amigos em frente à mercearia Sousa localizada no mesmo bairro. De repente surgiu um carro, tipo Gol, cor branca, com dois elementos encapuzados em seu interior, um ficou no volante e o outro desceu de revólver em punho logo atirando, Ratinho mesmo baleado saiu correndo e pedindo socorro, ainda conseguiu invadir uma construção, mais seu algoz o perseguiu e disparou mais alguns tiros na vítima que caiu sem vida debaixo de um canteiro de cebolinha, o assassino vendo que o corpo estava sem vida, ainda deu alguns pisões, voltou para o carro, que saiu em disparada, alguns populares disseram que o carro

estava sem placas, que por esse motivo não foi possível anotarem os números.

Francivaldo estava em Santarém a uma semana, pois tinha vindo de Manaus para rever seus familiares, e pretendia viajar para Porto Velho com o marido de uma assistente social, com a qual trabalhava desde quando estava internado na Pastoral do Menor daquela cidade. Ratinho teve várias passagens pela polícia quando era menor, pertenceu à gangue do famoso “Bacá”, bandido que desafiou a polícia santarena e tombou morto por dez policiais da cidade de Parintins, no Estado do Amazonas, pertenceu à quadrilha do assaltante “Teta” que está no presídio, sua morte é um mistério, pois durante sua vida de marginalidade possuiu vários inimigos, pois não levava desaforo para casa. Para a polícia, sua morte foi queima de arquivo ou acerto de contas.

o Estado não tem recursos para realizar concotação das vagas, a diretora do Fórum, dr<sup>a</sup> Céli junto à Prefeitura Municipal, os funcionários vagas existentes, que ficaram sendo funcionár disposição do Fórum, até que seja realizado o co o preenchimento das vagas existentes no Fó ocorrer talvez no próximo ano.

### JUIZADO DE PEQUENAS CAUSAS

Instalado no dia 08 de maio de 1992, numa de Fórum da Comarca de Santarém, o Juizado Info Causas, que teve à frente como seu secretário Sotusa Pantoja e como coordenador o diretor de cio, o Juizado Informal de Pequenas Causas, fu três anos, oito meses e dezessete dias tendo como vidades de atendimento de duas mil, seiscentos e soas.

### JUIZADO ESPECIAL DE PEQUENAS CAUSAS

A partir do dia 28 de agosto, foi instatado em zado Especial de Pequenas Causas, sob a coordena Regina Pinheiro e como secretário, o dr. Tadeu S

### JUIZ CRIMINAL REÚNE COM AUTOCORREÇÃO

Em reunião acontecida no dia 08 último, às 0 dio do Fórum, entre o juiz titular da 4ª Vara l Gomes Evangelista, comandante do 3º BPM; d Federal, inspetor da Polícia Rodoviária Federal, Civil, delegado da Capitania dos Portos e vários cidade santarena, foram tratados os assuntos cação no trânsito, visando a Semana do Trânsito tre os dias 17 à 24 do mês em curso.

### APREENSÃO DE VEÍCULO

Na reunião ficou certo de que as autoridades sito, farão blitz nas avenidas, praças e ruas de dendo veículos com documentos irregulares, m tado ou com habilitação vencida, menores dirigi e serão apreendidos os animais que estiverem ciu da cidade, ficou também definido que os veículos didos serão recolhidos em local apropriado no 8º

### MOTORISTA INFRATOR TEI SUA CARTEIRA APREENDIDA

Segundo a nova portaria do Detran, todo mot uma infração no trânsito, terá sua carteira apre no Detran e para aludido motorista tê-la de volt meter a novos exames. Na reunião ficou trata cução dessas medidas a serem tomadas pela aut

### PAIS SÃO RESPONSÁVEIS PELO FILHO MENOR NO VOLANTE

De agora em diante, o menor que for flagrad será o seu genitor responsável por essa infração e cometer algum acidente com vítima, o pai resp policial na Polícia e na Justiça, além do veículo fic

## ado nco

staprado a os Gomes. na polícia, eram que um pro- idaram a otel, só meça- mesmo receber prome- a o.

levan- egiane os dois ue se- ou a

4 a 18 de Set. 95



## COMPLETO LABORATÓRIO DE REVELAÇÃO DE CORES E ARTIGOS FOTOGRÁFICOS EM

O Foto Ótima é qualidade e rapidez, tire 3 x 4 e ganhe com um lindo chaveiro com sua foto.

E na revelação de seu filme, ganhe outro do mesmo tamanho fazer novas fotos. E ganhe um POSTER de sua me

Fones: 522-5988  
523-2142

No Foto Ótima é Vapt -

1 UNDA

n dos invasores providência por

Maria Lúcia residente à Trano bairro da teixou-se nas as da madruarrrombaram ram seu tele em dinheiro. s ainda foram a casa, mas conter o furto.

son Ferreira Av. Rui Barou na Central 5:50 horas do filho Ederson Garcia, de 4 na Av. Rui ao supermer de placas SP- u proprietário újo, cearense, à Agripina de restou socorro

lo Walter Tei- Av. São Sebasou na UP, que da sua fazenda Maria Costa her, Maria das o último dia 17, ão, placa da s, árvores frutabandonaram o limpeza contra mil cruzeiros ede providência

uperintendência gional do Baixo amento na Aveomh Travessa Silo praticamente adores iniciais, as oito. Segundo delegado José retor da Divisão ministrativa, o la parte da verba o projeto poderá momento, o que desenvolvimento litando a inaugu: do mês de maio

**MA**

s conhecidos por m e Rato", no ana que passou a Polícia Federal, erem furtado um edade do Ibama e máquina na cidade. Os maus elemen, o procurados já há ndo que terão que toridades policiais tador, o qual tamado pela PF.

ros, que também acusam José no, que é carregador naquela firma, de ter furtado dois pacotes de biscoito por ocasião de entrega de mercadorias na Disan.

**ROUPAS**

A comerciante Vanderléa Martins Costa, goianiense, solteira, 22 anos, Travessa 02 de Junho, 647, comunicou na Delegacia de Polícia que na madrugada do dia 18 passado, arrombaram sua loja e levaram inúmeras peças de roupas para adultos e crianças, avaliadas em Cr\$ 14 milhões. A loja fica localizada na Francisco Corrêa, 108.

**CHEQUE**

O comerciante Washington José Silva Maia, solteiro de 25 anos, Borges Leal, 511, bairro da Prainha, comunicou na Central que comprou na Armazém de propriedade de Nicolau de tal mercadorias no valor de Cr\$ 6 milhões e pagou com um cheque no valor de Cr\$ 9.555.000,00 da praça de Belém, Banco Real, emitido pela firma Servinorte. O comerciante explica que Nicolau aceitou o cheque, ficando de voltar a diferença, o que não havia acontecido até o dia 19 passado pela manhã.

**FLAGRADO**

Acusado de ter furtado uma carteira de cigarros LM do supermercado Xingu, localizado na Travessa Padre João, foi apresentado na Delegacia Central Alcides Conceição de Araújo, Rua Benjamin Constant, 2909, bairro da Aldeia. Segundo informações, o acusado entrou no estabelecimento, comprando uma carteira e surrupiando outra, quando foi flagrado.

**PASTA ROUBADA**

O cearense José Edmar Firmino de Farias, casado, 40 anos, Avenida Rui Barbosa, 1986, Aldeia, foi à polícia para dizer que por volta de seis e meia da tarde do último dia 18, quando conversava com seu pai, no bairro do Aeroporto Velho, deixou no interior de seu carro uma pasta de couro contendo, inúmeros documentos e Cr\$ 3.600.000,00. Ao retornar para o veículo notou que havia sido roubado.

**MORREU NO GARIMPO**

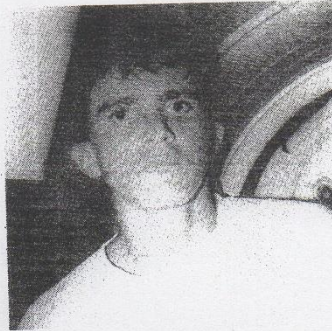
Maria Silvanira Costa, solteira, 24 anos, Rua Padre Bettendorf, 170 bairro da Interventoria, registrou queixa na polícia, informando que há dois meses o elemento conhecido por "Abacate" levou para o garimpo São Domingos a jovem Meire Seixas da Costa, de maior idade, a qual segundo informações ficou na boate do elemento conhecido por "Galetão". Ocorre que às 17:30 horas do último dia 17, a mesma veio a falecer, sendo que seu patrão, no entanto, não quer se responsabilizar em mandar o corpo para Santarém. Maria Silvanira pede urgentes providências da polícia.

jovem, Erimino foi preso pelo agente de polícia de Alter do Chão Manoel Nazareno Mourão, que o trouxe para a DP, em em uma viatura, acompanhado do tenente PM Carlos Alfredo.

**Menor é acusado como pivô de assassinato**

Na permanência da Central foi apresentado o menor das iniciais J.A.O.L., 17 anos, residente na localidade Cuipeua, município de Alenquer, que está sendo acusado de estar envolvido no assassinato da doméstica Eliene Figueiredo Nascimento, 19 anos, sendo que como matador aparece o elemento Francisco Lopes, 24 anos, que está foragido.

A morte de Eliene ocorreu no dia 14 deste mês, por volta das 19 horas, por ocasião de uma briga entre o acusado e o marido da vítima, Geraldo de Sousa Jesus. Quando Eliene tentou apaziguar a desavença entre o assassino e seu marido, recebeu uma facada no tórax e morreu instantaneamente. O envolvimento do menor é porque o mesmo foi o pivô da briga entre Geraldo e Francisco.



Galigal, caiu na folia e nas mãos da polícia

**Galigal foi preso desfilando na avenida**

Quando brincava o carnaval em plena Avenida Rio Branco usando uma peruca e com o corpo pintado, o que dificultava seu reconhecimento, foi preso o bandido Arnaldo Godinho Paz de Andrade, vulgo Galigal, que tem contra si mandado de prisão preventiva expedido pela Justiça. Galigal foi preso por policiais militares que davam segurança ao desfile e imediatamente o cercaram e prenderam. O bandido foi levado para a Central de Polícia.

Galigal é acusado de chefiar gangues na cidade, de formação de quadrilha, de assalto a mão armada e por inúmeros roubos. Ultimamente vinha praticando assalto no interior de coletivos urbanos. Após prestar depoimento ele foi enviado ao presídio da cidade.



Advogado José Maria, assessor jurídico sil



1º tenente da Aeronáutica Juvenal e



Médico Álvaro Duarte e esposa

**Ninguém é d**

Como ninguém é de ferro popular. Neste carnaval, os a sores públicos, promotores e serventuários ligados ao eno, deixaram de lado seus soais e em parte profissional folia do Rei Momo.

**Piracai**

Cynthia Fernanda Oliveira S advogado Celso (Fernanda) Soares, mente no concurso da Ulbra, para l se em Direito pela Unespa, no capit Carlos Rufino Júnior, filho do advog recém-formado é funcionário do T Estado. ///// A Biblioteca dr. Silv recentemente inaugurada no Fóru com as portas abertas para pesqui res e estudantes de Direito, como t timos das obras publicadas, pode zada por outras pessoas ligadas a para consultas. no horário das 08:0 Tudo grátis. ///// Aniversaria no sargento PM. Mamede, responsá juizes e promotores do Fórum de bens da coluna. ///// Ainda não est a situação da Câmara de Veread Ao que se sabe, um desembargado mandou suspender a liminar conc Nunes, que destituiu toda a direto lativa. ///// A liminar, teve como das durante a votação para a pre Vereadores. ///// Aliás, que o p mado com estas decisões, que sei pública. ///// O Tribunal do Júri 1822, como um tribunal de Execu os Crimes de Imprensa. ///// Ulb rana em Santarém. Sendo denun Luiz Antônio e advogado Ubiraj: Dizem os denunciantes, que a Ul pode funcionar como extensão de como Campos Universitário. ///// rolar. ///// Para a eleição do plei funcionarão 479. seções em Sant Pretinhas.

27 a 1 de março de 93

Conselho de Sentença

## Membro de gangue condenado a 10 anos

Evaldo Miranda dos Santos, vulgo "Pindoba", foi o último réu a ser julgado pelo Tribunal do Júri Popular, no dia 17 de dezembro, para responder por seu crime praticado no dia 19 de setembro de 92, vitimando Joélcio de Souza Mota, a golpes de cacete às proximidades da danceteria Bom Paladar, durante uma briga de "gangue".

Pindoba, conhecido chefe de gangue, juntamente com o menor vulgarmente conhecido por "Tio", também membro de "gangue", que há muito vinham apavorando a população santarena, ao encontrarem-se com a vítima Joélcio de Souza Mota, após tomarem algumas doses de cachaça em um bar próximo ao Bom Paladar, investiram contra Joélcio, desferindo violento golpe com uma perna manca, provocando o dilaceramento de suas vísceras causando-lhe morte imediata.

**DEBATES**

Nas duas horas dedicadas à sustentação oral para a acusação patrocinada pelo Ministério Público, a promotora Vera Pinheiro explicou de forma primorosa a sua tese de Homicídio Simples, fazendo uso total de seu tempo determinado, indo a réplica, onde concluiu a explanação de sua tese, mostrando os perigos que corre a sociedade com as investidas das equipes de "gangue", que não só perturbam o sossego chegando ao ponto de causar morte de pessoas inocentes pondo em risco a segurança de adultos e crianças que diariamente são assaltadas e agredidas por estes elementos que desde cedo já mostram sua índole para o crime e que precisam de uma punição não para que sirva de exemplo mas para que se tenha um ponto final nestes atos.

O advogado de defesa, Walter Cardoso, uma das revelações no Tribunal do Júri, atuando individualmente em 3 julgamentos, sem conseguir uma absolvição, defendeu a tese de "Negativa de Autoria", alegando que o Inquérito Policial deixava dúvidas quanto à sua elaboração pretendendo tirar a culpa do menor conhecido por "Tio", para jogar a culpa em Pindoba, porque era de maior idade.

Aí estava a prova de que Pindoba só foi preso no dia 20 de setembro, vindo somente a ser interrogado no dia 22 do mesmo mês pela

parte da tarde entre as 17 e as 19:00 horas, que nem o Inquérito sabia definir a hora exata.

Para o defensor de Pindoba, o seu cliente entrou de laranja, somente para dar uma satisfação à sociedade.

**SENTENÇA**

Ao final dos debates, o Conselho de Sentença rejeitou a tese de "Negativa de Autoria", defendida pela defesa, por seis a um, reconhecendo a responsabilidade criminal do réu pela morte de Joélcio de Souza Lima, como incurso nas penas do art. 121 "Caput", que prevê a pena de 06 a 20 anos de reclusão.

O juiz Cláudio Montalvão das Neves considerou que a culpabilidade do réu é patente aos seus antecedentes que registrou não ser réu primário com conduta social e personalidade anormal, voltada para o crime, sendo desfavorável ao réu e que a vítima contribuiu para o crime, aplicou a pena condenando Evaldo Miranda dos Santos a pena base de 10 anos de reclusão, transformando a pena base em definitiva e concreta em 9 anos de reclusão, em face de militar em favor do réu a circunstância atenuante prevista no art. 65 item I do CPB.

A pena a ser cumprida inicialmente em regime fechado na Penitenciária Fernando Guillhon, no município de Santa Izabel do Pará.

**RECURSO E INCIDENTE**

O advogado Walter Cardoso irá recorrer durante o prazo de cinco dias a que tem direito para impetrar o recurso, sob a alegação de que o Conselho de Sentença ao menos reconheceu o atenuante de que o réu é menor de 21 anos de idade e que consta nos autos.

O menor infrator também é membro de gangue e que estava presente ao assassinato, conhecido por "Tio" a quem se atribui, segundo familiares de Pindoba o verdadeiro autor do crime, estava presente ao julgamento na platéia.

Após leitura da sentença condenatória, os familiares de Pindoba, do lado de fora do prédio do Fórum, ameaçaram linchar "Tio", sendo necessário a interferência dos policiais militares do Fórum que levaram ao conhecimento do juiz Cláudio Montalvão das Neves, que mandou que o menor fosse à Delegacia Central de Polícia registrar ocorrência do fato.

"Aplicação nos casos concretos e acima de tudo para fazer valer a verdadeira justiça. O processo apresenta consequência vindo o acusado expedido o correto."



Conselho de Sentença

## Crime do estu envolto em mi

Antonio Coelho Figueira compareceu à Delegacia Central de Polícia, no dia 24, para registrar ocorrência que seu filho, de nome Antenor Coelho Figueira Júnior, 16 anos de idade, estudante, residente à Rua Óbidos s/nº, bairro da Interventoria, fora abatido com um tiro de revólver calibre 38, pelo elemento conhecido por Antonio José Mota Soares, vulgo "Zecão", residência ignorada, sabendo-se ser funcionário do garimpeiro conhecido por Zezão do Abacaxi, proprietário do garimpo do Abacaxi e da fazenda Rosa de Maio.

Segundo o apurado da Polícia Civil, Antenor Coelho encontrava-se tomando conta do bar de seu pai, localizado à Avenida Borges

Leal, nº 2678, quando Zecão de cor branca cada sua mar passou por qu ao bar, por vo

Quando A trava-se em : desceu da mo disparou um lhe morte ii em seguida do

A Polícia c cias sem êxito mento, mais apresentará p acompanhado ra explicar o i que ao que tu por vingança c

Sábado 01 a 03 de Jan. de 94

**COMPLE**  
**CORES E**

O Foto Ótin  
um lindo che

mais de cinco anos com o agricultor Rubens dos Santos, num relacionamento cheio de brigas

onde travou luta corporal com o cunhado e vendendo que levava desvantagem, aplicou-lhe duas

uma das vezes daquela especializada até a decisão do juiz competente.

mente com o te à dancete causando séri lo da televisã da Vespa qu zados na Fur Saúde em est

Ao sairem as ruas estav vido o péssi neamento e que juntame: ros buracos ( inúmeros a bilísticos.

A veículo c que fazia a c val, ao tent veículo, pass buraco cober dendo a dire contra-mão,

## Gangue do Galigal já está no Presídio

Não demorou muito para que o terrível bandido conhecido no submundo do crime por "Galigal", voltasse a cair nas mãos da Polícia após passar mais de um ano recolhido ao Presídio da Interventoria, acusado de vários assaltos na cidade.

Dia 1º, por volta das 21:00 horas, na estrada do Aeroporto Velho, Galigal, chefiando uma gangue composta de Raimundo Souza Pereira, vulgo "Besta Fora", 18 anos, residente na Avenida Curuá-Una com Borges Leal, bairro da Prainha; Madson Franklin Monteiro, residente na Avenida Altamira 712, bairro da Prainha e Marcos Wilson Dantas, residente à Avenida Padre Gentil, bairro da Prainha, ao tentarem assaltar um ancião de 62 anos de idade, foram surpreendidos por Clorisvaldo Soares dos Santos, que, ao evitar o assalto, terminou sendo atingido com um tiro de escopeta caseira desferido por Galigal.

Galigal e sua gangue, aproveitando a pouca movimentação

da pista do Aeroporto Velho, pretendiam assaltar um ancião que passava pelo local. Deparando-se com a cena do assalto, o balconista Clorisvaldo Soares dos Santos, de 26 anos de idade, residente na Rua Frei Vicente, 402, bairro do Aeroporto Velho, saiu em defesa do ancião, sendo encarado pelos assaltantes que além de lhe roubarem um relógio de pulso e uma bicicleta, recebeu um tiro desferido por Galigal, derrubando-lhe ao solo.

Clorisvaldo registrou queixa na Delegacia Central de Polícia e ao mesmo tempo, uma equipe de policiais chefiada pelo delegado Luiz Carlos, saiu no encalço dos assaltantes, conseguindo prender toda a gangue que estava escondida em um terreno baldio no Beco do Norte, reduto costumeiro e toca de marginais.

No momento da prisão o delegado Luiz Carlos se fazia acompanhar do também delegado de Polícia Federal Paulo Lola. Galigal reagiu à voz de prisão, partindo com uma faca para cima de Paulo Lola, com a



Galigal já está no Presídio

intenção de esfaqueá-lo, recebendo um tiro na perna esquerda desferido pelo delegado Luiz Carlos, para evitar que Galigal ferisse o delegado da Polícia Federal.

Galigal e sua gangue foram conduzidos à Central de Polícia, sendo mantido o flagrante pelo juiz Antonio Carlos Teixeira que mandou que os mesmos fossem guardados no Presídio da Interventoria até o pronunciamento final da Justiça.

Um grave sexta-feira, rras, na Travi causado pela de um mora vnal que r via pública c esqueceu de fosse dele, de automóvel J na, 32, resid José, Centro trafegava 1 Treze de Me do momento arrastando 1 e ao desvi: morto, bateu



Carlinho, Madson e Besta Fera, membros da gangue de Galigal

sub. 12 a 14 de fev. 94



Santana est

rou a redação do **Jornal de Santarém** para denunciar sua ex-mulher que está lhe impedindo de ver seus filhos, já que a

seguinte as coisas mudam", disse. Ele acha, inclusive, que ela precisa de um acompanhamento médico (psicólogo).

seus próprios vizinhos e que seus filhos estão passando por uma lavagem cerebral. Eles só estão ouvindo a tem

## Juiz manda quadrilha do "Teta" para o presídio

O juiz da 4ª Vara Penal, dr. Ademar Gomes Evangelista, decretou a prisão temporária dos assaltantes Alberto Brito de Andrade (o Teta), Ronaldo Pantoja (Ronaldinho - ex-presidiário), Lucivaldo da Silva (Luci), ambos fazem parte da quadrilha do bandido "Teta", que há muito tempo vinha fazendo vários assaltos em nossa cidade; assaltaram o minibox Alfa, rendendo para o bando a quantia de três mil quinhentos reais. Outro assalto que cometeram foi contra o irmão do advogado criminalista Wilson Dolzanes, Lúcio Dolzanes, que estava dentro de um carro juntamente com sua namorada, em uma rua do bairro da Prainha, os bandidos renderam seus ocupantes, mas devido a reação de Lúcio, um dos assaltantes (Ronaldinho), disparou um tiro na perna e deu uma corronhada. Levaram o carro deixando sua vítima no chão toda ensanguentada. A polícia foi comunicada desse assalto. O delegado Jamil Farias Caseb, montou uma equipe e saiu à caça dos bandidos, e num trabalho árduo conseguiu capturar todos elementos que participaram do assalto, ainda conseguiu recu-

perar vários televisores, bicicletas, armas de fogo que estavam em poder da quadrilha.

### VACILO

Os presidiários que estavam em liberdade condicional prestando serviços ao Fórum de Santarém, não souberam aproveitar a chance que lhe foi dada e voltaram a aprontar. Trata-se dos elementos Jorge Cleiton Parentes (Batoré), Raimundo Silva Pereira (Besta Fera), Elielson Araújo Matos; o trio após beber algumas biritas começaram a bagunçar com veranistas que se encontravam na praia do Maracanã. A polícia foi acionada e conseguiu prender os acusados, e em poder dos mesmos foi encontrada uma arma tipo 7.65; ocorre que na vinda dos presos para a delegacia, quiseram virar o carro da polícia e tomar a arma do escrivão Cleber Antunes, que para não morrer teve que dar um tiro na perna de Raimundo Silva Pereira o "Besta Fera", após o incidente a vítima foi conduzida para Fundação Nacional de Saúde.

## Homem morre soterrado ao derrubar um barranco

Quando trabalhava retirando terra em um barranco, no bairro de Nova República, o senhor Marroque de Azevedo, residente à Travessa prof. Carvalho, 1517, foi soterrado, morrendo instantaneamente. O Corpo de Bombeiros foi até o local conseguindo retirar o corpo sem vida do infeliz trabalhador. Afí fica o alerta para aqueles que deprezam a natureza.

### ACUSADOS DE ESTUPRO

Antônio Martins dos Santos, casado, 32 anos de idade, residente no bairro da Nova República, e Antônio Farias, foram

acusados de terem estuprado a mulher Regiane Santos Gomes. Em seu depoimento na polícia, os dois Antônio disseram que estavam a fim de fazer um programa diferente, convidaram a mulher e foram a um motel, só que beberam muito e começaram a pegar fogo mais mesmo assim a mulher quis receber quinze reais que tinham prometido, aí o sururu foi formado.

A polícia foi acionada levando todos para o xadrez Regiane recebeu seu dinheiro, e os dois curtiram uma cadeia, o que seria um programa legal, virou a noite do pesadelo.



Hudson José: dívidas e proibições

## "Ratinho" é na Nova Re

Foi morto com dez tiros de esta revólver calibre 38 o delinquente Francivaldo Pinheiro, vulgo "Ratinho", paraense, de 20 anos, residente à Rua 19, bairro da Nova República, o crime aconteceu às 18:30 horas, quando Francivaldo estava conversando com alguns amigos em frente à mercearia Sousa localizada no mesmo bairro. De repente surgiu um carro, tipo Gol, cor branca, com dois elementos encapuzados em seu interior, um ficou no volante e o outro desceu de revólver em punho logo atirando, Ratinho mesmo baleado saiu correndo e pedindo socorro, ainda conseguiu invadir uma construção, mais seu algoz o perseguiu e disparou mais alguns tiros na vítima que caiu sem vida debaixo de um canteiro de cebolinha, o assassino vendo que o corpo estava sem vida, ainda deu alguns pisões, voltou para o carro, que saiu em disparada, alguns populares disseram que o carro

tuit de c as tem

esta esse anot Fr Sant pois para prete Velh assist traba tava do M Rati gens men do fi que rena polic tins, nas, do está um sua poss não sa. I foi acer

COMI

## REFERÊNCIAS

### Fontes documentais

ANJOS do mal promovem vandalismo. **Jornal de Santarém**, Santarém, jan. 1990.

ARRUACEIROS foram parar na cadeia. **Jornal de Santarém**, Santarém, 27abr. 1990.

AUMENTA o índice de violência na cidade. **Jornal de Santarém**, Santarém, 29 ago 1994.

CALÇAS- fofas curram garota na vila arigó. **Jornal de Santarém**, Santarém, 02 mar. 1992

CRIANÇAS continuam cheirando cola na praça. **Jornal de Santarém**, Santarém, 2 mai. 1994.

DELEGADA diz que violência do menor é igual ou maior do que na capital. **Jornal de Santarém**, Santarém, 30 mar. 1992.

DELINQUÊNCIA juvenil teve 398 casos em 1991. **Jornal de Santarém**, Santarém, 27 jan. 1992.

ESCOLA frei Ambrósio é ameaçada por vândalos. **Jornal de Santarém**, Santarém, 9 abr. 1990.

ESTUDANTE é morto em frente à danceteria. **Jornal de Santarém**, Santarém, 31 mai. 1993. Pg. 11

FORÇAS armadas para combater criminalidade. **Jornal de Santarém**, Santarém, 24 out 1994.

GALILAL foi preso desfilando na avenida. **Jornal de Santarém**, Santarém, 1 mar. 1993.

“GANGUES aterrorizam os bairros”. **Jornal de Santarém**, Santarém, 20 jun. 1994. Pg. 11

GANGUES se aproveitam das festas juninas. **Jornal de Santarém**, Santarém, 11 jul. 1994.

GANGUE do galigal já está no presídio. **Jornal de Santarém**, Santarém, 14 de fev. de 1994.

JONILSON é morto com uma facada no coração. **Jornal de Santarém**, Santarém, 27 mar. 1995.

MEMBRO de gangue condenado a 10 anos. **Jornal de Santarém**, Santarém, 03 de jan. 1994.

MORTO as proximidades da casa do forró. **Jornal de Santarém**, Santarém, 02 jul. 1990. pg. 7

MUSSUM e sua gang são engaiolados. **Jornal de Santarém**, Santarém, 27 abr. 1990.

PIVETES infernizam na praça da matriz. **Jornal de Santarém**, Santarém, 27 set. 1993.

PRESÍDIO está superlotado. **Jornal de Santarém**, Santarém, 17 mai. 1993. Pg. 11

QUADRILHA liderada por “teta” é presa. **Jornal de Santarém**, Santarém, 11 de set. 1995.

“RATINHO” é abatido na nova república. **Jornal de Santarém**, Santarém, 18 set. 1995.

SANTARÉM terá distritos policiais. **Jornal de Santarém**, Santarém, 06 abr. 1992.

SANTARÉM virou território livre – sem polícia nas ruas a violência tomou conta e já invadiu o PSM - Insegurança no hospital municipal- funcionários podem abandonar o posto por falta da polícia. [joséronaldodiascampos.blogspot.com](http://joseronaldodiascampos.blogspot.com). Disponível em: <<http://joseronaldodiascampos.blogspot.com.br/2014/04/santarem-virou-territorio-livre-sem.html?m=1>> Acesso em: 6 abr. 2014.

“VERA PAZ” morre banhado em sangue. **Jornal de Santarém**, Santarém, 12 jul. 1993. Pg.11.

VIOLÊNCIA. **Jornal de Santarém**, Santarém, 29 nov. 1993.

VIOLÊNCIA tem combate intensificado. **Jornal de Santarém**, Santarém, 19 nov. 1994.

“ZÉ BURACO” é morto com mais de 17 facadas no Uruará. **Jornal de Santarém**, Santarém, 19 jun. 1995) pg. 11.

### **Referências bibliográficas**

ANDRADE, Rosane. **Fotografia e antropologia: olhares fora-dentro**. São Paulo: Estação Liberdade; EDUC, 2002.

ARAÚJO, Telmo R. S. **Sob a luz do livre arbítrio: raça, mestiçagem e criminalidade.** In: ARAÚJO, Sônia Maria da Silva (Org.) **JOSÉ VERÍSSIMO - raça, cultura e educação.** UFPA: 2007. Pg. 99- 136.

BECKER, Howard Saul. **Conferência a Escola de Chicago.** MANA 2(2):177-188, 1996.

\_\_\_\_\_. **Outsiders: estudos de sociologia do desvio** / Howard S. Becker; tradução Maria Luiza X. de Borges; revisão técnica Karina Kuschnir. - 1.ed.- Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

BOURDIEU, Pierre. **A miséria do mundo/ sob direção de Pierre Bourdieu; com contribuições de A. Accardo...**et. al. 7. Ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

BOUSSEVAIN, J. **Apresentando amigos de amigos: redes sociais, manipuladores e coalizões.** In: Fieldman- Bianco, Bela(Org.). *A antropologia das sociedades complexas.* São Paulo: Global, 1987. Pg. 195-223.

CARNEIRO, C.M.Q., **Estrutura e ação: aproximações entre Giddens e Bourdieu.** Tempo da Ciência, 2006. (13) 26. Pg. 39-47.

CARVALHO, Giane Alves de. **Conflito, violência e tragédia da cultura moderna: reflexões à luz de Georg Simmel.** Revista Brasileira de Segurança Pública. Ano 1. Ed. 2. 2007.

COHEN, Stanley. **Folk Devils and Moral Panics: The Creation of Mods and Rockers.** London, MacGibbon & Kee, 1972.

COSER, Lewis. **Masters of sociological thought: ideas in historical and social context.** Second edition. New York : Harcourt Brace Jovanovich, 1977.

COULON, Alain. **A Escola de Chicago.** Tradução: Tomás R. Bueno. Campinas, SP: Papyrus, 1995.

DURKHEIM, Émile. **As Regras do Método Sociológico,** Lisboa, Editorial Presença. (1980).

DURKHEIM, Émile. **Da divisão social do trabalho.** Tradução: Eduardo Brandão. – 2ª ed. - São Paulo: Martins Fontes, 1999.

ELIAS, Norbert. **Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.

FERREIRA, Pedro Moura. **Infracção e censura - representações e percursos da sociologia do desvio.** *Análise Social*, vol. XXXIV (151-152), 1999 (2-3.º), 635-667.

FOOTE-WHITE, Willian. **Sociedade de esquina: a estrutura social de uma área pobre e degradada.** Tradução: Maria Lúcia de Oliveira; Revisão técnica, Karina Kuschnir; apresentação Gilberto Velho. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2005.

GIDDENS, Anthony. **A constituição da sociedade**/ Anthony Giddens; Tradução: Álvaro Cabral. – 2ª ed. – São Paulo: Martins Fontes. 2003.

GOFFMAN, Erving. **Estigma**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

GEERTZ, Clifford. **El antropólogo como autor**. Barcelona: Paidós, 1989.

\_\_\_\_\_. **Nova Luz sobre a antropologia** / Clifford Geertz; tradução, Vera Ribeiro; revisão técnica, Mari Clara Pereira Coelho. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2001

HOLSTON, James. **Cidadania insurgente: disjunções da democracia e da modernidade** no Brasil. Tradução: Claudio Carina; revisão técnica: Luísa Valentini. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

KUPER, Adam. **Antropólogos e Antropologia**. Tradução: Álvaro Cabral. Rio de Janeiro, F. Alves. 1978.

Latour, Bruno. "**Como prosseguir a tarefa de delinear associações?**", Tradução: José Pinheiro Neves e Luís Tavares. In Configurações. nº 2, 2006.

LATOUR, Bruno. **Reagregando o social**. Bauru, SP: EDUSC/Salvador, BA: EDUFBA. 2012.

LEACH, Edmund R. **Sistemas políticos da Alta Birmânia**. Tradução: Antonio de Pádua Danesi, Geraldo Gerson de Souza e Gilson César Cardoso de Sousa. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo. 1966.

LEMERT, Edwin. **Social Pathology**, Nova Iorque, McGraw-Hill. 1951.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Objeto, método e alcance desta pesquisa**. In: Zaluar, Alba (Org.). Desvendando máscaras sociais. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves editora. 1975. Pg. 39-62

MALINOWSKI, Bronislaw. **Uma teoria científica da cultura**. Rio de Janeiro. Zahar Editores. 1975.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e antropologia**. Tradução: Paulo neves. 1ª ed. São Paulo: Cosac & Naify. 2003.

MAYER, Adrian. C. **A importância dos "quase-grupos" no estudo das sociedades complexas**. In: Fieldman- Bianco, Bela(Org.). A antropologia das sociedades complexas. São Paulo: Global, 1987. Pg. 127-158.

OLIVEIRA, Janete Marília Gentil Coimbra de. **Expansão urbana e periferização de Santarém-PA, Brasil: questões para o planejamento urbano**. Diez años de cambios en el Mundo, en la Geografía y en las Ciencias Sociales, 1999-2008. Actas del X Coloquio Internacional de Geocrítica, Universidad de Barcelona, 26-30 de mayo de 2008. *Disponível em* <<http://www.ub.es/geocrit/-xcol/268.htm>>. Acesso em: 27 jun. 2016

OLIVEN, Ruben George. **A antropologia de grupos urbanos** / Ruben George Oliven. 6. ed. - Petrópolis, RJ: Vozes. 2007.

PARSONS, Talcott. **O conceito de sistema social**. In: Cardoso, F. H e Ianni, O. (Org.). Homem e sociedade: leituras básicas de sociologia geral. 14ª ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1984.

PEIRANO, Mariza. **A favor da etnografia**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995.

RADCLIFFE-BROWN, A. R. **Estrutura e função na sociedade primitiva**. Tradução de Nathanael C. Caixeiro. Petrópolis. Ed. Vozes. 1973.

RELAÇÃO de bairros, distritos e povoados do município de Santarém (PA). **mbi.com** (índice de bairros e demais núcleos populacionais). Disponível em: <<http://www.mbi.com.br/mbi/biblioteca/cidade/santarem-pa-br/>>. Acesso em: 27 jun. 2016.

SÊGA, Augusto Rafael. **O conceito de representação social nas obras de Denise Jodelet e Serge Moscovici**. Anos 90. Porto Alegre. Nº 13. Jul. 2000.

SÍNTESE de informações. **IBGE- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. Disponível em: <<http://cod.ibge.gov.br/520>> Acesso em: 27 jun. 2016.

VELHO, Gilberto. **Desvio e Divergência: uma crítica da patologia social**. Gilberto Velho, org. – 8 ed. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Ed. 2003

\_\_\_\_\_. Becker, **Goffman e a Antropologia no Brasil**. Ilha, 2002.

WIEVIORKA, Michel. **Em que mundo viveremos?** São Paulo: Ed. Perspectiva, 2006.

ZALUAR, Alba. **Desvendando máscaras sociais**. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves editora. 1975.

ZALUAR, Alba. **UM DEBATE DISPERSO violência e crime no Brasil da redemocratização**. São Paulo em perspectiva. 1999.